

Diario de Lisboa

Edição Mensal

Número avulso: 1200 ESCUDOS Administrador e editor MANZONI DE SEQUEIRA ADMINISTRAÇÃO—Rua da Rosa, 17, L. Endereço Telegrafico: DIBO4	DIRECTOR JOAQUIM MANSO	Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA Redacção, composição e impressão RUA LUZ SORIANO, 48 TELEFONES—2 011, 2 012 e 2 013 Endereço telegrafico: DIBO4
---	----------------------------------	--

N.º 3 1 a 30 de Junho de 1933 1.º ANO

Artigos.— Noticias.— Informações.— Gravuras, desenhos, caricaturas, fotografias.— O que vai pelo mundo.— O que se passou em Portugal.— A Politica, a Economia, o Direito, o Comercio, a Industria e a Agricultura.— As Ciencias.— A Historia e a Geografia.— As Letras e as Artes.— A vida social, a vida feminina, a vida religiosa.— O riso e a caricatura em Portugal e no estrangeiro.— A moda.— Os "sports,"— Os livros que se publicaram. — As conferencias que se fizeram. — Os melhores artigos conferenciados. — As exposições. — Os que triumpharam. — Os que morreram. — O que se fez. — O que se pensou. — O que se viveu. — A vida de

SUMARIO

DE ALGUNS ARTIGOS

Philosophia de todos os dias para uso de toda a gente, por *Mafusa*.
A Industria Nacional, por *Ferreira da Costa*.
Historia da Phisica Medica em Portugal, pelo *Dr. Silve Carvalho*.
O vestuario portuguez da Idade Média, por *Quirino da Fonseca*.
Heraldica de soberania do Imperio Portuguez de Além-mar, por *Alonso de Dornelas*.
Os descobrimentos maritimos e os tecnicos da navegação, por *Gago Coutinho*.
Peço desculpa... pelo *Dr. Brito Camacho*.
A Paiz do Livro, por *Belo Redondo*.
Balthazar e desportos, pelo *Dr. Ricardo Jorge*.
A Defesa Nacional, por *Neurilo de Oliveira*.
Movimento desportivo, por *Mario Boal*.

publicaram. — As se fizeram. — Os que se escreveu. — As premières. — As Os concertos. fam. — Os que — O que se se disse. — pensou. — viveu. — um mês.

INDICE DAS DIVISÕES DO "DIARIO DE LISBOA", MENSAL

I-- Ciências sociais e políticas. Direito

- a) Sociologia
- b) Política internacional
- c) Economia nacional: A vida do Estado

a) Política interna. Governo e administração pública e civil. Funcionalismo. — b) Economia e finanças. Riqueza pública. Bancos, moeda, bolsa, crédito. Países. Exportação e importação. Estatístico. — c) A acção social: O capital e o trabalho. — d) Previdência social: Assistência, Seguros, Desemprego, Cooperativismo, Mutualismo, Lotarias. — e) Pedagogia e educação: Psicologia, Vida escolar, Movimento professoral. — f) Higiene e Saúde. — g) Ciências militares. A guerra e a ciência da guerra. Exército e Marinha. Vida militar.

d) Direito: Jurisprudência, Legislação, Crime e repressão, Tribunais. Vida forense "Diário do Governo."

II-- Comercio, industria, tecnologia. Agricultura

- A) Organização e métodos. Ensino técnico

B) Comercio

a) Produção. — b) Transportes e comunicações: Aviação, Caminhos de ferro e camionagem, Portos, Marinha mercante, Estradas, Correios, telegrafos, telefones. — c) Mercados e feiras. — d) Comercio exterior. Relatórios consulares. — e) Publicidade, Exposições.

C) Industria: Indústrias varias, Exposições

D) Tecnologia

E) Agricultura

III-- Ciências

A) Matematicas

B) Físico, químicas, naturais

a) Física. — b) Química. — c) Naturais.

C) Médicas, Medicina, Cirurgia, Especialidades, Farmacia, Arte veterinária

IV-- Historia e Geografia

A) Historia e Ciências auxiliares: Pre-historia, Antropologia, Arqueologia, Cronologia, Epigrafia, etc.

B) Geografia: Ciências auxiliares, Viagens, guias, turismo.

C) Portugal

D) Colonias

E) Brasil

V-- Letras

A) As letras e os letrados: Instituições culturais, Premios e estímulos literários

B) Bibliotecas e arquivos: Biblioteconomia, Paleografia, Cronologia, Diplomatca, Selos e gravuras, Numismática, Filatelia, etc.

C) Bibliografia:

a) Bibliografia, Dicionários, Obras gerais. — b) Historia literaria, Biografia, Memórias, cartas, etc. — c) Romanes, Contos, Novelas. — d) Poesia. — e) Obras para crianças. — f) Diversos. — g) Literatura estrangeira e traduções.

D) O Livro: Artes graficas, Decoração do livro, Ex-libris.

VI-- Arte

A) Belas Artes

a) Arquitectura, Urbanismo. — b) Pintura, escultura, desenho, Artes decorativas, Diversas. — c) Museus, Exposições, Vendas de Artes, Gremios e Sociedades, Os artistas.

B) Teatro, Cinema, Musica: Canto e dança, Telefonia e discos, Os artistas

VII-- Vida Social

A) O homem e a mulher: Festas e reuniões.

B) Sports e educação física: Caça, pesca, gymnastica, jogos, equitação, natação, esgrima, automobilismo, foot-ball, toureio, corridas, etc.

C) A moda: Artes femininas, Economia domestica, Culinaria e gastronomia.

D) Vida religiosa

E) O riso e a caricatura em Portugal e no estrangeiro

Diário de Lisboa

Edição Mensal

<p>Numero avulso: 1250 ESCUDOS Administrador e editor MANZONI DE SEQUEIRA ADMINISTRAÇÃO—Rua da Rosa, 37, 3.º Endereço telegraphico: DIBOA</p>	<p>DIRECTOR JOAQUIM MANSO</p>	<p>Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA Redacção, composição e impressão RUA LUZ SORIANO, 48 TELEFONES—2 9171, 2 9172 e 2 9173 Endereço telegraphico: DIBOA</p>
--	--	---

FILOSOFIA DE TODOS OS DIAS PARA USO DE TODA A GENTE

NATALIA—Ficar-me-á bem a filosofia? Posso eu aprendê-la como aprendi a caligrafia, as línguas e a escurituração domestica?

NABOR—Não é bem a mesma coisa, porque não se trata duma utilidade nem duma prenda. No entanto, é tão necessária como o ar que se respira...

NATALIA—Não percebo como seja necessária e ao mesmo tempo inútil!

NABOR—As palavras são como os espelhos, que são tanto mais límpidos quanto mais bela é a forma que reflectem. Numa boca ignara e rude, a palavra amor, por exemplo, perde o seu brilho e a sua graça promissora. Quando, porém, a pronunciam dois corações apaixonados, no fulgor da juventude, torna-se luminosa e ardente, unindo destinos.

NATALIA—Não atinjo o que pretendes dizer. Acaso a filosofia só tem um sentido, quando traduz uma certa intenção, uma aspiração que nos vem do fundo da alma?

NABOR—Aproximadamente: o seu valor, como dizia Sá de Miranda, não se pesa no mercado. Não vale nada na praça. Convem mesmo guardá-la como virtude íntima que não se revela, mas se deixa adivinhar. Por exemplo, nada conheço de mais antipático que a mulher filósofa—com a pedantaria de querer profunder o divino saber, sem guardar a reserva e o misterio que elle exige.

NATALIA—Mas, no fim de contas, em que consiste a sua importância ou, antes, a sua necessidade?

NABOR—Respondeste muito bem. Resta acrescentar a tua curiosidade. Reparaste já em como os os animais—as aves, as aranhas e as borboletas—sabem conduzir-se na vida, apesar de não haverem frequentado escolas nem academias?

NATALIA—Gulam-se pelo instinto, que é limitado como ciência, mas completo como experiência. Assim pelo menos me ensinou um venerando professor de zoologia que Deus tenha em sua santa gloria.

NABOR—Respondeste muito bem. Basta acrescentar que o instinto é uma lei de conservação vital: indica as espécies o bem e o mal, embora furtandolhes a consciência do que fazem os comtem. Os animais—coltados...—carecem de vida interior, de sentimentos morais, das emoções e inquietações que nos lançam na duvida, na corteza, no desespero ou no entusiasmo. Se houvesse de falar a linguagem de Platão, dir-to-la que elles são a demonstração geometrica de desejos que se revelam, por movimentos irreprimíveis.

NATALIA—Começas a caminhar num terreno

onde os meus pobres pés se magoam. Caminha devagar e dá-me o teu braço...

NABOR—Para te servir,erei o mais leal dos amigos e para te instruir o mais tímido dos mestres. Contigo, aprendo mais, respondendo com modestia ás tuas perguntas, que prolecionando numa alta cathedra. Interroga-me, pois, sem vias recelias...

NATALIA—Se a filosofia encontra qualquer poder occulto com que eu possa ordenar e esclarecer a minha intimidade, dedicar-me-ei ao seu estudo com febre e paixão!

NABOR—Não faças como alguns crentes que só entram nos santuarios para pedir favores á Divindade. A filosofia não é tudo, porque existem tambem, ao lado ou acima dela, outros processos, por sinal deliciasimos, de sondar o desconhecido e de nos comunicar o que Pascal denominava a «redenção da humana fraqueza». Não te esqueças tambem de que, como as orações, a sua essência se resume nisto—amor. Amor da sabedoria, bem entendido. E' antes um dom do espirito que uma conquista das nossas ambições.

NATALIA—Espero que a filosofia não seja como o celebre sermão do Padre Vieira, em que nos fala do fim do mundo: uma catastrophe prestes a desabar, mas que nunca desaba.

NABOR—Antes assim, por felicidade! Querias, então, que o mundo acabasse?

NATALIA—Longe de mim tal pensamento! Notei, porém, que a eloquencia do Mestre se desata em formosos tropos e imagens para pintar com a sua fantasia, o que não cabia dentro da realidade...

NABOR—Quem sabe lá... A filosofia, essa tem de ser moderada nas suas promessas. Devo mesmo acentuar que não promete nada a ninguém. Se o instinto, nos seres inferiores, suprime os problemas e remorsos que tantas vigílias nos causam, a consciência é como a superfície das águas—um campo infinito de agitações.

A filosofia nunca poderá igualar Jesus, cuja voz impunha respeito ás tormentas. Não é essa a sua missão, mas sim explorar, com a intuição e a razão, o misterio que trazemôdo conosco. Cuida de pôr em ordem o nosso caos, separando os contrários, definindo os modos e viclumorando as essências, dividindo o pensamento na estupenda variedade dos seus aspectos, despertando e aclarando a vontade, acutando as palpitações do infinito na nossa humildade e inclinando-se sobre a névca imensa do inconsciente a fim de, através dela, palpitar o universo.

NATALIA—Por Deus, não me aterres! Como vêes, sou uma pobre mulher assustada, incapaz de me aventurar no vasto e proceloso oceano.

NABOR—Confia em mim, que te livrarei de qual quer naufrágio. A tua recosa timidez tornar-me-á usado. De resto, as tempestades que a filosofia levanta não derubam ninguém, porque fortificam o animo e educam o coração. Os verdadeiros pilotos formam-se na luta com as vagas.

NOTAS

Não não podemos perceber as cousas duma só vez — como quando alcançamos com a vista um corpo ou uma forma. O nosso espirito desenvolve o conhecimento gradualmente, numa serie de operações que se completam. Uma delas é a abstracção que consiste especialmente em dividir, pela análise, o todo nas suas partes, nos seus elementos e nas suas modalidades, e considerá-los, estudá-los em separado, como se tivessem existência propria. Escusamos de acrescentar que as noções e idéias abstractas precedem e condicionam uma operação subsequente e superior — a síntese, ou seja a reconstituição do objecto na sua unidade. Com a abstracção, importa ser prudente: não a praticar, levando-a ao exagero.

Quando falamos da «côr», da «doença», da «sarvo-re», do «animal» ou do «homem», é bom que nos entendamos, de guisa a não admitir que as qualidades abstractas se convertam em entidades realizadas — tendência que se nota em muita gente, sobretudo nos povos latinos. Os anglo-saxões, pelo contrario, fogem das abstracções como o Diabo da Cruz: para eles quasi só existe o concreto. Um inglês de velha cêpa não se interessa pela maioria das nossas discussões, por vêr

nelas manifestações escolásticas da ociosidade. Assim, por exemplo, ele não apreciará as virtudes da «liberdade», apreciada em abstracto, como coisa em si, como tema politico ou moral. Os homens livres, as nações livres, os actos livres, eis o que o preocupa.

E devemos concordar que não lhe falta uma certa razão. Quando em Atenas os mestres, principalmente Socrates, demonstram que o homem é um absoluto, uma plenitude inafectável, os homens e as classes cedem postosamente ao despotismo.

William James escreve, acertadamente:
— Importa distinguir as idéias nas coisas, e moderadamente as coisas nas idéias.

Emile Rideau publicou um librinho muito interessante, escrito com rigoroso espirito filosofico. Intitula-se — Le Dieu de Bergson. Eis um pequeno trecho: — Como filosofia do universo, o bergsonismo ama o uniceiro e canta-o. Como optimista, crê no successo do mundo e da humanidade. Esta fé apoia-se nos factos; o passado garante o futuro: se a vida pôde vencer tais obstáculos, atravesar tantos accus contrarios, é que a acarreta consigo uma força invencível.

Como indicação necessária importa saber que uma terceira geração volta a preocupar-se com o bergsonismo, a fim de extrair dele uma orientação, uma disciplina moral e intellectual, na crise que atravessamos.

Nietzsche — et tambem Kierkegaard, o incolidável — passos para as mãos da nove geração que se está notando ao seu estudo exaustivo, que abraça não só a sua filosofia mas, principalmente, a alma que a inspirou e ditou.

M.

O MEZ DE JUNHO na tradição popular

— Em Junho fouchinha em punho.

— Malo pardo, Junho claro, faz o lavrador honrado.

— Feno alto ou baixo em Junho é segado.

— Junho calmoso, ano formoso.

— Dia de S. Barnabé, se seca a palha pelo pé.

— Por S. Barnabé, fouce no prado.

— Agua pelo S. João, tira azeite e vinho e não dá pão.

— Agua de S. João, tolhe o vinho e não dá pão.

— A chuva no S. João, bebe o vinho e come o pão.

— A sardinha de S. João unta o pão (ou pinga no pão).

— Os ouriços no S. João são do tamanho dum botão.

— Lavra pelo S. João se queres haver pão.

— Ande onde andar o verão, ha de vir pelo S. João.

— Verão fresco, inverno chuvoso, estão perigoso.

— No verão taberneira, no inverno padreira.

— A vaca do vilão, se no inverno dá leite, melhor o dará no verão.

— Uma andorinha só, não faz verão.

— Em verão, cada um lava seu pano.

— Nem no inverno sem capa, nem no verão sem cabaca.



Mês de Junho, mês das festas, dos bailes, dos jogos de vista, da pequenada a pedir meio tostãozinho para o Santo Antonio, S. João ou S. Pedro, mês dos descaentes populares, mês cheio de poesia popular, com a Praga da Figueira armada em arraial, e cortejos baírricos atravessando a cidade impregnando quadras, zangurreando guitarras, sacudindo harmoniums. Mês dos namorados, mês das raparigas, das alcaçofras queimadas, dos ovos cabellísticos, dos saltos de fogueiras, das madrugasdas... Junho, mês dos sonhos e das saudades...

— O menino e o bezerrinho, no verão pão frio.

— S. Miguel e S. João passado, tanto manda o amo como o criado.

— Em dia de S. Pedro vê teu olivedo. E se vites um grão, espera por um cento.

— Dia de S. F. Iro, tapa régio.

— Até S. Pedro, ha o vinho medo.

Os santos advogados

Dia 3 — S. Ovidio — Advogado contra o mal de ouvidos.

Dia 8 — S. Cirio — Advogado contra as febres.

Dia 11 — S. Onofre — Advogado contra as febres.

Dia 12 — S. João de S. Facundo — advogado contra as discordias domesticas.

Dia 13 — S. Antonio — Deparador das coisas perdidas e casamentoiro.

Dia 15 — S. Abraão — Advogado contra o demastado choro das crianças.

Dia 17 — S. Manuel e seus Irmãos — Advogados da paciencia.

Dia 18 — S. Calogero — Advogado contra o mal das hernias e tentações do demonio.

Dia 24 — S. João Baptista — Advogado contra as dores de cabeça e casamentoiro.

Dia 25 — S. Tude — Advogado contra a tosse.

Dia 29 — S. Pedro — Patrono dos curtidores.

Dia 30 — S. Marçal — Advogado contra os incendios.

I -- Ciências sociais e políticas. Direito

Sociologia — Política internacional — Economia nacional: A vida do Estado — Direito

Política internacional

O mais importante da política internacional foram a Conferência Económica Mundial e a assinatura do pacto dos Quatro. De resto, a Europa continua devedora das mesmas ambições, e sofrendo o mal contum. O pacto das quatro potências foi assinado no dia 7 em Roma por Mussolini e pelos embaixadores da França, da Inglaterra, e da Alemanha naquela capital. Como Mussolini, no acto da assinatura, se tivesse referido com elogio à França, foi este ovacionadíssimo. Considera-se, assim,

desaparecido o mal entendido que existia entre esta e a Itália, o que vem trazer a confiança de que parece trabalhar-se a favor da paz na Europa. Que mais há? Coisas de interesse particular, mas que são internacionais: um atentado contra Venizelos, mas de que ele escapou, uma bomba que explodiu na Basílica de S. Pedro e feriu 4 pessoas, tudo obra da política negra, que, desvalhada, só preconiza a destruição. Novo ministério em Espanha, que ficou assim constituído: Presidência e Guerra,

Manuel Azafia; Fazenda, Agustín Villaverde, director geral do Sêco; Interior, Casares Quiroga; Justiça, Alvaro Albornoz; Instrução, Francisco Barnés; Marinha, Companys, presidente do Parlamento catalão; Obras Publicas, Indalecio Prieto; Trabalho, Largo Caballero; Agricultura, Marcelino Domingo; Comercio e Industria, Franchy Roca; Negocios Estrangeiros, Fernando de los Rios.

E nada mais.

POLITICA ECONOMICA MUNDIAL

No dia 8 o rei Jorge V de Inglaterra fez, em Londres, a abertura solene da Conferência Económica Mundial, perante os representantes de 63 países, pronunciando um discurso em que se punham esperanças no resultado de um tão magno concelho. Ao discurso do rei seguiu-se o de Mac-Donald. A conferência dividiu-se em duas grandes comissões: A primeira a Comissão Económica que se dividiu em duas sub-comissões: a do estudo da politica comercial e a do estudo da coordenação da produção e da venda. A segunda, a Comissão Monetária e Financeira, que se dividiu também em duas sub-comissões: a do estudo da politica, do credito, do nivel das preços e dos problemas das dividas externas e a do estudo do padrão ouro e do comercio da prata. Em todas estas

comissões e sub-comissões se tem trabalhado activamente, tendo-se apresentado projectos e ventilado questões de verdadeiro valor tecnico. O delegado dos soviets apresentou um projecto de protocolo de não agressão economica mas a sua discussão foi relegada para o fim dos trabalhos.

Tudo o mundo economico foi repartido para estudo e a conferencia ainda prossegue. Para não encheremos paginas com os titulos dos trabalhos daremos no seu final um resumo completo e o estudo do seu significado. Agora, á hora do jornal fechar tudo espera o remedio da America. Virá? Ou simplesmente ficará adiada a conferencia, reconhecendo-se que nada poderá vir das assembleias magnas e cada um pensa em salvar-se conforme pode? A confe-

rencia terminada é o professor Antonio Pilonetto Lourenço nos dirá o que o mundo lucrará com as suas resoluções. A conferencia prossegue. Os nossos delegados foram: o sr. Castro da Mata, ministro dos Negocios Estrangeiros, presidente; o dr. Rui Enes Ulrich, nosso embaixador; Innocencio Camacho, governador do Banco de Portugal; o coronel Tomaz Wylie, dr. José Pequito Rebelo, dr. Augusto Mendes Leal, dr. João Pinto Mendonça e dr. Alberto Bacelar Machado. O dr. Castro da Mata apresentou o plano de Portugal para a solução do problema mundial dos trigo, sendo muito felicitado. Ao dr. Castro da Mata e ao dr. Rui Ulrich cferenciarão, antes de partirem para a conferencia, um haquetto os seus antigos condictpulos.

Dividas da Guerra

No dia 14, a Inglaterra pagou aos Estados Unidos dez milhões de dólares, em prata.

O chanceler do Tesouro, falando na Camara dos Comuns, lamentou ter de informar que os Estados Unidos não tinham accedido ao pedido, feito pelo Governo britânico, para ser adiada a data do vencimento da prestação pagavel em 15 do corrente.

O governo britânico propõe, então, o pagamento de dez milhões de dólares e o reconhecimento da divida. Roosevelt accitou a oferta. Chamberlain accrescentou que o pagamento será efectuado em prata metal.

Conferencias

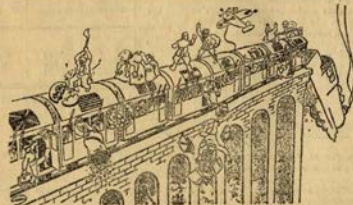
No Teatro de S. Carlos, pelo sr. Pedro Teotónio Pereira. As ideias do Estado Novo, no dia 5.

No dia 30, na sala Algarve, da S. Geografia de Lisboa, sobre O Oriente e o convulso do mundo.

Necrologia

Em Moscovo, no dia 20, morreu Clara Zetkin, propagandista alemã do socialismo.

BIBLIOGRAPHIA — LIVROS FRANCESES — K. S. Chandan — *Le Probleme Juif, facteur de la Paix mondiale*. 5 fra. (Le Danubien); Klaus Mehnert — *La Jeunesse en Russie sovietique*. 15 fra. (Grasset); Lypcewicz — *La Révision des traités du point de vue juridique et politique* (Gebaltner et Wolff); Pernot — *L'Allemagne de Hitler*. 12 fra. (Lipschutz); Wagner — *Dantzig*. 1,50 fra. (G. et Wolf); Leon Wasilenki — *Les frontieres de la République de Pologne*. 1 fra.; Duert — *Le Marxisme et les crises*. 15 fra. (Nouv. Revue française); Le Grix — *Vingt jours chez Hitler. Tableaux d'une révolution*. 12 fra. (Grasset); XXX... — *Marchands de canons*. 12 fra. (Mignolst et Morz); Georges-Dobous — *La Hongrie après le Traité de Trianon*. 20 fra. (Riviera); Grenard — *La Révolution russe*. 30 fra. (A. Colin); Montfort — *Les nouveaux Etats de la Baltique*. 20 fra. (A. Pedone); N... — *La politique extérieure de l'Allemagne (1870-1914)*. T. XX. 80 fra. (A. Corté).



A situação mundial. Ninguém se importa com o que vai na máquina (Le Rire Paris)

c) Economia nacional: A vida do Estado

a) Política interna. Governo e administração pública e civil. Funcionalismo

Tudo na mesma, pode ser a divisa. De novo e interessante o *Opportuno geral do Estado*, com um relatório do sr. dr. Oliveira Salazar, em que o nosso problema económico se estuda com a conhecida proficiência do seu autor. Duas afirmações ha nele que são de

maior importancia: a primeira é de que as contas publicas apresentam um saldo de 1.988.981.938 contos e a segunda que a contribuição predial será reduzida de 10 0/0. O relatório, só o não damos, por ser bastante extenso e carecermos, como o leitor vê, de espaço.

O sr. presidente da Republica visitou Evora sendo, como sempre, muito admirado.

Os jornais políticos mantêm controversas: Herculano Nunes com Eduardo Belgueiro sobre o conceito de burguesia e pouco mais.

b) Economia e finanças. — c) A acção social. — d) Previdencia social

BOLSA E CAMBIOS

Benguelas pode dizer-se ser o papel da moda. E como papel da moda teve grandes oscillações de que é conveniente desconfiar. A confiança é ritmica e a desconfiança aritmica. Os bons fundos são estaveis, zombam das oscillações e quando sobem, sobem lentamente, firmando-se, conquistando o seu lugar. Papel que sobe e desce, e que flutua, é para jogo e não para sobre ele se dormir repousado. É possível que nos digam que a bolsa não conhece repouso. Nós diremos que a bolsa é apenas o manómetro onde se reflecte o estado verdadeiro. O que tem valor certo, tem cotação certa. Valores instaveis, cotação saltitante. Mas, voltando ás Benguelas. Abriam a 955. Logo na primeira semana desceram a 910, 912 e 915, para subirem a 960, 961 e 962. Desceram depois a 920 e na terceira semana chegaram a 880. Na quarta refteram-se vindo até 960 e chegando na ultima a 1.080 para descer a 985. E, como se vê, flutuante a cotação Benguela.

Os fundos do Estado firmes. 5 ½ 0/0 1933 foram durante o mês de 955 a 960 e conservando-se á roda de 961. O Racião de 6 ½, que atingiu 1.112, fechou em 1.089,5. 1.090. Do papel do Estado pode dizer-se que se mantem.

Os bancos o Comercial subiu de 400 para 405 e não desceu. O Lisboa & Açores subiu de 285 a 304.

Ultramarino desce. O de Portugal desce um quasi nada, sem que isso tenha significação.

Nas Companhias a das Aguas com tendencias para subir: 465 para 420. Cerveja Estrela, desceu de 142 para 138, elevando-se depois a 138. Moageiras tendencia para descer se bem que fraca. O resto mantem-se. Lezírias sobe. Navegação declina. Tabacos de 203 subiu para 221, depois de ter atingido 224. A Tabaqueira de 520 para 550.

Obrigações quasi inalteraveis, o mesmo não se podendo dizer dos fundos brasileiros, que são uma esperanza. O de 5 0/0 1895, de 3.100 attingiu 4.000; O de 1903 fechou a 5.400 e o de 1913, que abriu a 3.200, fechou a 4.000. Tambem o Funding de 1914 sobe. São papeis de grande movimento os Benguelas, os do Estado e os Brasileiros.

Quanto a cambios pequenas diferenças. Parece que toda a gente espera os resultados da Conferencia Economica. E no entanto bom acentuar que a Inglaterra que viu, num momento, emigrar as suas reservas para a America, as vê regressar com prazer. E regressam porque é nas occasiões serias que se conhecem os homens, e nessas mesmas occasiões que os países se revelam. Ora a Inglaterra fez face ao perigo com tanta calma como serenidade e decisão. A recompença não tardou.

F. S.

Banco de Portugal

Distribuiu o *Boletim* n.º 2, correspondente a Janeiro-Maio de 1932. Colaboração de Caserio da Maia, Alvaro Pedro de Sousa, e uma secção de estatística muito interessante e completa.

— Foram arroladas as joias de D. Miguel e da infanta D. Ana que no Banco de Portugal se encontravam em deposito. Foi perito o sr. Afonso Fabeiro Portas. A joia que maior avaliação obteve foi o Toedó do Ouro, que attingiu 700 contos. O inventario continua.

— Para o mesmo Banco foi comprada a igreja de S. Julião, para ampliar a sua sede. Custou 10 mil contos.

— No vapor «Nissas» vieram, no dia 27, para o Banco de Portugal, 10.000 libras-outras, que foram embarcadas na Beira, pela Companhia de M'cambique.

BIBLIOGRAPHIA—LIVROS FRANCE-

SES—P. Gemaling—*Les grands économistes. Textes et commentaires.* 25 fra. (Recueil Sirey); Emmanuel Malyna—*Les Finalités communistes du capitalisme.* 15 fra. (Cervantes); Catloria—*La Crise de la monnaie employée* (1921) 30 fra. (Recueil Sirey); Le Branchu—*Essai sur le Gold Exchange Standard.* 35 fra. (Recueil Sirey); M. Bouniatien—*Credit et conjuncture.* 20 fra. (Giard); Lombard—*L'Or régulateur de la production; Risé—Essais sur quelques problèmes économiques et monétaires.* 70 fra. (Recueil Sirey); Alpert—*L'Economie organisée.* 15 fra. (Nouvelle Revue française); Bodin—*Economie dirigée. Economie scientifique.* 15 fra. (Riviere); N...—*Questions monétaires de l'heure présente.* 15 fra. (Recueil Sirey); Nubar—*Quelques considérations sur la crise.* 70 fra. (Recueil Sirey); Simonds—*L'Amérique*

dont anuler les deltas. 250 (Excelsior); Vernier—*Les Crises boursières et leurs repercussions économiques.* 15 fra. (Recueil Sirey).

LOTARIAS

OS MAIORES PREMIOS DO MÊS

Dia	400 contos	40 contos	10 contos
9*			
17	8403	3566	9486
24	4876	5101	3105

(*) 1643, 3.000 contos; 6010, 300 contos, 2224, 50 contos.

e) Pedagogia e Educação. — f) Higiene e Sanidade

Varias

O n.º 25 de A Escola Primária, que se publica em Lisboa, é inteiramente consagrado á memoria do dr. Ovidio Decroly, á qual Bruzelas consagra a sua homenagem. Publica artigos de Cruz Filipe, Faria de Vasconcelos, Alvaro de Lemos,

Cardoso Junior, Joaquim Tomaz, Dias Agudo, Faria Artur e Manuel Subtil.

NECROLOGIA—Faleceu, no dia 4. Eugenio de Castro Rodrigues, grande figura do magisterio primario e normal. Nacera em 1863 em Anápolis, Publicou, em 1900, o livro *Méthodes d'Enseigne-*

ment dans les écoles primaires de Portugal.

BIBLIOGRAPHIA—LIVROS FRANCESES—Marcel Szaacn—*Les Maladies professionnelles.* 30 fra. (Masson et C.); Tancos, Clerc, Echee, Villejean, Navarre.—*Hygiène maritime et prophylaxie internationale.* 50 fra. (Vigot Treco).

g) Ciências militares. A guerra e a ciência da guerra.

A defesa nacional

O mês militar e naval foi menos movimentado que o anterior.

A parte a marcha da execução do programa naval, que continua marcando uma das mais metodi-

cas e bem conduzidas organizações dos últimos tempos, em matéria de política de rearmamento, o mês de junho deu-nos, o início dos exercícios navais, uma festa militar de aviação e pouco mais, como se verá.

A Armada Nacional

O acontecimento do mar, no campo Naval, foi sem dúvida a conclusão e a entrega solene, à Armada Portuguesa, no dia 24, do novo e excelente contratorpedeiro «Vouga», construído nos estaleiros Yarrow, em Glasgow.

Trata-se de um barco, que é no seu tipo, dos melhores hoje utilizados em qualquer grande armada e nomeadamente na Britânica.

As suas características foram já publicadas pelo que se torna desnecessário enumerá-las de novo.

Quando das suas primeiras experiências espalharam-se em Lisboa notícias tendenciosas e meias verdadeiras, chegando o absurdo de ignorância, ou antes, de má fé, ao ponto de se dizer que uma das caldeiras tinha rebentado!

Uma oportuna nota officiosa desmentiu a atoarda e a recente vinda a Lisboa do comandante do navio, sr. capitão de fragata Carvalho Crato, deu lugar e que se completasse numa entrevista do «Diário de Notícias» a destruição de tão condenável balela.

Tudo se resumiu a um ensaio de aquecimento em determinada turbina.

logo substituída por outra, que provou por forma magnífica, não se verificando a 36 milhas, a máia ligeira trepidação, o que se pode classificar de extraordinário.

Parece-nos conveniente que cessem estas derrotistas campanhas surdas, que se desenham ao aproximar-se a chegada de cada um dos novos navios. Não é lógico que sejam os próprios portugueses a denegir uma obra, que ao seu sacrificio é devida, porque se as realizações levadas a cabo à custa do esforço colectivo da Nação, esta é sem dúvida uma dádiva.

Neste caso do programa naval, pode bem dizer-se que é o dinheiro do povo, ao serviço da Patria.

—Começaram os exercícios navais do verão, com provas para adestramento de pessoal, por toda uma das unidades ligeiras isoladamente.

E' necessário preparar a gente que vai guarnecer os novos barcos de guerra porque eles vão chegando agora com certa rapidez, uns após outros...

Oxalá que o sr. ministro da Marinha não deixe de ordenar, no final dos exercícios isolados, um período de manobras em conjunto, meio de instru-

ção que bem util e necessario se torna, tanto mais num período de evolução de material como o que estamos atravessando neste momento.

—Concluiu a sua viagem de instrução o navio-escola «Sagres».

Este excelente barco, que se deve à acção do comandante Pereira da Silva, quando ministro da Marinha, foi bem a primeira pedra do novo ressurgimento naval, a escola segura dos tripulantes da nova esquadra, porque os navios nunca são grandes, sem grandes marinheiros.

O Exército Nacional

O mês militar foi fraco. O ministro da Guerra, anobrevado com uma serie de assuntos inadiváveis entre mões, não entrou ainda profundamente nos assuntos que dizem respeito a rearmamento op' pelo menos não tornou ainda publicas quaisquer resoluções.

Elas não se farão, todavia esperar, porque a energia e o amor, do major Luiz Alberto de Oliveira, pelas coisas militares hão-de trazer por certo, para a corporação do Exército, benefícios palpaveis.

MAURICIO DE OLIVEIRA

Aviação

No dia 3 partiu, de New York, para realizar a volta ao mundo, o aviãoador Mattern. Deceuza na ilha de Jomfruland, a uma centena de milhas de Oslo. Atingiu Moscovo, Onak e aterrou torcadamente em Trokoperak, seguindo para Protopivsk e após para Krasno-jarek, Bistoy, Kabarovk, Nome, Alaska, até que de Toquio, em 24, deixou de haver noticias.

—No dia 5 regressaram ao aerodromo de Gafate algumas patrulhas de aviões que deram a volta à Espanha.

—No dia 6 chegou ao Recife o dirigível «Conde de Zeppelin», que attingiu o Rio de Janeiro no dia 2, e a Changai o capitão Bremer, finlandês, que tenta fazer a volta ao mundo em 3 meses.

—No dia 10 partiram de Sevilha, para Cuba, os aviadores capitão Berberan e tenente Coffar, no avião Cuatro Vientos. Atingiram Comagney (Cuba), onde chegaram depois de 39 horas e 55 minutos de voo. Chegaram a Havana donde levantaram vôo para o Mexico, não havendo até hoje mais noticias deles.

—No dia 13 chegou a Friedrichshafen o «Conde Zeppelin», com 18 passageiros a bordo.

Necrologia

Faleceu o comandante Nunes Ribeiro, que dirigiu o Posto Rádio-Moimento. Foi um official de larga folha de serviços, e escritor notavel da sua especialidade. A sua critica da batalha da Jutlandia, antes de noticias concretas, mostrou como o seu juizo, após confirmado, era verdadeiro.

Direito

Concursos na Faculdade de direito

Realizaram concurso e foram nomeados professores auxiliares da Faculdade de Direito os srs. drs. Marcello Caselano e Jaime Gouveia. A tese do dr. Marcello Caselano intitulava-se *Do poder disciplinar no direito administrativo português*.

Decretos

Portaria 7.297 — «Diário do Governo». 1.ª série, 9-6-33. — Determina que fique suspenso o reconhecimento politico de ano corrente até que novas providencias sejam tomadas pelo Governo.

Decreto-Lei 22.661 — «D. do G.», 1.ª série, 10-5-33. — Modifica o regime pessoal e o da prova dos arrendamentos sem titulo.

Decreto 22.662 — «D. do G.», 1.ª série,

ris, 16-6-33. — Cria a Casa de Portugal em Antuérpia.

Decreto-Lei 22.708 — «D. do G.», 1.ª série, 20-5-33. — Reorganiza os serviços do Ministério da Justiça e dos Cultos.

Portaria 7.604 — «D. do G.», 1.ª série, 21-6-33. — Manda passar ao estado de completo armamento, depois de ter sido entregue ao Governo Português, o contratorpedeiro «Vouga», que se encontra a ultimar a sua construção em Glasgow.

Censura & Imprensa

Foram alterados os artigos 5.º, 7.º, 11.º, 1.º, 3.º, 4.º e 5.º do decreto-lei n.º 22.629 de 11 de Abril de 1933.

Terminou, em Fozmal, o julgamento de Rito dos Santos e seus cúmplices, tendo o tribunal condemnado os reus em penas varias.

Na sala do Supremo Tribunal de Justiça, e por iniciativa da Ordem dos Advogados, realizou-se uma sessão de homenagem aos advogados brasileiros emigrados em Portugal, tendo discursado o bastonário Barbosa de Magalhães, os advogados portugueses Santos Lourenço e Ricardo Mota, e o advogado brasileiro Rodrigues Alves, sobrinho.

Bibliografia

Em defesa dos Inquilinos — Entrevista concedida pelo dr. Orlando Marçal ao «Diário Liberal» de 14-6-33, em comentário ao decreto-lei 22.661 (inquilinato).

A acrescentar a isto as alterações à lei do Inquilinato, que facilitam o processo de despejo sempre que se não prove o pagamento de renda.

II -- Comercio, industria, tecnologia. Agricultura

Organização e métodos. Ensino tecnico — Comercio — Industria — Tecnologia — Agricultura

A industria nacional

O Professor Ferrelra da Costa, do Instituto Superior do Comercio de Lisboa, pronunciou, a convite do Conselho Escolar da Escola Commercial e Industrial Jacome Ration de Tomar, uma excelente conferencia sobre *A Industria Nacional*, na quella escola, em 25 de Junho. Nesse trabalho, a todos os titulos notavel, chegou ás conclusões seguintes:

«É indispensavel promover o desenvolvimento industrial da nação portugueza tendo em vista:

- a) — Os recursos naturais da Metropole.
- b) — Os recursos naturais das Provincias Ultramarinas.
- c) — O consumo geral da Nação

e que para conseguir tal desenvolvimento repeto necessario:

a) — Proceder com urgencia a um Inquerito extraordinario do trabalho industrial.

b) — Reorganizar os serviços do Registo de Trabalho Industrial por forma a actualizar-se anualmente o inventario industrial por circunscrições, obedecendo a um plano geral, tudo de maneira a fazer-se a concencação dos elementos na Repartição respectiva.

c) — Organizar o plano industrial do pais, tendo em vista as condições já citadas, plano que deverá ser revisto anualmente.

d) — Revisão das pautas aduaneiras em face do que existe e do que se pretende.

e) — Applicação do regime do condicionamento das industrias em face do plano industrial.

f) — Negociar com a Espanha acordos regionais em que se estabeleçam regimes especiais para materias primas e artefactos que ás duas nações interessem sem prejuizos da economia de cada una.»

O trecho que publicamos, sobre a historia da Industria, é absolutamente inédito.

Sua historia

Antes da Industria official haver entrado no periodo de desenvolvimento, que permitia entregá-la por completo a particulares, foi ella reduzida á expressão mais simples, isto é, á actividade caseira e á pequena officinal.

O tratado de 1810, negociado entre o príncipe regente D. João e Jorge III da Grã-Bertanha, e a resolução de 5 de maio de 1814 reduzindo a 15 0/0 os direitos de importação que incidiam sobre os tecidos de lã — que pelo art. 26.º do dito tratado haviam continuado sujeitos aos direitos de 30 0/0 — vieram completar a obra de aniquilamento da Industria nacional.

Em 1822, com a fundação da Sociedade Promotora da Industria Nacional, promoveu-se o renascimento da Industria com premios e honrarias, assim como se tentou desenvolver iniciativas concedendo-se patentes de descobrimento, dando-se ao mesmo tempo publicidade a todas as memorias de interesse industrial, agrícola e commercial nos cadernos dos annos da dita sociedade, que se publicaram até 1854.

Todavia, as perturbações por que passou o pais, durante o periodo miguelista até a victoria do liberalismo, não permitiram que a Industria se revelasse antes de 1833, data em que se promulgaram medidas de protecção leantando de direitos algumas materias primas e reduzindo os direitos de outras.

Constituída a nacionalidade portugueza, coube aos homens do tempo de D. Diniz a missão de iniciarem a organização do pais para a vida do trabalho, e, consequentemente, da produção. A monarquia agrária vê sair a produção dos limites da Industria caseira, ligada á agricultura, para entrar no periodo do trabalho alugado e mais tarde no periodo das corporações. As pitorescas azenhas, que os árabes nos haviam legado, iam dando lugar aos moinhos de vento, que parecem ter sido introduzidos no pais pelos cruzados.

Produziu-se a bifa e o burel que haviam succedido ao bragal, embora se importassem a escarlatea de Inglaterra e da Flandres, os panos de Gand, o gameilim e sarja de Castela. A Industria mineira desenvolvia-se, apesar dos onerosos encargos que sobre ella pesavam, e a serrallharia produzia os artefactos de ferro mais necessários. As communicações por via fluvial e marítima tomavam incremento, desenvolvendo-se a permuta entre o Norte e o Sul do Pais. A plantação dos pinhais de Azambuja e de Leiria vieram dar á nação possibilidades que largamente contribui-

ram para o seu periodo aureo. Os productos da terra que então se vendiam para o exterior limitavam-se ao azeite, á cera, ao mel, ao vinho, ás peles e á cortiça. Os productos ceramicos para construção e de ceramica ordinária eram fabricados em Santarem, Evora, Beja, Lisboa e Vizeu, embora por vezes sujeitos ao regime de monopolios locais, como por exemplo em Evora.

A Industria da pesca desenvolveu-se, principalmente nos tempos de D. Fernando e D. João I, tendo levado a pesca do bacalhau os portuguezes a paragens longinquas. Tentou-se a cultura da cana sacarina no Algarve, e mais tarde na Madeira, donde irradiou para S. Tomé e depois para o Brasil. Desenvolveu-se a Industria oleícola. A Industria da sabboraia tambem existia nesta época e d'ella foi dado privilegio ao infante D. Henrique, privilegio que se manteve até D. Manuel, tendo participado dos seus beneficios varios membros da familia real, sendo o ultimo o proprio D. Manuel quando ainda Duque de Beja.

No tempo de D. Afonso V fabricavam-se tecidos de «lã melrinna», que vieram em parte substituir o burel e a almofega, fabricavam-se tambem outros artigos de certo luxo, como os tecidos de seda, que já se produzia no pais nos tempos de D. Afonso III e deu-se o monopolio da tinturaria, applicando o pastel, ao infante D. Henrique. Estabeleceu-se ou tomou incremento neste periodo a Industria vidreira, limitando-se as zonas de colocação para poderem subsistir as fabricas de Coima e de Covô.

A Industria de ourivesaria de grandes tradições, pelo menos desde os tempos de D. Afonso III, tambem tomou incremento, por aos ourives haver sido dada liberdade de trabalharem o ouro e a prata, liberdade que por vezes havia deixado de existir, com penas de grande rigor para os que osuzarem transgredir as prohibições estabelecidas.

Nas côrtes de Leiria (1439) pediu-se que se indicasse o regime fiscal a que deveria ficar sujeito um moção de papel que em 1441 esteve em laboração naquela cidade.

D. João II tomou providencias alinhas a desenvolver as Industrias da tecelagem e da tinturaria.

O periodo aureo das descobertas e das conquistas depovoando o pais e trazendo a facilidade de aquisição de todos os artefactos necessários com o produto da venda das especiarías, veio muito naturalmente desviar as atenções do campo da produção, desenvol-

vendo-se, contudo, a industria da tanoaria, da metalurgia e da relojoaria.

Ficou celebre o regimento promulgado em 1573, por D. Sebastião, sobre a fabricaçã de panos; que no tempo de Pedro II (1690) foi revisto e ampliado e mandado observar.

Durante o periodo filipino as novas industrias entraram em decadencia de que apenas se levantaram com certo incremento no reinado de D. Pedro II, devido aos esforços do Conde da Ericeira. A industria dos lanifícios desenvolveu-se então em Portalegre, em Extremoz, na Covilhã e em Fundão, mas o tratado de Methuen (1703), voltando a permitir a importação dos panos, limitou a vida das novas iniciativas.

D. João V desenvolveu a industria de construções navais, permitiu a installação da fabrica de papel da Louzã e cuidou das industrias de tecelagem da seda, de vidraria, de atanados e marroquins, de instrumentos fisicos, etc.

E no periodo pombalino que a industria portugueza toma fôrça de importancia. Jacom Raiton cita nas suas «Recordações» que, até no terramoto, a industria portugueza limitava-se a produzir: panos de linho; linhas de Guimarães; chapéus de lã, de Braga; ferragens grossas, de Braga e de Guimarães; panos grossos de lã e saragoças; alguns tecidos de seda da fabrica da Cotovia e gorgorões da Bragança.

Com as medidas de protecção industrial, postas em

execução por Pombal, criou-se em Lisboa a primeira fabrica de refinação de açúcar, revigorou-se a tecelagem de lã na Covilhã, no Fundão e em Cascais, deu-se a Guilherme Stephens possibilidades de triumphar com a sua industria vidreira na Marinha Grande, a João Baptista Locatelli de montar as suas fabricas de tecelagem de algodão, do grude e oleos de peixe. A fiação e tecelagem da seda, bem como a sua tinturaria, mereceram a este estadista os maiores cuidados. Desenvolveram-se as industrias de chapelaria e de cutelaria, de fabricaçã de perles, de papelão e respectiva obra, de vernizes, de relojoaria, de xarões, de fundição, de cravação de pedras preciosas, de ceramica e de saboaria.

Para se apreciar devidamente os resultados do esforço industrial, levado a effeito sob a sua orientação, ordenou o Marquês de Pombal que fossem intimados todos os donos de fabricas para que viessem a Oeiras armar barracas em lugar designado, e nelas expuzessem à venda os productos da sua industria. A feira de Oeiras, que causou admiração a todos que a visitaram, foi precursora das exposições industriais.

As invasões francezas vieram aniquilar o grande esforço que o Estado havia feito durante o consulado pombalino, como assim o demonstrou a tentativa de primeiro inquerito, feito em 1814, pela Real Junta do Comercio, Agricultura, Fabricos e Navegação.

FERREIRA DA COSTA

Exposição de Chicago (um seculo de progresso)



O trabalho em série permite fabricar 30 automoveis por hora



e faz outros tantos desempregados por dia



E isso tudo faz com que se não possa vender 30 automoveis por mês

CONFERENCIAS. — O sr. dr. Herlander Ribet, prefeito, ultimamente, uma conferencia, O codigo agrario. O Diario Liberal de 12 e 13 publicou dois folhetins com o resumo.

—No Instituto Superior de Agronomia realizou o dr. Idalino Gondim uma conferencia sobre O consumo do leite em condições higienicas.

BIBLIOGRAFIA — LIVROS FRANCESES — Guenau — Entomologie et Parasitologie agricole. — 5.ª ed. 24 fra. (Etabl. et fils) Wood — Pratices d'Agriculture. 10 fra. (id.).

NECROLOGIA — Falleceu, na quinta dos Lillaz, na Alameda das Linhas de Torres, 506, o engenheiro agronomo Arthur Monteiro Elard.

EXPOSICÖES — No dia 3 iniciou-se, no Parque das Laranjeiras, a 5.ª Exposição Canina, organizada pelo Club des Caçadores Portugueses. Foram inscritos mais de 500 cães.



e dá 30 valencias por semana... (Do Simplicissimo, de Munich)

Sobre tecnica das industrias e ciencia industrial publicaram-se diversos trabalhos, apontando-as os melhores:

BIBLIOGRAFIA — LIVROS FRANCESES — Nessi et Niole — Résolution pratique des problèmes de discontinuité dans les installations de chauffages central. 42 fra. (Dunod); Schwaiger — Calcul pratique des lignes de transport d'énergie électrique. 29 fra. (Dunod); Van Griethuyzen — Etude elementaire des moteurs asynchrones et synchrones. 13 fra. (Gauthier-Villars); Anseau — L'industrie du contreplaqué et ses applications. 10 fra. (Baudiere et fils); Afflicion — Monnaie et industrie. 20 fra. (Roussil Sibey); Bardin — Le Magnétisme et le perle de tout le monde. 9 fra. (Doutegre, Girardot et C.); Bardin — Les Moteurs à combustion Diesel et semi-Diesel. 23,50 fra. (Doutegre, Girardot et C.); Verley — Les Pierres précieuses et les perles. 18 fra. (id.).

III -- Ciências

Matemáticas — Físico químicas, naturais — Medicas

Medicas

Historia da Fisica Medica em Portugal

Na sessão do dia 15 da 1.ª classe da Academia das Ciências de Lisboa, dedicada á Historia das Ciências, o dr. Silva Carvalho leu a Introdução á Historia da Fisica Medica em Portugal, que será publicada num volume das suas Lições. Deixa publicamos hoje um trecho inédito.

TEM OS historiadores da Física considerado separadamente o longo espaço de tempo, que deve ter-se como preparatório da constituição desta ciência e o sustituição desta ciência e

Pires, cujo nome temes razões para supor que era Pedro filho de Pedro, citado no Codice pergaminado do Mosteiro de Santa Cruz Bernarda Coronel Claustrellum, et speculum Praetiorum Ordinis Sasseti Augustini e os outros que também estudaram em França Filosofia e Medicina. A tal respeito deve notar-se que os cruzes e outros portugueses, religiosos ou leigos, que por este tempo iam instruír-se a Paris, all ouviram as lições do dominicano Albert von Bolstadt, conhecido vulgarmente por Alberto Magno, o filosofo naturalista mais eminente do seculo XIII.

A historia da Fisica em Portugal deve começar em Pedro Julio, o enciclopedico sabio deste seculo, mais conhecido pela designação de Pedro Hispano ou pelo seu titulo de papa Joao XXI, que deixou tantos escritos sobre Filosofia, Medicina, Fisica e Historia Natural entre os quais se contam o manuscrito *Lectioes in primam libram physicorum* e a parte do codice 3314 da Bibliotheca Nacional de Madrid, recentemente estudado, em que trata do calor do sol, dos cometas, do arco iris, etc. Foi dos mais argutos comentadores de Aristoteles neste ramo dos conhecimentos do seu tempo e o mais autoritário representante dos nossos homems de ciencia da Idade Media.

Os medicos mais frustrados desse tempo, que de Portugal fóram a França e ás primeiras universidades que se abriram em Italia, estudar, ali se habilitaram em Artes e portanto em Fisica, preparatorias de preceito para o estudo das ciencias medicas.

Neste tempo quem tinha em Portugal maiores e mais exactos conhecimentos de Fisica, eram os cosmografos e mestres de Matemática e Astronomia, em geral medicos e na materia Judeus, como Mestre Abraham Guedelha, de seu verdadeiro nome Gedallah ben Yacqub ben Salomon, Mestre Rodrigo e Mestre José, que pertenciam á celebre Junta das Matemáticos, Abraham Zacuto, Mestre Filipe, Tomaz de Torres, Manuel Mendes Vainho e o maior de todos o grande matematico Pedro Nunes, o inventor do nonho e que pelas suas obras teve tão grande importancia e nomeada na Astronomia e Nautica.

DR. SILVA CARVALHO

A Medicina na Academia das Sciencias de Lisboa

O sr. dr. Egas Moniz, em seu nome e no dos srs. drs. Amandio Pinto e Abel Alves, fez uma brilhante comunicação acerca da «visibilidade, nos raios X, do tronco basilar e arterias cerebraes», explicando que, até agora, tinha conseguido tomar visões das arterias cerebraes derivadas da carótida interna, os capilares e as veias do cerebro, mas que não tinha alcançado a visibilidade das arterias da fossa posterior, nomeadamente o tronco basilar e as arterias cerebraes, que provem das arterias vertebraes. Dos grandes obstáculos se apresentavam a este empreendimento. O primeiro consistia no justificado receio de poder a circulação do bolbo fazer-se pelas ar-

terias vertebraes e reidirem nesse orgão centros importantissimos para a vida organica. Fazendo o estudo de 600 filmes arteriograficos, já obtidos, reconheceu que, em alguns d'elles, a via, não só o tronco basilar formado pela junção das suas vertebraes, mas, ainda, alguma circulação cerebraes, sem que isso tivesse provocado a menor perturbação do lado dos dentes. Não podia haver duvida sobre a identificação desses vasos, por estarem na mesma posição e distribuírem-se de maneira idéntica aos observados numa serie consecutiva de arteriogramas da fossa posterior, obtidos no cadáver. As cinco arteriografias cerebraes, uma das quais bastante perfil-

ta, encontradas nos filmes arquivados, só podiam ter a seguinte explicação: dada a injeção, com força, na carótida interna ou especialmente na carótida primitiva, refugia uma parte do liquido opaco, no sentido oposto á marcha do sangue, desceendo até o tronco bígulo-cervical. Chegado ali, a corrente normal do sangue arrastava-se no sentido da sub-clavica, subindo uma porção pela vertebrae, ramo ascendente deste vaso, até o tronco basilar. Esta explicação é inteiramente justificada pelo facto das arteriografias em que se soboia o tronco basilar a cerebral posterior e as cerebraes, mas, derivadas, só se encontrarem em arteriografias direitas, isto é, do lado

onde exist' o tronco bráquilo-carotídeo. Como se sabe, á esquerda, a carotídea primitiva e a sub-clav'ia nascem isoladamente da aorta.

Uma destas arteriografias data de ha três annos, quando ainda se empregava o iodeto de sódio, e a outras do periodo do torotraste. Foram estes documentos que levaram o sr. dr. Egas Moniz á convicção de que a tentativa da visibilidade dos vasos da fossa posterior do cranio era possível, sem inconveniente para os enfermos.

O que primeiro lembrava, para realisar esse intuito, era injectar, directamente, uma, das vertebraes. Isso seria porem, a condenação da prova, porque a vertebral é uma arteria profunda, relativamente delgada, por vezes, de difficil identificação. Occorreu, então, a ideia de injectar 10 a 16 c. c. de torotraste na sub-clav'ia, contra a corrente do sangue, tendo-se, pretiamente, ligado a arteria com a pinça de Martins, a fusante dos pontos de emergência das vertebraes.

O sábio neurologista explicou a forma de descobrir a sub-clav'ia, e descreveu a manobra a que é necessario proceder, para dar a referida injectão. Seguinte communicou o douto académico e os seus doctos colegas, scs. drs. Amandio Pinto e Abel Alves, tm. realigado a operação á esquerda e á direita. Até agora, os melhores resultados tm sido obtidos á direita,

isto é, do lado em que a carotídea e a vertebral sem do tronco braquilo-carotídeo. Em alguns casos tm alcançado, com a mesma injectão, a arteriografia cerebral (carotídea interna), e a visibilidade do tronco basilar e das arterias derivadas; outras vezes, apenas se surprende a visibilidade do tronco basilar. Teoricamente, esta prova devia ser mais perfeita, por injectão na sub-clav'ia esquerda, visto a carotídea primitiva sair desse lado, isoladamente da aorta, devendo portanto, o torotraste seguir, em maior quantidade, pela vertebral. Não se sabe, por enquanto, explicar o facto, mas trata-se, por certo, de simples problemas de técnica a resolver.

O sr. dr. Egas Moniz indicou, depois, as arterias mais importantes derivadas do tronco basilar, torotraste visíveis pela injectão do torotraste, na vertebral, que são as seguintes: a cerebral posterior (arteria cerebral, que se destina á parte posterior e inferior do cerebro; lobo occipital, lázimo optico, etc.), e cerebelosa superior e as cerebelosas medias. A cerebelosa inferior, também visível, deriva directamente da vertebral. A visibilidade da arteria cerebral posterior obtém-se, em 25 por cento dos casos, pela injectão na carotídea interna, quando a communicante superior é bastante desenvolvida; mas nunca foi possível ver a sua distribuição cerebral com a nitidez que obtivemos agora.

A cerebelosa superior acompanha, em geral, um a dois milímetros abalço, a cerebral posterior, mas destrm-se, com as suas ramificações, á altura em que costumamos ver o seo recto que marca a posição da tenda do cerebro. As cerebelosas, media e inferior, seguem em posição proxima da vertical, a face inferior do cerebelo.

Tambem já conseguiram os sabios professores a fobografia do cerebro e, especialmente, das vias medianas.

O conjunto da visibilidade das arterias e veias do cerebro e da fossa posterior, isto é, toda a circulação do encefalo, obtém-se sem inconveniente algum para o doente, em uma unica sessão operatoria, fornecendo, assim, elementos valiosissimos para a localização exacta dos tumores intracrancaes.

O sr. dr. Egas Moniz mostrou, em seguida varias arteriografias obtidas pelo novo método, os documentos radiograficos anteriores, que o levaram á sua execução, e um caso de diagnostico de tumor do cerebro, localizado pela arteriografia cerebelosa, e explicou que a carta arterial do encefalo, no vivo (arterias, capilares e veias), é, hoje, uma realidade, cuja importancia começa a ser reconhecida por todos os que se dedicam á neuro-cirurgia.

Concursos na Faculdade de Medicina

Desde o mês passado que a Universidade de Lisboa, na Faculdade de Medicina, conta com mais quatro novos professores, que venceram em concurso as arduas provas que realizaram. Foram elles os drs. Barbosa Seixto e Vitor Fontes, em Anatomia, dr. Leonardo de Castro Freire, em Pediatria medica e cirurgica, e dr. José Toacano Rico, em terapeutica geral e farmacologia. Inutil dizer do valor dos novos professores que o seu triumpho celebra. As teses que apresentaram foram: dr. Barbosa Seixto, *A morfogénia de algumas variações rugosidades no homem*; dr. Vitor Fontes, *Os musculos intrinsecos da mão nos portuguezes de condição humilde*; dr. Leonardo de Castro Freire, *O critério nodoso (sua interpretação e valor clinico)*; dr. Toacano Rico, *O antagonismo entre o megastrio e alguns cálices monocelulares*.

Uma lapide

O curso medico de 1908 cotocou, no dia 3, no Atrio da Escola Medica, uma lapide comemorativa da sua passagem pelas estudos: «A Faculdade de Medicina, em memoria dos professores e concdiscipulo. O curso de 1908. 3-6-1933». Discursaram em nome dos ultimos o dr. José Fontes, e em nome dos mestres o dr. Sobral Cid.

Conferencias

No Instituto Rocha Cabral, pelo dr. Celestino da Costa, sobre *O plasma germinal*, no servico de Estomatologia dos Hospitais Civis; pelo dr. Ferrer da Costa, sobre *Preliminares da Orytopédis estomatologica*.

Revistas e jornais

La Presse Médicale publica entre outros os seguintes estudos dignos de menção: No n.º 44, de 3 do corrente: do prof. Sergeant: *La cure salustoriale doit rester la base fondamentale du traitement de la tuberculose pulmonaire*; de M. Chiray et J. Baumann: *L'intoxication d'origine intestinale (toxiémie iléotyphloclécique)*; e G. Roussier, W. Jullien et H. Mollari; *38 observations de tuberculose laryngo-pulmonaire traitées par les seils d'or*; no n.º 45 de 7: E. Joltrain: *L'émotion, facteur de déséquilibre humoral*; Pierre-Haric Huet: *Des cancers latents du pharynx et l'usage Caryophyllis*; Le regime trigémino-cardio-pulmonaire; no n.º 46 de 10: G. Henri Vignes: *Les troubles de la ménopause. Comment les interpréter. Comment les soulager*; de Raymond Mallet: *L'obésité de négativité*; Monceaux et Fontaine: *Le mucus gastrique son rôle protecteur et o estudo de Prosper Mercatel sobre Typhlopharites*; no n.º 47 de 14 Balot et Delherm tratam do que valent les rayons X dans le traitement des syndromes nasodentaires; e nas Notas de Medicina pratica o trabalho de J. Berk: *Technique et interprétation de quelques réactions de floculation utilisées actuellement pour le diagnostic de la syphilis*; no n.º 48, de 17, o estudo de Hamond e Dany: *O fianco direito doloroso*.

Medicina

BIBLIOGRAFIA—LIVROS FRANCESES— Paul Sivadon—*Les Psychoses puerperales et leurs séquelles*. 30 fra. (Le François); M. Melny—*Dibnyss*

des médicaments chimiques. 15 fra. (Le François); Ciesin—*Hygiene de la grossesse*. 12 fra. (Doin et C.); Derville (M.)—*La Puberté et ses accidents chez la femme*. 10 fra. (Vigot fr.); M. Guendo—*L'alimentation des neurissans au cours des infections*. 15 fra. (Arnette); Chiray et Salmon—*Formulaire de Pratique Médicale courante à l'usage des médecins praticiens*. 50 fra. (Vigot); Ornano (J. d')—*Diagnostic clinique de l'arythmie complete*. 25 fra. (Doin et C.); Panisset—*Les Maladies des canaux transmissibles à l'homme*. 12 fra. (Vigot fr.); Udy—*Les paralysies diphtériques*. 15 fra. (Arnette); Smulders—*De la continence prolixique dans le mariage*. 25 fra. (Loutouze et fil); Voile—*Actualités d'hydrologie et climatologie médicales*. 20 fra. (Baillieres et fil); Duham—*La Diathèse et ses applications médicales*. 2.ª ed. 20 fra. (Gauthiers-Villars); Fignarella—*Traitement chirurgical des névroses gastro-duodénales graves d'origine ulcéreuse*. 20 fra. (G. Doin et C.); Femberton—*Le Rhumatisme chronique*. 30 fra. (G. Doin et C.).

Física e química

BIBLIOGRAFIA—LIVROS FRANCESES— S. Thompson—*Le Calcul integral et différentiel à la portée de tout le monde*. Trad. de E. Gérard. 25 fra. (Dunod).

Este numero foi visado pela Commissão de Censura

IV -- Historia e Geografia

Historia e ciencias auxiliares — Geografia — Portugal — Colonias — Brasil

Historia

O vestuario português na Idade Media

O commandante Quirino da Fonseca é um investigador consciencioso que tem o seu nome ligado a assuntos de Marinha. São da sua autoria varios trabalhos entre elles o grosso volume *Portuguezes no mar, indice das naus e naos portuguezes do passado, subido de alto calor para todos os que trabalham.*

Agora, numa sessão da Academia o commandante Quirino da Fonseca occupou-se do Vestuario português na idade média e fê-lo com verdadeira proficiência. Sobre o vestuario não ha em Portugal grandes trabalhos, por isso é bem vindo o estudo de que todos carecem e de lamentar que não existit ainda. Felizmente que a lacuna está preenchida e bem, como pelo *excerpto inédito que damos se vê.*

IA' na Idade Média se designava a ma te rã prima dos varios tecidos e especies da sua urdidura, pelos nomes que permittiram até nossos dias, como o algodão, a lã, o linho, a sarapilheira, a seda, o veludo, o tafetá, a sarja, o fustão, etc.

Mas outras numerosas sortes de tecidos, eram de características que hoje conhece-

mos. Sobre outras especies de urdidura, citou as características que se poderam alcançar e entre outros tecidos, de identificação mais difficilissima, enunciam o berato, o gíngdo, o chancelim, o cordolate, o tenabim, o amielgo, o cortanaí, o marvil, a artamua, o tercanal, a aicha, a sinabaja, o milido, o baldoquim, a antona, a liza, o contraí, o picibi, o logronho, a aborúa, o mandil, a palmilla, o picote, etc.

Referiu-se depois, aos guarnecimentos dos vestidos, comprehendendo o debrun, os encarecelados, os vilros, os enrramados, os alamares, os teizelos, os polpinhos, as tranças com novadilhas e as tranças agelcadas, os enzarrafos, frandura, franjado, etc.

Seguidamente, occupou-se de varias especies de vestuario medieval, comprehendendo 75 descrições diversas, além das relativas ao revestimento dos pés e da cabeça, que tambem citou.

A proposito da camisa, disse que já na Idade Média, se dava esse nome á mais elementar e intima peça de vestuario, que os dictionarios do nosso tempo, definem:—'Vestidura de lançaria, com mangas, fechada em roda, que se veste por baixo dos mais vestidos'.

Atribuindo-se áquella palavra, etimologia celtica, como opinam os eruditos, j'iterá supór-se que ao uso dessa roupa de tão somenos respeito, caiba afinal uma respeitavel anciania, alcançando os costumes da humanidade que principiava a civilizar-se e a vestir-se, praticas muito atenuadas no nosso tempo.

Nem sempre essa peça de vestuario foi discreta, simples, modesta e sufficiente, como haviamos de supór-la, mesmo nesses tempos recuados, pois num enxoval preparado em meados do seculo XV, tambem figuram *camizas brostadas de ouro*, metalicos recamos incomportaveis das camizas vaporosas, ou antes, evaporadas pelos costumes contemporaneos.

O *penteador* que já vemos incluído num inventario medieval, para cobrir ou resguardar aqueles que se penteavam, operação mais complicada ao tempo em que o cabelo abundava genuino e crespo.

Já nesse tempo se usavam, as cirioalas, o colete, a jaqueta, as calças, e outras peças de vestuario que mantiveram as suas antigas discriminações.

Bragas, eram calças largas e compridas. Viterbo, acrescenta que os gala-celticos se chamavam *Bracatus*, por usarem esse vestuario, e eis como, até pelas calças, se caracteriza uma raça.

As *calças-bragas*, eram especialmente usadas pelos lombardicários.

A *seta*, já era usada pelas mulheres, como nos revela o trovador Paes Soares, ter surpreendido D. Maria Paes, a famosa e formosa «Ribeirinha», galanteada por El-Rei D. Sancho I, e nesse traje de saia poeticamente decantado, quicá por esquivo a esse tempo, á contemplação dos enamorados:

Queredu que vos retrala
Quando eu va vi em sala
Mao dia me levantei
Que vos então não vi feia...

Morals descreve o pelote, como «tendo obras grandes e sendo para trazer por de baixo das vestes, opa ou roupa», de modo que não sabem x o que haveria a fazer das suas obras grandes, abafadas pela roupa exterior de toda a especie.

Contrariamente ao parecer de João Pedro Ribeiro, julga-se que o pelote tivesse foramentos, pelo menos, nalguns casos.

Brial, era um vestidio de trazer por cima, uzado

mos imperfeitamente, quando se não conservam indefinidos.

Assim, por exemplo, eram os tecidos de lã que se importavam de Castela, chamados *perdos* e *branzuetas*, o *pano preto de rinitim*, o *pano dipre* ou de *taspe*, o *lenço tiraz*, que se julga consistir em certo pano de algodão, com alguns lavores.

O *pano solia*, que parece ser semelhante ao burel. A *valenciana*, *valenciana* ou *valentina*, pano que se fãa oriundo de Valença, em Espanha, conhecendo-se um documento do seculo XIV, pelo qual se fãria doação de 7 covados do dito pano, áquelles que se vestissem de *almafega*, por motivo de dó. Auxiliava-se, pois, o custein das manifestações de pesar, em indumentaria lufuosa, a quem dispendesse com a *almafega* para um vestido de dó, era recompensado com a *valenciana* para um traje de espairceir. *Solia*, segundo Viterbo, era um pano de boa qualidade. Todavia, quasi um seculo volvido, e em tempo de Luiz de Camões, parece que tal fazenda decalra em mercadimento, pois que o poeta, amesquinhando certo escudeiro, escreveu nas suas rendilhas:

«O' tu, como me atarracas Escudeiro de solia com bocais de fidalgula»...

Bragal, ainda é o nome que se dá actualmente, no norte do país, a certo pano de linho grosso que se usava na Idade Média.

Tambem antigamente, a certa quantidade deste pano, 7 a 8 varas, se chamava *bragal*, servindo de unidade para a realização de compras ou pagamento de foros. Ao tempo de Egas Moniz, em aquisição por ele feita, coube a uma mula, o valor de 300 bragals ou cerca de 2.000 varas do respectivo pano, e assim reconhecemos a valia do gado muar nesse tempo, ou o insignificante: apreço do burel. A *bifa*, seria um tecido de lã.

O *menin*, segundo Viterbo, era uma baeta de que as mulheres do campo faziam as suas mantilhas. Todavia, em 1493, a Branca de Proença moça da camara da rainha D. Isabel, foi feita a doação de um manto de *menin*, pelo que se depreende, que a fazenda não fosse tão grosseira como se dizia, para caber ao uso das mulheres do campo.

Conheciam-se varias sortes de veludo: *apicholado*, *cabelado*, *dobrado*, *tercio pelo*, *de zarra gamala*,

por homens e mulheres. Numa trova do Cancioneiro do Vaticano, certa dona vai glosando a excessiva desenvoltura da filha:

Foste, filha, e no bailar
E rompestes hi o brial...

Notar-se-á, porém, com ostenuante para a dezastrada tranqüilidade da moça, que essa veste poderia ter longa cauda, como nos guarnimentos de Bregalada, da «Cronica Troiana»:

—...arrastava-lhe del (do brial) por terra, uma mal gran partida».

Foi essa «gran partida», que comprometeu por certo, a moça do bailar.

E depois de referir algumas circunstâncias sobre cerca de duzentas palavras que na Idade Média, se applicavam a espécies de vestuário ou seus accessorios, concluiu:

—Tão longa tarefa se reduziu a deparar com algumas dezenas de vocabulos que não figuram em qualquer dicionário ou glossario arcaico, além das que elles já apontam como de significação indeterminada e que ficaram quasi no mesmo pé.

Ora, a linguagem de um povo é, por assim di-

zer, um organismo vivo que incessantemente se reconstitui, gerando celulas indispensaveis ao seu desenvolvimento e rejeitando outras, gastas pelo tempo, inutilizadas pela contingencia da propria vida, transitoria nos componentes, mas infinda nas transformações.

Succede, porém, que alguns desses elementos esquecidos, ou desvalorizados, assim como a dos terrenos em cultura depois de um pouco inevitavel, ainda podem ganhar vida, significação, actualidade, tão vigorosa e prestavelis como dantes.

Outrossim, parecendo que toda a criação verbal deva ser immediata, ha pelo menos funções e costumes que improvavelmente se renovam, exigindo a palavra propria, que antes os definia a precetiva.

Conferir, aquilatar essa riqueza vocabular em continua evolução, esse oiro de lei, não em barra de um materialismo ine: preveio, mas em moeda de cunho perfeito, classico, embora sem curso na actualidade, será talvez um mero devaneio que a leitura promove e o sentimento amplia. Grato passatempo, enfim, para quem, mesmo nesses valores antiquados mas estimaveis, julga admirar e resguardar um património.

QUIRINO DA FONSECA

Heraldica de soberania do Imperio Português de Além-Mar

Afonso de Dornelas, academico e padre mestre doutorado em Heraldica e Genealogia, fez á Academia das Ciencias de Lisboa uma interessante communicação com o título acima mencionado. Tratou da organização das Armas para caracterizar a soberania de cada Estado português de Além-mar e á fundação, evocação e desenvolvimento das Armas Nacionais desde o Conde D. Henrique até hoje, referindo-se a que o escudo nacional português é inconfundível entre as armas das outras nações, pela disposição especial da sua bordadura e das quinas. Demonstrou também a vantagem de que as Armas dos Estados de Portugal no Ultramar, tenham também uma bordadura, devendo esta ser carregada dos escudetes das quinas e das cruces de Cristo, emblemas autenticamente portugueses e bem conhecidos por todo o mundo civilizado.

Tratando da Organização das Coroas Murais

para as Armas de Soberania dos Estados do Imperio Português de Além-mar, descreveu a necessidade de serem criadas coroas murais diferentes das que já foram adoptadas na metropole, para encimar as Armas dos Estados Ultramarinos Portuguezes. Diz então que essas coroas murais devem ser de ouro, de cinco torres, devendo as ametas dos panos de muralha que estão entre as torres, ser constituídas de escudetes de prata carregados de cruces de Cristo de suas cores e cada torre carregada de uma esfera armilar de vermelho sobre as respectivas portas.

Criada assim uma bordadura e uma coroa mural uniformes para todas as Armas de Soberania dos Estados Ultramarinos, o sr. Afonso Dornelas, citando cada um desses Estados, foi-se referindo ao emblema e á sua razão de existencia desenvolvidamente. Desses estudos damos os capitulos ineditos sobre Cabo Verde, Guiné e Angola:

Estado português de Cabo Verde

Vivia ainda o Infante D. Henrique, quando de facto os navegadores e cooperadores na sua grande empresa de descobrir e conquistar novos mundos, descobriram parte das ilhas de Cabo Verde, dentro do primeiro semestre de 1460. O mais difficil foi estudar scientificamente a forma de navegar e romper essa muralha que para o povo era de lenda cheia de terror, avançando pelo mar immenso, contra todos os perigos que o desconhecido encerra.

Tudo isto constituiu a grande obra do Infante D. Henrique, o Navegador.

Depois, terminando o ensaio geral que nos levou até Cabo Verde, seguiu-se a monumental marcha, descobrindo e conquistando a costa occidental de Africa, depois a costa oriental, a India, a China, tudo...

Quando, no fim do anno de 1460, morreu o Infante D. Henrique, tinhamos parte das referidas ilhas de Cabo Verde, completando-se em 1463 a posse do archipelago.

Reinava então D. Afonso V, como reinava quando chegamos á Guiné e a S. Tomé e Príncipe.

Como foi Cabo Verde o primeiro Estado que fundamos na costa occidental de Africa, julgo que será interessante indicar a sua representação com uma caravela, emblema heraldico que passa a caracterizar esse territorio ultramarino.

A caravela era a embarcação ligeira que os portugueses aperfeiçoaram por forma a fazerem nella as mais extraordinarias viagens.

Por isso, as Armas e a Bandeira de Cabo Verde devem ser constituídas:

—De verde com uma caravela de negro realçada de ouro, vestida de prata com cabos e mastreação de negro, vogando num mar ondado de prata e de verde.

—Bordadura e coroa mural, referidas.

O verde proposto para campo das armas, simboliza heraldicamente o mar e significa esperança e fé.

Com o esmalte verde fica representada a conquista do mar, conquista cheia de esperança e de fé para avançar mais, desvendando a costa de Africa.

Heraldicamente, o mar é representado de verde e de prata, em faixas ondados.

A prata denota riqueza, eloquencia e humildade.

A caravela deve ser de negro, porque este esmalte corresponde á terra e significa firmeza.

As caravelas que nos levaram tão longe, eram pedaços da nossa terra cheios de firmeza patriótica e de audacia consiente.

O ouro que realça a caravela, significa nobreza e poder.

As velas de prata representam a eloquencia colossal do facto.

A bordadura que cerca o emblema e que é destinada a representar a soberania de Portugal nas terras de Além-mar, é de ouro, metal mais rico da heraldica e que significa fidelidade, constancia e poder.

As aquinas e as cruzes de Cristo que carregam a bordadura, são os elementos heráldicos que em todo o mundo assinalam Portugal e a sua enorme acção na historia da civilização e que caracterizam os padrões que levantamos em toda a parte.

Estado português da Guiné

Em 1446, reinando D. Afonso V, depois de varias tentativas bem conhecidas na historia das descobertas portuguesas, foi Nuno Tristão sessenta leguas além de Cabo Verde, descobrindo portanto toda a costa da Guiné que, em grande parte, já era conhecida de outros navegadores portugueses.

No ano seguinte, em 1447, Alvaro Fernandes navegou o dobro de Nuno Tristão, para lá de Cabo Verde, chegando a passar seis leguas além da Serra Leoa.

A historia da Guiné é vasta, principalmente no esforço dos portugueses, resistindo a investidas de outras nações que tanto nos têm cubilado este e todos os nossos territorios de além-mar.

Parece que D. Afonso V já previa que de facto a posse da Guiné daria trabalho a manter e que representava qualquer coisa de monumental para Portugal o sustar a integridade daquele Estado, pois que, ao saber-se senhor da Guiné, mandou fazer um bastião de marfim vindo daquelles paragens, bastião que ordenou fosse enclimado por uma cabeça de negra, para, nas grandes solemnidades, o seu mordomo-mór ser portador desse bastião representativo do Senhorio da Guiné.

Chegou esse bastião até aos nossos dias, mas, com o nome de «Negrinha», já transformado em bengala e considerado como sendo o distintivo de mordomo-mór.

Esse bastião que, desde D. Afonso V, representa simbolicamente a Guiné, mas em forma de bastião e não de bengala.

Vejam, pois, como devem ser constituídas as Armas da Guiné:

— De negro, com um bastião de ouro rematado por uma cabeça de negra, tambem de ouro, realçado de negro.

— Bordadura e corôa mural referidas.

O negro proposto para o campo das armas, corresponde heraldicamente á terra e representa firmeza, obediencia e honestidade.

Conhecendo-se a historia da Guiné sabe-se que em todos os tempos, desde que no seculo XV passou á posse de Portugal, necessitou durante seculos uma defesa permanente, não só das autoridades que têm presido aos seus destinos, como dos proprios naturais que a têm defendido de estranhos a favor de Portugal.

E, pois, com o proprio esforço da terra, com firmeza, obediencia e honestidade que a Guiné se tem mantido Portuguesa.

O ouro indicado para o bastião significa heraldicamente nobreza, consciencia e poder.

Estado português de Angola

D. João II, rei de 1481 a 1495, teve a felicidade de

Instituições scientificas

HOMENAGEM A MARTINS SARMEN-TO.—Realizou-se, em Guimarães, O arqueologo Martins Sarmento foi celebrado por seus estudos, e pagou-se, assim, uma velha divida. Houve cortejo cívico, inaugurou-se no largo Martins Sarmento o seu busto em bronze, scultura de Antonio de Azeredo, fez-se uma romagem ao seu túmulo e uma sessão solenne em que o professor Mendes Correia foi o conferente, e na qual tomaram parte o poeta Correia de Oliveira e o maestro Visão de Mota.

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA—Na

suas sessões de 14 e 27 tratou-se de vários assuntos de alto valor archeologico e historico, fazendo-se tambem eleição de socio.

BIBLIOGRAPHIA—LIVROS FRANCESES—Mato Slonim—*De Pierre le Grand à Léonie*, 16 fra. (Nouv. Rev. Françaises); Gougnague Truc—*Louis XIV et M^{le} de La Vallière*, 15 fra. (Sicé); Claude Saint-André—*Henriette d'Angletterre et la cour de Louis XIV*, 25 fra. (Pion); N...—*Frédec de l'histoire de l'Égypte, par divers historiens et archéologues*, T. I, 100 fra. (Goussner); Aubry—*L'Impératrice Eugénie*, 25 fra.

vér, durante o seu reinado, descoberto o resto da costa occidental de Africa até ao Cabo da Boa Esperança.

Essa «boa esperança» consistia em poder continuar a viagem pelo oriente até á India, o que só se effectuou no começo do reinado seguinte, pelo que D. Manuel I teve o cognome de «Venturoso».

Foi, pois, no reinado de D. João II que Portugal ampliou o seu Imperio, com os importantissimos territorios que formam o actual Estado de Angola.

A vastidão deste territorio tem dado occasião a que a sua historia de defesa, independencia e paz, tambem tenha sido vasta em manifestações de patriotismo e grande heroicidade.

No intuito de assinalar a passagem dos portugueses pela costa de Africa, ordenou D. João II que, nos promontorios que se fossem deavassando, fossem levantados padrões para marcar a posse de Portugal.

Diogo Cão foi o primeiro português que pôde cumprir a interessante deliberação de D. João II, e foi nos territorios do Estado de Angola que foi levantado o primeiro monumento desse genero.

O padrão poderia consistir, de facto, um interessante emblema para assinalar este Estado Português no Ultramar, mas, como não foi só aqui que os portugueses de outrora levantaram padrões, ficará esta peça heraldica reservada para armas dos distritos, cidades ou vilas de Além-mar, onde de facto tenham sido levantados padrões, pois é um elemento historico local.

A acção de D. João II para o desenvolvimento de Portugal no Ultramar, foi tão notavel, que bem merece que o seu emblema pessoal figure como simbolo de um dos mais notaveis Estados Portugueses de Africa.

«O Pelicano tirando de si o sustento para os seus filhos» denota uma indole de independencia, brio e valor.

Este emblema, adoptado por D. João II, caracteriza a vida do Estado português de Angola, em que inumeras actividades se desenvolveram para conseguir a sua manutenção com o proprio esforço.

Parece-me, pois, que as Armas e Bandeira de Angola deverão ser assim constituídas:

— De purpura, com um pelicano alimentando os filhos, de ouro realçado de negro.

— Bordadura e corôa mural referidas.

A purpura proposta para o campo das Armas é o esmalte heraldico de maior representação, aquele que as regras de heraldica permitem que seja usado sobre qualquer outra cor ou antes, é uma cor que tem a importancia heraldica dos metais: ouro e prata; é a cor de que se faziam dantes as vestes dos principaes senhores, portanto, a cor heraldica que representa maior opulencia e grandeza. Além disto, era esta uma das cores que D. João usava na sua divisa.

A indicação do ouro para o pelicano é devida a ser este o metal que na heraldica significa fidelidade e poder, nobreza, fé e constancia, predicados estes que bem assinalam a vida e a historia de Angola.

O negro indicado para realçar o pelicano e os filhos, é representativo da terra, quer dizer, o esforço proprio, o valor local. Além disso, representa firmeza e honestidade.

APONSO DE DORNELAS

(Tallandier); F. Bac—*Vienne au temps de Napoléon*, 15 fra. (Hachette); Loth—*Philippe II*, 25 fra. (Payot); Brousselle—*Paris et sa région à travers l'histoire*, 22 fra. (Delagrave); Dubouay—*Nièvre moderne du Peuple Jull*, T. I, I e II, 20 fra. (Payot); F. Goan—*Nièvre de la Praterie*, 25 fra. (Payot); Enest d'Austerive—*Sainte-Hélène au temps de Napoléon et aujourd'hui*, 25 fra. (Calmann-Lévy); Sassenin—*La Chambre des Comptes de Paris au 15^e siècle*, 30 fra. (Picard); Foury—*Louis XV intime et les petites maîtresses*, 15 fra. (Pion); Lacombe—*La vie privée de Talleyrand*, 15 fra.

Geografia

Os descobrimentos marítimos e os técnicos da navegação

(Resumo da comunicação de Gago Coutinho à Academia das Ciências de Lisboa)

Na sua comunicação à Academia das Ciências, lida em 15 de junho corrente, o almirante Gago Coutinho ocupou-se da «Necessidade de submeter a História dos descobrimentos marítimos à análise dos técnicos de navegação».

Era uma tese em princípio axiomática e cuja demonstração seria pública. Os nauticos, embora sejam os únicos competentes para explicar como as viagens, à vela, foram feitas, são incompetentes para escrever a história. Eles são apenas *testemunhas* a depor, e não *juizes a julgar*. Lamentavelmente, apesar da evidência deste princípio, os *juizes*, isto é, os cronistas, escreveram a história sem ouvir os nauticos, ou aceitando princípios tecnicamente absurdos.

O almirante Gago Coutinho para reforçar a sua afirmação, escreveu de alguns exemplos de viagens, sobre as quais aquelas informações erradas concorreram para falsear a história dos descobrimentos. Tais são:

A descoberta dos Açores foi feita pelos portugueses, em consequência da busca das ilhas falsas dos portulanos do século XIV e não da busca do caminho de volta, à vela, da costa de África para Lisboa.

A descoberta da ilha de Cabo Verde, por causa de *arribada* com um inverosímil *temporal* do sudoeste.

A derrota de Vasco da Gama, traçada de S. Tiago de Cabo Verde directamente para sul, e não tendo sido feita a bordada de S. Tiago para a Serra Leoa, como consta do *Roteiro* e até dos *Lusitadas*.

A interpretação da «estrela que Gama tinha diante» ao chegar ao Equador, à qual se referem os *Lusitadas*, *estrela* que não podia ser a *constelação do cruzado*, que naquela época estava abaixo do horizonte, mas a brilhante estrela *Candô*, que estava acima do horizonte, e que era nova por se não poder ver então de Lisboa.

A descoberta do Brasil por *acaso*, tendo Cabral sido lá levado por *temporal*, por *ventos*, por *corrente*, o que tudo é nauticamente absurdo, visto que

Cabral montou a parte mais oriental da costa do Brasil sem a ver, e só foi avistar terra em 17 graus de latitude sul, já muito ao ocidente.

A possibilidade de Pireoz, tendo partido as ilhas de Cabo Verde para o sudeste, *ir descobrir* a costa de Pernambuco, antes dos portugueses.

A facilidade com que se acreditou nas afirmações de Vespucio, o qual, nas suas próprias cartas, piores que a de quem nem era *descobridor*, nem sequer nautico.

Enfim, a pouca importância que se tem dado às viagens de Gaspar Corte Real, quando se deduz que ele descobriu, não só a *Terra Nova*, que foi durante uns séculos considerada terra portuguesa, como a *Greenlandia*, abandonada por causa dos gelos e do clima frio, e a *Florida* e a costa dos Estados Unidos para o norte, também abandonada por se encontrarem centenas de leguas dentro do hemisfério espanhol.

O almirante Gago Coutinho concluiu a sua exposição com as seguintes palavras:

«Como se viu, a minha *tese*—necessidade de escrever a História nauticamente certa—foi, de facto, desprezada pelos historiadores, como Scipius Luge, e quasi todos os outros. Com os exemplos apresentados mostra-se como é *flagrante* o erro dos que escreveram sobre viagens de descobrimento sem se terem previamente tentado impregnar do conhecimento pratico da Arte de Navegar os navios de vela, com os quais se fizeram as maiores viagens de descobrimento.

E como tais viagens foram principalmente portuguesas, é aos portugueses que mais interessa estabelecer esse princípio aeronautico, que rectifica a História, e que prova que, no século XV, a *Ciência Náutica* não estava concentrada nos Colombo e nos Vespucios, que nos deixaram *diários* e *cartas*, mas naqueles navegadores que, embora talvez escrevendo pouco, durante um século de experiência de alto mar, a criaram e a aplicaram: os *mareantes portugueses!*»

Vestígios de uma civilização desconhecida

BRISBANE, 3.—No interior de Queensland, foram agora descobertas misteriosas ruínas de construções de pedra, que revelam ter, em épocas pre-históricas, existido na Austrália uma civilização até agora desconhecida, muito mais adiantada do que todas as outras.

As ruínas em questão foram descobertas a uns 120 quilómetros ao nordeste de Birdsville, em Queensland. Compõem-se de três grupos separados, de construções de pedra e de uma simples rua de pedra lavrada perfeitamente construída. Como os indígenas que se encontraram ao ser descoberta a Austrália constituíam tribus nómadas muito primitivas, que o mais que poderiam construir eram cabanas, supõe-se, por isso, que antes deles existiu ali outra civilização, até agora desconhecida, cujos restos têm certa semelhança com a cultura Zimbábue, na Rodésia.—(U. P.).

O monumento ao infante D. Henrique, cuja iniciativa partiu do Diário de Lisboa, entrou assim na fase preparatória da sua execução

A Conferencia Economica Mundial



Encontro amigavel

Monumento ao Infante D. Henrique

No dia 22 tomou posse, no ministério das Finanças, a comissão encarregada de proceder ao estudo do projecto do monumento a elevar na ponta de Sagres ao infante D. Henrique, e cujos membros são os sr. dr. Julio Dantas, almirante Gago Coutinho, dr. José de Figueiredo, dr. Joaquim Mano, dr. Rinaldo dos Santos, architecto Cristiano da Silva, escultor Simões de Almeida, arqueologo Matos Sequeira e pintor Antonio Soares.

O escultor Simões de Almeida não compareceu, e pediu escusa, por não poder comparecer. No dia 23 a comissão reuniu na Escola de Belas Artes.

BIBLIOGRAPHIA—LIVROS FRANCESES—Magdeleine Laurent—*Une Femme en U. R. S. S.* 12 fra. (Revue Mondiale); Igautey—*Chine ou Japon*, 12 fra. (La Madrilaine); Dr. Paul—*L'Andorre s'éveille*, 6 fra. (Pet G. Soubiron); Comte de Chambord—*Voyage en Italie 1829-1869*, 15 fra. Edit. de France.

Colónias

A Conferencia Colonial Imperial

No dia 1, em Lisboa, no Palácio da Assembleia Nacional inaugurou-se a Conferencia Colonial Imperial, sob a presidência do chefe do Estado, sr. general Carmona. Foi inaugurada ás 21 e 30 com a assistência do Corpo Diplomático, antigos governadores coloniais, altos commissários e governadores actuaes, fazendo a guarda interior do edificio a companhia indigena. A

tribuna presidencial era composta do sr. presidente da Republica, tendo á direita e á esquerda o sr. ministro sr. dr. Oliveira Salazar e á esquerda o sr. ministro das Colónias. O sr. dr. Oliveira Salazar pronunciou o seguinte discurso inaugural, que reproduzimos na integra, seguindo-se-lhe o sr. ministro das Colónias e o sr. general Cavaco Lopes.

«Senhor Presidente da Republica: Assiste v. ex.^a hoje nesta sala, destinada aos trabalhos da Assembleia Nacional, a uma solemnidade certamente unica na historia moderna da nação portugueza, e que o Governo deseja fique marcando em relevo o sentido da sua politica colonial.

Estão em Lisboa—capital do Imperio—os governadores de todas as colónias portuguezas, expressamente convocados para estudar com o ministro os mais altos e instantes problemas dos seus respectivos dominios e em conjunto os que respeitam ás suas reciprocas relações e ás que devem ser mantidas com a Metropole; e por singular coincidência dos acontecimentos cabe áquella que há três anos fez publicar o Acto Colonial, dirigir hoje como chefe do Governo, as melhores saudações ao ministro das Colónias e aos governadores dos nossos dominios do Ultramar, pela realisação metódica da obra que seahara ao lançar naquele diploma os grandes principios a que deveria subordinar-se a politica do Imperio e a administração geral das colónias portuguezas.

Tenho viva no meu espirito as altas, velhas figuras da colonização portugueza; perpassem-me pela mente os homens de ontem e os homens de hoje, os soldados e os administradores das colónias publicas na Africa e no Oriente, muitos dos quaes comprehendem bem ter aqui o seu lugar, porque igualmente o têm no meu coração de português pelo seu valor, pelos seus feitos, pelo seu patriotismo. E no entanto esta homenagem que sinceramente presto a quantos quaes podem afirmar, como o Poeta, ter deixado

«as vidas pelo Mundo» em pedaços repartidas, não pode diminuir o orgulho que sinto,—de o Estado Novo ter feito inserir na Constituição Política, como parte integrante do estatuto fundamental do país, as directrices não simplesmente duma politica diferente, mas duma politica nova nesta materia, para mais perfeita expressão da nossa consciencia nacional e afirmação mais vindicada do temperamento colonizador dos portuguezes, para engrandecimento de Portugal e melhor utilização dos nossos recursos comuns, e na prevenção das perturbadas ideias que a crise faria surgir, para ser mais clara, diante da Europa, a nossa posição de grande potencia colonial.

I

Momentos de alto espirito embora, mas que conham mais do que pensam ou que pensam mais as abstracções do que vivem, as realidades, estão dramaticamente conflitando das soluções em con-

junto, dos problemas que a todos affligem, esperando pôr no tablado internacional as suas necessidades e poder trazer da Assembleia Geral dos povos pultos e remedio para todos os males presentes. No estado actual seria como um casamento de mendigos juntando na choupanas em ruínas a sua miseria e os seus trapos.

Esta orientação de exagerado internacionalismo que pensa simplificar um problema multiplicando-o por mil, é tanto mais estranha quanto muitos povos se deixam dominar por nacionalismos estreitos e agressivos desenvolvem largamente uma politica de egoismo, e em verdade só poderiam levar para a mesa das conferencias a perturbação nascida dos seus interesses ou das suas ambições.

O Mundo está sobretudo doente de espirito. Deste canto occidental da península ha muito que erguemos a nossa debil voz em defesa desta tese simple, leal e que supomos senata. Assim como é impossível ordenar a economia duma nação sem entrar convenientemente todos os seus factores e ramos de actividade, assim tambem é impossível melhorar a economia do Mundo sem que cada nação se esforce e consiga resolver as maiores dificuldades da sua situação interna. O quadro nacional será a perder de vista no tempo o campo mais simple da solução dos problemas do Mundo.

Em cinco anos de proliados esforços de sacrificios e sofrimentos fizemos nós aqui uma experiencia que, todas as nações têm chado com interesse. Com a nossa paz, a nossa ordem, o nosso equilibrio, o nosso credito, o nosso trabalho, nós temos contribuido decididamente para a paz, para a ordem, para o equilibrio, para o credito e para o trabalho no Mundo. Fizemo-lo sem protecção, sem auxilio de qualquer especie; que digo? Fizemo-lo apesar dos obsteculos que de muita parte se tem erguido contra a nossa açáo.

Fizemo-lo com a preocupação de não prejudicar a açáo alheia. Propostadamente fiz esta referencia porque me parece dever ser principio superior de orientação na restauração nacional nada se fazer que seja obsteáculo a que outros países resolvam tambem os seus problemas vitais.

Fiel, direi, quant sacrificados a este criterio, nós somos em materia de trabalho, de comercio externo, de cambio, de communicacões internacionais um dos poucos países que hoje pretendem desenvolver-se sem molestar ou restringir a fortuna alheia e os direitos que se haviam geralmente reconhecido como conquistas da civilização moderna.

Es a nossa tese e a nossa posição: nacionalismo intransigente mas equilibrado que simplifica a solução dos problemas no Mundo aproveitando o quadro natural da divisáo em nações que trabalha com o claro sentido da solidariedade internacional para que contribui com o seu activo; realizações e cujos superiores interesses não ofendem nem contrariam a actividade desenvolvida no plano nacional. E este o espirito com que trabalhamos, hoje nem sequer ideia ninha ou deste Governo mas preceito expresso, da nossa Constituição.

Depois de algum tempo perdido, de muitos atritos e de algumas destuições voltarão os espiritos á boa razão, e este suspieto e curioso comunitarismo internacional que consistiria em não disporrem dos bens e outros da boa vontade... de ficar com eles há-de dea-parecer tambem. O sentido das realidades sociais das profundas realidades nacionais acabará por impôr-se á visão dos altos dirigentes e imprimirá novas directrices á marcha das coisas.

A nós não-de vir encontrar-nos então trabalhando tranquilos na unidade politica e economica de Portugal e do seu Imperio, de que queremos fazer um poderoso factor de paz e de progresso do Mundo.

II

E na verdade com o mesmo criterio de nação agregado social diferenciado, independente, soberano, estatuidado, como entende, a divisáo e organização do seu territorio, sem distincções de situação geografica, que não consideramos, administramos dirigimos as colónias portuguezas. Tal qual como o Minho ou a Beira, é sob a autoridade unica do Estado, Angola ou Moçambique ou a India. Somos uma Unidade Juridica e politica e desejamos caminhar para uma unidade economica tanto quanto possível completa e perfeita, pelo desenvolvimento da produção e intensa permuta das materias primas, dos generos alimenticios e dos productos manufacturados entre umas e outras partes deste todo. Os regimes economicos das colónias têm de ser estabelecidos em harmonia com as necessidades do seu desenvolvimento, com a justa reciprocidade entre elas e os países vizinhos e com os direitos e as legítimas conveniencias da Metropole e do Imperio Colonial Portuguez. Entre nós constituímos á variedade da unidade, campo de trabalho comum nas condições definidas pelas conveniencias de todos, perante os outros países como simplesmente a unidade, um só e o mesmo em toda a parte.

Nem na Metropole nem em qualquer das nossas colónias nós nos en-

contramos fechados e agressivos diante do capital do trabalho, das iniciativas alheias. Mas abertamente que muitas outras nações, nós recebemos e acarinhamos a colaboração estranha; por todo o Império muitos milhares de estrangeiros e muitos milhões de capital trabalham, prosperam, se acotchem à generosidade das nossas leis, à sombra da nossa bandeira, à defesa do nosso direito e da nossa autoridade. Mas os elementos que ingressam no território nacional para valorização própria temos de considerá-los integrados na obra comum, no interesse português, como factores não dum economia estranha, mas da nossa economia. Respeitando a nacionalidade das pessoas e os frutos particulares do seu trabalho ninguém poderia supôr que vemos ali alguma limitação à soberania do Estado português: não poderíamos

bele devemos organizar cada vez mais eficazmente e melhor a protecção das raças inferiores cujo chamamento à nossa civilização cristã é uma das concepções mais arrojadas e das mais altas obras da colonização portuguesa. Trabalho para gerações sucessivas, para o escol da nossa mocidade, temo-lo diante de nós a solicitar-nos a inteligência e o braço, porque, se o não fôssemos realidade, não nos estava bem afirmá-lo em palavras. Gloriosa mas pesada tarefa, capaz de vergar os ombros mais fortes e acoburnar os espiritos mais saudáveis, se por uma especie de predestinação histórica não estivéssemos de há muito habituados a descobrir, a batalhar a trabalhar e a sofrer para que se acrescentem territórios ao Mundo e novos povos recebam as luzes da civilização. Com o método e a firme seriedade que caracterizam a nossa politica com a nitida consciencia dos nossos deveres tão propria do País que não nasceu ontem, vamos continuar, intensificando-a, ampliando-a, elevando-a, a nossa obra colonizadora: com ela engrandeceremos Portugal—sem duvida—mas concorreremos também grandemente para a paz e o progresso do Mundo.

Foi muito aplaudido o discurso do sr. dr. Oliveira Salazar seguindo-o o sr. ministro das Colonias que entre outras fez as seguintes afirmações:

Pela conferencia dos governadores que hoje inicia os seus trabalhos o Império Colonial Português apresenta-se aos olhos de todos na sua inteira grandezza e na sua perfeita unidade. Esta reunião não tem precedentes na nossa vida administrativa: mas para o futuro da Nação julgou-a de transcendente importancia.

Marca na ordem externa a primeira realização de uma politica de solidariedade que se propõe fazer considerar em comum para serem dirigidos segundo um pensamento superior unico—como cousas que pertencem à mesma colectividade—os interesses, as necessidades as ambições de oito milhões de portugueses espalhados pelos dois milhões de quilometros quadrados do territorio luso-antillano ultramarino.

Devidos por doutrinarismo que mais se fundava em lição alheia do que numa experiencia nacional que tinha cinco seculos de profundidade, entramos, vai já em 25 anos, no caminho de proclamar a autonomia das Provincias de Além Mar no campo administrativo e financeiro. Em certo momento levamo-la quasi até ao limite em que cada colonia, fechada em si mesma, tinha a possibilidade de ir esquivando que pertencia à grande e gloriosa comunidade portuguesa—que no Mundo é das mais vastas e na Europa é a mais velha e a solidã.

Tão forte é porém em toda a terra a unidade sentimental da Nação que longos anos de sujeição a uma doutrina naturalmente geradora de particularismos não conseguiram quebrá-la. Mas temos de reflectir que se durante muito tempo teimássemos em efectivar-la na sua pureza, como pelo natural pendôr dos acontecimentos teria de

ser e episodicamente tem sido já—naturalmente conquistamos o Império à desagregação, depois de havermos provocado o isolamento de cada uma das parcelas que o compõem, o alheamento dos interesses da colectividade, o desconhecimento mutuo.

A Nação é a mesma em todas as partes do Mundo

A Nação é a mesma em todas as partes do Mundo. Filha da mesma grei, vindos da mesma historia, cobertos pela mesma bandeira, proseguindo um mesmo ideal colectivo, nenhuma antagonismos nos podem separar. Nas horas do perigo ou da desgraça as forças de todos constituem uma só força—que é Portugal.

E preciso que nas horas monotonas ou duras, do trabalho assim seja também. Um país como o nosso, pequeno na Europa, tão grande no Mundo e tão disperso, só numa forte unidade governativa, pode encontrar a força precisa para vencer as dificuldades do presente e constituir um futuro melhor.

Se é este o sentimento que mais vivo existe na alma da nossa gente, seja qual for o canto da terra que occupar—este é o principio fundamental de que devemos partir para a construção do Império.

A unidade da Nação exige unidade de pensamento directivo—quere dizer unidade de acção governativa. Como poderíamos dizer que existia a unidade da Patria onde cada parcela da Nação pudesse construir-se um ideal proprio e realizá-lo por seus meios exclusivos? Quem saberia falar de unidade nacional onde cada municipio ou provincia, ou colonia, pudesse esquecer-se da solidariedade a que pertence e em que é apenas um elemento, para dar largas ao seu egoismo é, indifferente a tudo, proseguir tão sómente os seus interesses?

Ninguém, que tenha um coração português, discute, creio eu, este ponto. Mas é preciso accutar também as suas logicas consequencias.

Tudo o que é comum no Império tem de ser organizado e realizado em comum. Nenhuma autonomia ou interesse se lhe deve oppôr. A vida administrativa de cada região ultramarina está desta forma limitada: e tudo o que em especial lhe respeita tem de ficar subordinado ao colectivo e gera.

O Ministerio das Colonias retoma a vida Nacional no papel de primeira grandeza

O Ministerio das Colonias, de que o regime das autocolonias tinha feito a apagada sombra de uma autoridade, retoma assim na vida nacional um papel de primeira grandeza. Não será, apenas como até aqui, um órgão de fiscalização e de orientação superior—tão alta que quasi ninguém conseguia vê-la—mas de acção immediata. Não será vaga inspecção, passivel mas nunca efectiva, ou simples repartição de expediente das Colonias na Metropole—mas a primeira autoridade do Império, o principal centro de comando ideal ultramarino.

Deve dominar tudo o que é colectivo no Império para fundir todas as



—Aonde vais com tanta pressa?
—A minha sogra está muito mal, devido a uma escada que comeu, e eu vou ter se lhe compro mais.

(De O Primeiro de Janeiro, Porto)

prescindir de sermos nós quem define o interesse comum e marca as posições que devem ser tomadas para a perfeita realização dos nossos fins.

O que resumidamente tenho dito é a ideia central da obra que vem sendo esboçada, e que vai agora ter notavel impulso nesta conferencia dos governadores colonias. Tem de fazer-se a adaptação das leis politicas e administrativas das colonias aos principios da Constituição Politica e do Acto Colonial: há que estudar caso por caso, os multiplos problemas da produção e intercambio dos productos das Colonias com a Metropole e das Colonias entre si com o regime preferencial adequado para o progresso do todo economico que queremos constituir; há que rever e pôr em sação o plano de melhoramentos publicos indispensaveis, dentro daquele criterio moderado das possibilidades financeiras e da garantia dum rendimento efectivo; e por cima de tudo porque mais alto e mais

parciais que se compõem. O que é nacional pertence-lhe: no seu seio há outros os interesses morais e materiais que em pertencem a nenhuma colónia em especial o são de todas; na sua órbita devem estar tomadas as necessidades que mais de uma colónia sentir, os interesses que entre si colidirem e os que melhor puderem ser satisfeitos pelo Poder Central do que pelos poderes locais.

Para que esta aspiração se transforme em facto, indispensável é que o Ministério esteja num contacto íntimo e constante com todos os governos e populações colonias. O correio e o telegrafo não bastam.

Não levam ao longe a vibração, o calor comunicativo que é indispensável para manter certo o ritmo na marcha accional de um povo. Ministro e governadores têm de reunir-se muitas vezes Alem-mar e neste «stilo de Lisboa» de que já no século XVII Mendes de Vasconcelos dizia que a Divina Providência, querendo-o fazer capaz do Imperio não permitiu que lhe faltasse nenhuma coisa para esse fim.

Têm as colónias a situação das pessoas morais: o seu activo e passivo proprio; a disposição das suas receitas, a responsabilidade das suas despezas, o seu Orçamento privado; os seus negócios propios de governo, a descentralização administrativa e a autonomia financeira. Nestas bases essenciais decorre a sua vida justamente.

Um segredo do sr. ministro das Colónias afirma que o espirito da Nação deve dominar o das autonomias. Depois... Podemos dizer que nada no mundo nos é estranho. Todos os grandes movimentos dos povos nos tocam. As lutas travadas na China interessam a Macau, o nacionalismo de Gandhi pode tocar na Índia e as reivindicações dos Indios orientais em Timor. O Imperio dá por quadro a nossa politica internacional todos os povos e todas as terras.

No Ultramar está o verdadeiro ideal português. Para as Colónias nos empurra uma historia gloriosa; para elas nos leva o espirito de poesia e de aventura da raça; para lá nos chamam eloquentes promessas de grandes realizações.

Para as Colónias temos de dirigir, devagar mas persistentemente, a nossa vida. Elas podem-nos dar tudo—desde o orgullo colectivo que faz grandes os povos até a certeza do trabalho, a gloria das realizações, à riqueza, ao bem estar, à força.

Ha povos que, por disporem de grandes meios de socção—pela immensidade dos seus recursos e abundancia de gente—podem colonizar com métodos de prodigalidade. Para atingirem os mesmos resultados, outros apenas dispõem de meios modestos. Nós somos destes. E isto, quer dizer que as questões de administração—isto é, de proporcionalização das necessidades aos meios—têm de constituir a preocupação unanimente de toda a nossa actividade colonizadora.

Apreentam-se-nos problemas que se

relacionam com todos os ramos da vida e que têm frequentemente aspectos de uma agudeza que se não encontra na Europa. Temos de os resolver. Mas como, ainda somos pobres, a norma que deve guiar inalteravelmente o nosso procedimento é esta: fazer com pouco o que a outros é dado realizar com muito. Onde certos países podem perder tudo não podemos; onde eles podem desperdiçar, nós não podemos. Este simples facto coloca as questões financeiras na primeira linha das questões de administração.

Todo o futuro da obra colonizadora portuguesa está assim ligado basicamente ao equilibrio e regularidade da sua vida financeira. Com uma Fazenda ali, garantiremos às colónias uma economia ali, dando-lhes condições de um aproveitamento dos seus recursos e de harmonico desenvolvimento das suas populações e riquezas. Disse a um século o Barão Louka e ainda é verdade: dai-me boas politicas que vos darei boas finanças; com a experiencia tragica das crises por que o Mundo tem passado, é bom acrescentar: dai-me boas finanças que vos darei boa economia.

Eu sei que são numerosos ainda os que pensam de modo diverso: para alguns as finanças são no Ultramar elemento accessorio e tudo o que é essencial em colonização cabe nas ideias do fomento. São os que esperam que o alargamento da produção e das exportações cubra todos os «deficit». Mas é um erro—que se ha tentado anos, quando foi praticado pelos homens da Regeneração, podia ter desculpa, hoje não tem sustentação. Vozes cada dia mais numerosas o proclamam em todos os cantos do Mundo. Em cima da falencia, do desequilibrio, do desagravamento não se pode levantar uma obra de fomento. A falencia financeira só pode gerar falencias economicas.

Convem insistir nesta materia porque o pensamento de muitos colonias —e dos mais illustres até—anda desviado da verdade de hoje. Studiam talvez pelas verdades do tempo da occupação.

Fomento colonial

A historia colonial dos ultimos anos condensa a tese do fomento feito sem observancia estrita dos bons principios da gremia farsandaria—que são afinal velhos como o homem e hão-de durar enquanto ele existir, produzindo e consumindo.

É que, com raras excepções, os encargos das emprezas andam mais ópressão do que os rendimentos ditas. E assim frequentes vezes acontece ou que as obras que com grande pompa se planiam para serem executadas com o que se pede emprestado ficam em meio ou que, acabadas, não têm elementos de vida e de serço, sendo uma coisa morta no Orçamento. Quando rompendo este círculo de ferro, conseguem chegar até ao fim e funcionar, raras vezes acontece que o lucro liquido baste para cobrir o encargo com que o seu custo abocarragou a existencia nacional. Quem quiser, com imparcialidade, procurar na moderna historia colonial portu-

gues exemplos que illustrem as hypothese referidas facilmente os encontrará. Em todos esses casos o observador sereno terá de concluir—que malhaz era não se ter começado.

Uma obra de fomento só será verdadeiramente reproductiva e benéfica quando for subordinada a rigidos principios de ordem financeira. De outro modo poderá acontecer que certos empreiteiros ganhem muito—mas a Nação perca sempre.

Oitem a sua volta: das colónias portuguesas passem a vista para as possessões estrangeiras. Reparem nos territorios que tiveram credito facil, dinheiro abundante, possibilidades sem medida de construir grandes obras e que deram caminho a todas as ambições e guarda a todos as anjas das empresas construtoras: e hão-de ver que a dolorosa miseria das colónias

A moda



Chic! Os tecidos ás ricas estão na moda.
(Jugend, Munich)

onde, quasi tão má como a guerra, passou a infancia dos homens, nem sempre corresponde sequer à riqueza dos que a força, as quizeram «colar com o que o seu estado social e as necessidades da sua população não reclamavam ainda.

Nenhum espectáculo é mais doloroso no Mundo do que um país novo poroso de ruibaa.

Infelizmente não é raro que ele se nos depare em Africa.

A situação da provincia de Angola traduzida em numero

Quero lembrar um exemplo nacional que convem ter sempre presente e que pode resumir-se na crua simplicidade de alguns numeros. Em 1921 Angola praticamente pouco devia: não figura nas contas a divida do tempo por mais de 9.900 contos. As suas receitas previstas figuravam no Orçamento de então com 11.023.665. Passaram duas anos. Pôe-se em pratica nesse intervalo uma larga politica de fomento com base na lei n.º 1.131 e com abundantes meios. Angola, que passou por fundas

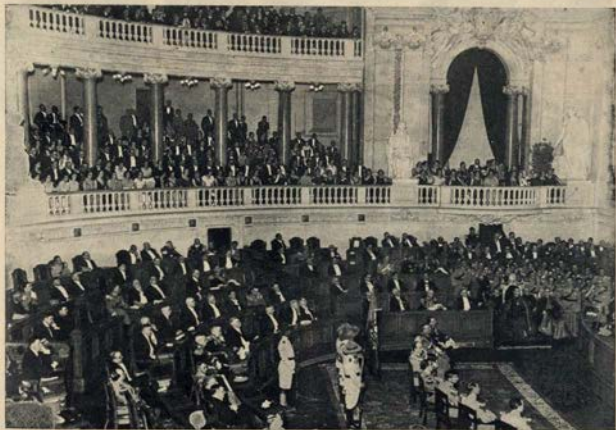
A Conferência Colonial Imperial



O Sr. Presidente da Republica, presidente do ministerio e ministro das colonias no Palacio do Parlamento.



O Sr. General Craveiro Lopes governador da India lendo o seu discurso no dia da sessão inaugural.



Aspecto da sessão de abertura da Conferencia Colonial Imperial no Palacio do Parlamento.

O Mez Gráfico

Nacional



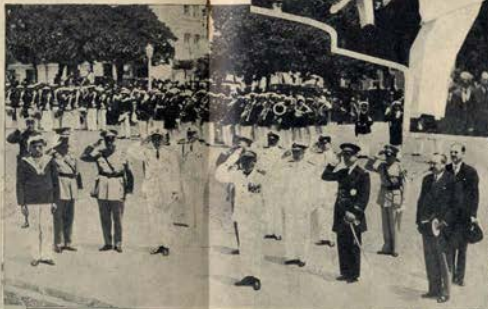
A trasladação, dentro do panteão de S. Vicente dos restos mortaes do Sr. D. Manuel de Bragança, o ultimo rei de Portugal. O Sr. Azevedo Coutinho lendo o seu discurso.



Hípamo — Um cavaleiro que promete.



Desembarque em Lisboa da comissão de parlamentares e jornalistas francezes que visitaram o porto de Lisboa para se certificarem das suas excelentes condições tecnicas e de turismo.



A tripulação representante da esquadra franceza que ultimamente nos visitou, sob o comando do almirante Drujon presta homenagem ao monumento aos mortos na guerra.

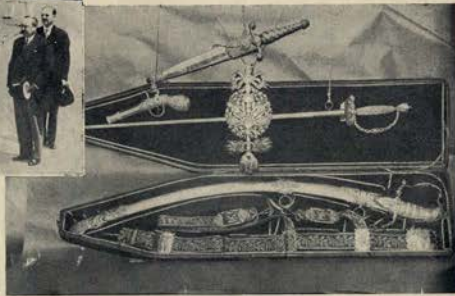
Ao fundo marinheiros portuguezes da guarda de honra e a banda de marinha franceza.

Ao centro o almirante Drujon, comodoro da esquadra franceza, depondo um ramo de flores no monumento.

Alguns dos aspectos mais flagrantes de factos e acontecimentos ocorridos durante o mez. Como se vê houve-os sob todos os pontos de vista e de tal variedade de aspectos que só não serão satisfeitos os muito exigentes.



A cerimonia da queima das fitas não é só celebrada em Coimbra. Embora com menos pompa tambem em Lisboa se pratica. Eis um aspecto das futuras doutoras da Faculdade de Direito que na deste ano entraram.



As joias de D. Miguel. Algumas das belas peças em arrolamento.

A aviação e as descobertas nauticas

O nosso glorioso almirante Gago Coutinho no dia do seu embarque para a Africa onde foi em estudo.



O Major Pinheiro Correia da aviação Portuguesa e que tanto se destinou na festa aeronautica realizada em Alverca.

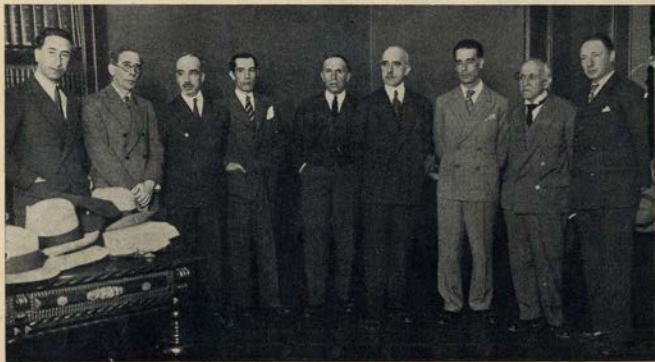
—
À direita os dois aviadores hespanhoes que a bordo do avião *Cuatro Vientos* fizeram a travessia Espanha - Cuba e na Cuba - Mexico se perderam.



O capitão D. Mariano Barberán



O tenente D. Joaquim Collar



A Comissão encarregada de estudar o projecto do monumento ao infante D. Henrique em Sagres.

crises económicas e de fazenda, hoje deve cerca de 800.000 contos e as suas rendas não podem ser avaliadas em mais de £ 1.300.000. Enquanto as receitas totais sublimam apenas de £ 280.000 os encargos dos juros e amortizações elevavam-se em mais de £ 400.000.

Diz-se que o benefício que as finanças do Estado não colheram foi sentido pela economia geral da Colónia. Seria errada essa afirmação: os números reparam-na com evidência. Em Angola toda a obra de fomento é realizada de olhos fitos na exportação. Foi em 1921 exportou mercadorias que valeram £ 1.711.500; e, entre 1926 e 1930, anualmente, em médias £ 2.194.000. Isto quer dizer que a diferença acusada nos valores totais das exportações no período considerado—não foi no lucro da exportação, note-se bem mas do valor total dela—representa um valor sensivelmente igual ao dos encargos anuais da dívida. Se o rendimento resultante da alta havida na exportação fosse arrancado inteiro à economia da colónia não dava para pagar, anualmente, à 5 0/0, a vigésima parte da quantia em que aumentaram os encargos da dívida enquanto se se produzia. Valeu a pena todo o sacrifício feito? Não.

Ao estrangeiro podia ir buscar exemplos iguais—talvez mais flagrantemente alguns deles. Mas o exemplo da casa tem para nós mais valor.

Para que ele se não repita e a vida das Colónias possa correr sem crises violentas temos de instituir definitivamente, em todo o Ultramar, a ordem financeira.

A primeira base desta é a existência de contas; depois a sua clareza e simplicidade.

Vinco a diferença destas dois elementos para salientar que só agora podemos dizer que as colónias começam a ter contas. Ganhou-se já com isto uma grande batalha. Em 1925 Moambique não tinha contas; em 1930 o mesmo acontecia ainda em Angola. Uma vez postas com segurança em funcionamento, as rodagens da contabilidade, temos de ir mais adiante—reformando-a no sentido que indiquei, seguindo o bom exemplo da Metrópole.

Mas esse dia talvez não esteja próximo.

Algumas notáveis considerações sobre finanças coloniais

Depois da contabilidade é elemento essencial da ordem financeira a existência de orçamentos claros, que realizando uma justa previsão de todas as receitas e despesas estejam aprovadas na data precisa para entrarem em vigor no começo de cada ano económico. Nada custa menos a dizer do que isto que mil vezes tem sido repetido—e parece que nada custa mais a fazer—pois que nunca se fez. E foi preciso um grande esforço de energia e uma verdadeira revolução nos métodos de revisão e aprovação orçamental para que este ano, como espero se consiga. Já a esta hora estão revisados todos os orçamentos das Colónias;

todos foram elaborados segundo um mesmo critério, obedecerem nas previsões a orientação idêntica, pôem em pratica os princípios de uma mesma politica económica e financeira.

Todos apresentam, quando não um saldo positivo, pelo menos o equilíbrio das receitas e despesas. Numa coisa chegou-se a este resultado sem esforço, noutros foi preciso realizar economias e reformas severas, algumas indispensáveis foi recorrer à Metrópole para pedir pagamentos. Mas convém salientar o equilíbrio opido, através dos mil embaraços que a crise levanta hoje às actividades coloniais, publicas e privadas. Não sei se algum outro país pode apresentar um resultado assim; mas sei que se não tem de soar bem alto para prestigio e força da nossa administração colonial, que no estrangeiro tantas vezes foi atacada e que muitos têm e terão sempre interesse em diminuir e desacreditar.

Estão equilibrados os orçamentos

Estão equilibrados os orçamentos. É preciso agora, que as contas, no fim do exercício, venham a refletir, quando não um excesso de receitas, pelo menos a sua concordância com as despesas. Essa é, no momento presente, talvez a mais grave das obrigações que a Nação tem confiadas aos seus governadores ultramarinos. Exige o conhecimento profundo das necessidades dos serviços, uma vigilância atenta sobre todas as coisas de Fazenda—que é a chave do credito, uma vontade activa para reprimir abusos, o pensamento fixo na ideia de que as despesas publicas se devem sempre condicionar pelas receitas e que todo o formalismo da contabilidade, dos vícios, cabimentos,

autorizações, todo o mecanismo da inscrição das verbas, dos creditos, das reforços, transferencias tem por fim obrigar os serviços a não gastarem mais do que aquilo que o Estado tem para gastar e a applicarem o dinheiro de todos com o maximo possível de justiça e utilidade.

Neste difficil momento os seus governadores, se quizerem desempenhar com fidelidade o seu papel de guardas da soberania e do credito português, devem ser, antes de mais, homens da Fazenda.

Por agora o espectáculo é este: o commercio geral caiu em todas as colónias tanto em quantidades como em valores; a via utilitadim aplicada no Ultramar ou está sem emprego ou funciona com grandes perdas; os caminhos de ferro onde só de semana a semana ou de mês a mês circula um comboio e qual vasto; em certos pontos os «stocks» acumulam-se; na retaguarda as fabricas fecham, as explorações agrícolas que não param, reduzem ao minimo de trabalho. Entretanto as cotações caem e no interior o trabalho indigena desfalece porque são irrisorios os preços que ao gntio se oferecem pelos productos. Ha colonias em que os numeros deixam a impressão de uma agonia.

Este é o quadro geral da vida económica de Alem-mar no momento presente. Nuns pontos devemos desenhá-lo com cores negras; noutros, como nas Colónias portuguesas, com traços brancos; só em S. Tomé podemos com justiça falar de catastrophe.

A Metrópole pode importar 400.000 contos por ano

As perspectivas que a vida colonial portuguesa oferece por agora não assusta a evolução económica no sentido nacionalista porque o mundo es-

A visita da esquadra francesa



Oh! filho, isto não é nada; nós só em Lisboa, temos 14 esquadras e a do Bairro Alto até tem, porta avinhões!

já passando—e de que a Conferencia de Ottawa não dá o mais tipico exemplo. E que no consumo da Metrópole a produção colonial pode ainda ocupar um lugar que hoje pertence ao estrangeiro e que não valerá menos de 400.000 contos por ano.

A Metrópole tem a conquistar no comercio das Colonias um lugar que pode vir a ser tão importante ou mais ainda do que esse. Tem de ser lenta e marcha das colzas para se atingirem estas cifras: e será sempre difficil. Há posições occupadas que só com o tempo e um intelligente aproveitamento das oportunidades se podem tomar. Será preciso remover grandes interesses, muitos deles da fundamental importancia na ordem financeira—como os que estão ligados á receita dos tabacos.

E não é em poucos meses, mas em longo periodo, que as colzas podem mudar. Os anos de 1931 e de 1932 marcaram avanços importantes na nacionalização do commercio colonial: esperemos que os que se lhe seguirão os marquem ainda maiores.

Para que esta obra proeza é necessario sem duvida aumentar a produção em certas zonas agricolas ultramarinas. Mas três condições têm de ser observadas cuidadosamente se queremos evitar retrocessos e ruínas: não provocar aumentos de produção sem tanto quanto possível, termos mercados assegurados; produzir a preços baixos, não ficando a sorte do commercio colonial apenas de barreiras aduaneiras ou de formulas de protecção que perante a necessidade de abrir clareiras para a colaboração internacional tenham de ser abolidas, e colher cuidadosamente os productos destinados ao commercio de exportação de modo que, dentro das possibilidades de cada colonia, sejam os melhores e mais economicos, para que a primeira vaga de abundancia não subverta de

repente todas as actividades neles concentradas.

A politica do aumento da produção neste aspecto do caso colonial portuguez cifra-se portanto na resolução de uma serie de pequenos problemas—a maior parte dos quais escapa aos olhos do publico—que levem á integração da economia de cada colonia não só na da Metrópole mas na das outras colonias também. Os grandes resultados só ao fim de muito tempo terão apreciaveis.

Porque nos não devemos deixar embalar por optimismos enganadores, repito contudo que esta politica só pode desenrolar-se com liberdade de movimentos enquanto os povos fechados dentro da torre do seu egoismo, a deixarem passar. No dia em que as grandes vagas da concorrência varrerem os mercados só fica um recurso serio: baixar o preço e elevar a qualidade. E sábia conducta é dirigir neste sentido um continuado esforço—porque no Mundo produz-se em quasi todos os campos mais do que aquilo de que se precisa.

As tradições obrigam Portugal a dar exemplos e não a receber lições

Desaparecida a escola dos grandes administradores colonias que de Antonio Enes e Mousinho vem até Freire de Andrade—para só falar dos mortos—a tarefa da colonização portugueza baixou de tom. O ritmo heroico, o sentido de grandeza que a animavam e que lhe vinha da inspiração dos chefes perdeu-se. Ficou o colono humilde a lutar contra um exercicio de adversidades. João Belo reatou o quebrado fio do idealismo ultramarino. Mas hoje ainda, como todos os países que durante muito tempo e a sorte não cuidaram de formação do

seu escol dirigente, sentimos, em muitos pontos, a falta de elementos que nas actividades administrativas ou technicas dêem execução ao pensamento colonial portuguez. Sei que quasi todas as nações colonizadoras sentem, como nós, esta falta. Mas as tradições ultramarinas de Portugal obrigam-no a servir de guia—a dar exemplo e não a receber lições.

Consideremos ainda que estão mal estudados ou são desconhecidas as condições em que pode desenvolver novos colonos em Africa. Tudo é inerte nessa materia. Com as brigadas nomeadas pelo sr. dr. Oliveira Salazar na sua brilhante passagem pelo Ministerio das Colonias iniciou-se em Angola esse indispensavel trabalho—que preciso seria continuar persistentemente. De outra maneira arriscamo-nos a cometer erros que mais tarde prorroguem o riso ou o desalento.

A reunião de qualquer das duas ordens de elementos de acção referidos exige não só o dispêndio de elevadas quantias mas, o que é mais, longos periodos de tempo. Eu sei que ha os apressados, os que têm mil soluções prontas para tudo, os milagreiros e os que nada tendo feito quando o pediam fazer têm interesse em que se supunham que nada se faz porque se não faz dum momento para o outro. Temos de os sofrer, enquanto caminharmos procurando chamar á razão os que estiverem de boa fé, desprezando os restantes.

Sei também que nesse como noutros países muitos sonham com grandes levadas de brancos de daqui vão para se estabelecerem em Africa, custeados pelo orçamento, isto é, pelo contribuinte. A esses têm de recomendar-se que atentem nas experiencias que já fizeram e nos seus esqueletos realçados. Em vez de criarmos colonos, elementos de util iniciativa e de audaciosa criação de riqueza, fizemos empregados publicos—sem repatrição. Como disse Antonio Enes em 31, assegurar-lhes alojamento á custa do Estado seria possível, mas não occupação. Julgo que a colonização não é uma forma de assistência. Não se dirigem emigracões ao sabor de teorias: é preciso criar as condições que as atraem e é isso trabalho arduo, demorado e caro. É indispensavel inicia-lo e proseguir-lo? Sem duvida—mas devagar e com sentido das proporções. Temos pressa e não podemos desperdiçar dinheiro.

Deve vincar-se contudo que uma corrente conservavel de opinião entende que a fixação de grandes massas de europeus em Africa constitue, na nossa obra colonial, o problema que sobre todos deve primar. Chegam a confundir-lo com a propria colonização. Supõem esses que é possível sob os tropicos fazer medrar uma sociedade branca sem capital ou apenas amparada no pequeno credito que o País lhe pode oferecer. Imaginam que sob o sol de Africa gente da nossa raça trabalhará sem maior incomodo do que na Beira e no Alentejo e que as comunidades europeias se podem, mais ou menos, em toda a parte reproduzir e multiplicar, pulverizando-se pelos cam-



Como vêm não ha necessidade de ir ao Estoril para tomar banho

pois, como nos Estados Unidos aconteceu no século passado.

O que temos de dar às colónias

Creio que tem uma boa parte de erro neste modo de conhecer a nossa colonização. Nós temos por agora sobretudo que dar à África o capital e o saber que ali faltam. Devemos fornecer-lhe os quadros da indústria, do comércio, e em primeira linha os da agricultura. Técnicos que dirijam grandes empresas mas principalmente técnicos que tomem conta das pequenas ou médias explorações rurais, são os elementos de que ali mais precisamos. Gente que chegue desprovida de saber e de capital não faz falta em África; decairíamos lá milhões. Não estamos em situação de gastar dinheiro a transportar-lhe e depois por força das coisas a reparar-lhe. A terra pode dar muito—mas para o dar reclama ciência e experiência, trabalho afurado e dinheiro aplicado com muito critério e economia. A colonização não é uma cavalgada: exige uma larga e metódica preparação.

Comete-se no nosso tempo um erro de inculcáveis repercussões quando, na ansia de encontrar dividendos e de chegar depressa ao fim em matéria de trabalhos públicos, as nações sacrificaram a liberdade de trabalho do negro, rompendo os quadros da sua vida familiar, separando o das instituições que tradicionalmente o amparam, dando-lhe por companheira homens de outras tribus, com costumes diversos, outras crenças, outras tradições, aniquilando assim a sua vida social. Ao regressar às vezes depois de longa ausência, está moralmente longe dos seus—como longe está do branco, que dele viu apenas o braço que lhe faltava, o instrumento da sua ambição e que, acabada a tarefa, o repete desamparado para a seta, onde já não tem raiz.

O dado essencial da colonização é a ordem humana

Mau método. O dado essencial da colonização é de ordem humana—isto é; de natureza espiritual. Com poucos recursos militares dominamos milhões de indígenas, porque representamos a protecção que eles querem e que respeitam, porque os respeita na suas aspirações e crenças mais profundas. Tiram este elemento moral e torção na sua frente: revolta cega.

Importa mais que tudo—acentuado bem este ponto—ao futuro da colonização levantar claramente esta questão: interessa-nos modificar a vida indígena, aproximando-a da nossa, fazendo-a evoluir, primeiro dentro da sua disciplina própria, depois dentro das instituições que habilitam à sobrepujança. Não imaginamos que é possível a brusca passagem das suas superstições para a nossa civilização. Para chegarmos ao que somos, antes de nós centenas de gerações lutaram, sofreram, aprenderam minuto a minuto, nas frotas da vida, os seus mais íntimos segredos. É impossível que de um salto, eles transponham esta distância de séculos.

Mas compreende-se enaíma—para que comecemos a aprender a trabalhar transmitindo-lhes a nossa experiência e o nosso saber, sem os deixarmos transiar e desanimar—e sobretudo sem os deixarmos enganar por gente sem escrúpulos cu exploram por gananciaes.

Por instinto seguro o colono português pratica esta política. Mas é preciso que os governos coloniais, persistindo no caminho já aberto, a transformem em ponto fundamental de adopção—por sentimento e por interesse.

Repare-se efectivamente que basta que nas sociedades negras se crie uma necessidade nova, ou seja em matéria de vestuário, de alimentação ou de saúde, para que as indústrias nacionais lhe sintam imediatamente os efeitos, adquirindo milhões de consumidores. A política da intensificação da assistência agrícola ao negro é a mais energica propulsora do trabalho metropolitano—e da produção colonial.

Oremos o futuro com caras obras de fomento; transplantem para os tropicos milhares de europeus; realizem experiências custosas em matéria de instalações de brancos; e eu afirmo que, com todas essas despesas e trabalhos, não conseguirão resultados que se aproximem sequer dos que, com meios mais modestos, podem obter ensinando o preto a trabalhar e interessando-o na constante exploração da terra.

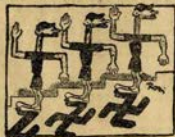
Este é o verdadeiro sentido da colonização. Criou-se na Europa, por força de habil propaganda de certas grandes indústrias, uma opinião pública que o ignora, supondo-a presa apenas ao trabalho, à iniciativa, à persistência do branco. Que as empresas que têm os seus interesses ligados à directiva industrial da colonização pretendam manter nesse engano a opinião compreende-se. Mas nós nem sequer temos em Portugal um desses organismos. Já é tempo de deixarmos de formar a nossa opinião pelo modelo que gasto, velho e feio nos vem de longe.

Assistência agrícola e assistência sanitária aos indígenas

Tanto como a assistência agrícola ao indígena, a assistência sanitária é elemento basilar da nossa colonização, direi mesmo condição essencial de progresso.

Perseguido sem treguas por mil

A continência da cruz gamada



Ainda a gymnastica hitleriana
(Do Lázaro Nostim)

doenças, as povos nativos, abandonados aos mínguidos recursos do seu saber, depressa pereceriam se a ciência do europeu não viesse em sua ajuda. Travamos, nas mais inopertas regiões, combate encarniçado contra elas. Vai dura a luta—com seus heróis e suas vítimas. E preciso continuá-la e sem descanso alargá-la, multiplicando os meios de acção. O médico é hoje o primeiro agente da nossa obra colonizadora; vale substituir o soldado.

Só ele pode parar a baixa da natalidade negra, rejuvenescer a raça, dar-lhe a saúde e o vigor que sob os mais rudes climas vai faltando.

A assistência sanitária ao indígena é, no nosso tempo verdadeiro sinal da nobreza de uma colonização.

Noutro tempo, tomavam os Reis para si o título de protectores da Fé—quer dizer do mais alto ideal humano. Se aos governadores das Colónias de África e Timor se quizessem dar um título que marcasse bem a espiritualidade que no exercício da sua alta função os deve guiar, eu chamá-los-lhe-ia limitando o lindo dizer antigo Governadores das Colónias, protectores dos indígenas.

Pouco me resta dizer.

Recebemos do passado um patrimonio imenso e rico—de gente, de recursos, de tradições. Através das mil vicissitudes da História, enquanto nasciam, ruíam e se refazião impérios, trouxemo-lo até nosos dias.

Na colonização os nossos metodos evitaram-nos os riscos e os transe por que passam tantos outros; as nossas virtudes garantiram à obra portuguesa na solidéz que a riqueza e a força são a custo deram a alguns; soube-mos pôr nas nossas realizações um sentido de propiedade e de medida que a muitos faltou.

E agora, sobre as ruínas das nossas dissenções internas levanta-se já a doce figura da Patria Imortal.

Ao discurso do sr. ministro das Colónias, que foi muito aplaudido, seguiram-se os relatorios dos governadores dos Estados, sendo o primeiro o sr. general Craveiro Lopes. Produziram-se afirmações daveras notáveis e prepassas nos seus discursos a versão oficial da vida economica das Colónias.

Tambem se realizou no começo do mês a Semana das Colónias. Conferencias, uma exposição na Sociedade Nacional de Bellas Artes, o Dia do Exercício, o Dia de Campos, etc., o que constituiu um curso curioso e de illustração e propaganda colonial.

Os actuaes governadores colonias e qui estiveram presentes à Conferencia foram: Gaiós, Major Luis Antonio de Cavalho Viegas; Cabo Verdé, Capitão Amadeu Sannes de Figueiredo; S. Tomé e Príncipe, Capitão Luis Augusto Vieira Fernandes; Angola, Coronel Eduardo Ferreira Viana; Moçambique, Coronel José Ricardo Pereira Cabral; Índia, General João Carlos Craveiro Lopes; Malaca, Tenente-coronel Antonio José Bernardino de Miranda; Timor, Major dr. Paul Dantas Mano Preto Cruz.

V -- Letras

As letras e os letrados — Bibliotecas e Arquivos — Bibliografia — O Livro

PEÇO DESCULPA...

Sou velho e sou burguês, qualidades que muito me recomendam à má vontade da gente nova.

Olho o caminho percorrido, já longe de setenta anos, e constato que a minha mocidade nunca foi ociosa, e que o meu labor nunca foi improfeito. Sete anos de liceu, dois anos de Politécnica e cinco anos de curso medico, representam uma soma de trabalho regular e continuo, que cria a necessidade de trabalhar até ao fim da vida, pelo menos até se esgotarem as energias fecundas. Nunca fui estudante protegido ou recomendado, e por favor da sorte, mais que pelos meus merecimentos proprios, obtive boas classificações nos estudos superiores.

Veio tudo isto para dizer, em primeiro lugar, que também já fui novo; e em segundo lugar que tomei a serio a minha preparação como homem de trabalho, tendo averedado por uma carreira em que se não pode ser preguiçoso.

Reconheci, tarde de mais, que tinha feito para a *indústria clinica*, e fiz-me então medico militar, obtendo a nomeação por concurso. Ao tempo já era republicano militante, colaborador de jornais republicanos, frequentador de clubes, que eram centros de grande actividade politica e de intrigas de vária ordem.

A muita gente causou estranheza que eu assentasse praça, considerando o Exército uma guarda pretoriana, e não uma instituição nacional.

Não tive de sujeitar o meu republicanismo à prova, tão seguro estava de que sem hesitação me desembracaria da farda no dia em que reconhecesse que dentro d'ela não ficavam á vontade os meus brios de republicano.

Assim aconteceu.

Pimentel Pinto castigou-me com um ano de inactividade, por me ter o Directorio proposto a deputado pelo circulo de Beja, esgotado contra mim a sua competencia disciplinar como ministro da Guerra.

Estava cortada, irremediavelmente cortada, toda a minha carreira militar. Mas eu não contava ainda os necessarios anos de serviço para ter direito á demissão, a meu pedido, e então passei á disponibilidade, sem vencimento, nem sequer se me contando o tempo para uma reforma possivel.

Puz-me a fazer clinica, e quiz a minha boa sorte que logo no primeiro mês ganhasse como se tivesse passado de tenente a official superior.

Foi nesta situação, e tendo já ajustado o meu casamento, que me surpreendeu uma ordem do ministro da Guerra, mandando-me incorporar num regimento de cavalaria, aquartelado em Aveiro, se bem me recordo, e que dentro de poucas semanas marcharia para a Africa.

«— Sinto muito ter de lhe dar esta desagradavel noticia — disse-me o general Mata, comandante da 4.ª divisão, com sede em Evora —, mas a ordem é terminante.»

All mesmo, auxiliado pelo general, verifiquei que adiante de mim estavam oito cirurgieiros ajudantes, em conchas de vária especie, e logo assenti em que não iria para a Africa, enquanto eles não se reformassem por incapacidade de serviço.

Pois se eu renunciara a todas as vantagens da carreira militar, havia de suportar-lhe os encargos, não por motivos de interesse nacional, mas porque assim convinha ao egoismo dalguns?..

«— O general manda que eu parta hoje mesmo?»

«— Não; posso demora-lo dois ou três dias.»

«— E levo guia para me apresentar em Aveiro?»

«— Não; leva guia para se apresentar no ministerio da Guerra.»

Parti no dia seguinte, e apresentei-me logo que cheguei a Lisboa.

«— Precisa demorar-se alguns dias em Lisboa?»

«— Só o tempo bastante para verificar se me compete ir para a Africa na proxima expedição.»

«— O senhor val porque o sr. ministro determina que vá.»

«— Então preciso demorar-me o tempo bastante para verificar se ha fundamento legal para a violencia que se pretende fazer-me.»

«— Na tropa as ordens cumprem-se, e depois de cumpridas, se os que a receberam e executaram se julgam lesados, reclamam.»

«— Pois eu reclamo e não cumprio.»

«— O sr. ministro com certeza não atende a sua reclamação, e não o dispensa de cumprir a ordem recebida.»

«— Pois eu declaro que não cumprio a ordem, pouco me importando com as consequencias que possa ter a minha desobediencia.»

«— Volte cá amanhã, a esta mesma hora.»

Voltei.

«— O sr. ministro não o dispensa de ir na expedição.»

«— Dispensou-me eu, a não ser como deportado.»

«— Pense bem no que faz. Trata-se dum caso grave de desobediencia, que o ministro não deixará de punir com o maior rigor.»

«— Já pensei. Vitima de um castigo injusto, deixei a tropa. Organizei a minha vida por modo a não ser embaraçada a minha actividade em pelas regulamentares. Se tivesse direito a requerer a demissão, já a tinha requerido. Estou disposto a tudo, excepto a ir para a Africa sem me pertencer.»

E não fui.

Casé, ainda novo, mas já reaccionario, visto ter preferido á união livre o contrato matrimonial, servindo-me de atenuante, talvez, o facto de ter dispensado a Igreja de intervir no meu casamento. Ainda estava longe a lei da Separação, e rarissimos eram os republicanos e livres-pensadores que prescindiam do padre para legalmente constituirem uma familia. Muitos explicavam que procediam assim por um sentimento de respeito e tolerancia para com as crencas religiosas da mulher a quem iam ligar-se matrimonialmente! O demonio é que se dava quasi sempre a coincidência de ser o noivo pobre e a noiva rica, o que levava muita gente a pensar que a tolerancia não passava de calculo, dispensando-se a mulher de ser tolerante, mas entrando em contrato com o equivalente em dinheiro.

O homem é o unico animal que casa, e d'aqui concluem os espiritos fortes, libertos de luses e preconceitos, que é necessario acabar com o casamento, não só com o casamento religioso, mas tambem com o casamento civil. Querem a União livre no Estado livre, o casamento sendo uma infracção ás leis da Natureza, ás praticas amorosas, que são o prazer maximo, a felicidade sublimada no gozo mais intenso da vida. Na verdade chega a ser uma vergonha, que todos os outros animais, sem exclusão do burro, tenham garantido a existencia da especie sem a cerimonia do casamento, e o homem continue apegado a essa velharia, um homem e uma mulher ligados por um contrato ou um sacramento, armados, um e outro, de canivets, de que só podem servir-se ás escondidas, rodando-se de cautelas.

Pois casé, dando provas, uma vez mais, de reaccionario.

Sempre republicano, intransigente nos principios e

tolerante nos actos, puz ao serviço da causa republicana todo o meu valimento, que era pouco, e toda a minha vontade, que era inextinguível, não me poupando a trabalhos, não fugindo aos perigos, sem calculos interesseiros, mais não fazendo porque mais não podia.

Entre no Parlamento ainda na vigência da monarchia e esforcei-me por honrar o meu mandato quanto cabia nas minhas forças, honestas mas demitidas. Em três sessões legislativas, falttei três vezes à Camara, e ao tempo os deputados não tinham subsídio. O primeiro projecto de lei que mandei para a mesa, como deputado, foi abolindo o juramento em todas as instancias; o segundo foi restabelecendo o subsídio. Todos queriam subsídio, mas o meu projecto não chegou a ser considerado pelas respectivas comissões, e o Directorio do Partido Republicano esforceu-se por que eu o retirasse, obrigando-me a declarar que o não retirava porque não queria.

Veio a Republica; continuei deputado e fizera-me ministro.

A gente nova já capitulou de reaccionaria a Assembleia Constituinte que eu pretendi, baldadamente, que se não convertesse em Legislativa. Assembleia de gente nova na sua quasi totalidade, muitos senhores constitucionais sendo obrigados a faltar às aulas, o que lhes punha em risco o curso. Jaurés, passando por Lisboa a caminho do Brasil, assistiu a uma sessão Parlamentar.

Preguntel-lhe, á saída da Camara:

«— Que impressão tem da nossa Assembleia?»

«— Elle est trop jeune.»

Jaurés ainda não era, propriamente, um velho; mas já estava muito além daquela idade em que a fantasia sobrepuja a reflexão; em que a distancia entre o sonho e a realidade nos parece tão curta, que basta

uma impulsão da vontade para a transpôr. Socialista doutrinario, Jaurés era democrata e republicano, e á Republica prestou bons serviços sem jamais sair do campo socialista. perante a mulher, excessivamente apolitica, era um fraco, e assim foi que não resistiu a casar a filha na igreja da Madalena, com espavento de aristocrata ou burguês rico.

Pela Jaurés achava a nossa constituição *trop jeune*, convencido de que numa assembleia legislativa a energia, a força e vigor físico, predicados da mocidade, valem um bocadinho menos que a saúde, a reflexão calma, os ensinamentos da experiencia, coisas que chegam com os anos, e de que é perigoso prescindir.

De ser velho já ninguém me livra, e pois que não me occorre matar-me quando comecei a envelhecer, peço á gente nova me desculpe, aceitando generosamente o meu *poenitet*.

Quanto a ser burguês...

O que tenho adquirido e a dentro das normas estabelecidas do Direito e da Moral, normas que eu não estabeleci, e cuja reforma estou pronto a aceitar, se obedecer a um alto sentimento de justiça.

Tambem peço desculpa de não ser pelintra, chegando-me muito bem para a vida modesta que faço os bens que adquiri.

Se mos levarem passarel sem eles, habituado a graduar as minhas necessidades pelos meus recursos.

Sou um velho que não embarça os novos; sou um burguês que soube adquirir com os dentes para comer com as gengivas.

Peço desculpa... Peço muitas desculpas...

BRITO CAMACHO

Do *Diario Liberal*.

A FEIRA DO LIVRO

Acceito, com prazer, o encargo deste artigo. Devo ás Feiras do Livro de Lisboa e do Porto o 1.º premio do Concurso de Romances da Parcaria Antonio Maria Pereira, o que basta para explicar a minha satisfação... Conquistei o 1.º lugar com o romance «A Cidade Maldita», em competencia com dois camaradas que me suplantam em qualidades—Rogério Garcia Perez, autor da «Lisboa a Sevilla pelos Pirineus», e Mario Reis, autor de «Um aprendiz de Apolo»—mas que foram menos afortunados na propaganda e no reclamo. O exito que o favor do publico quis conceder-me, se não me desvanee pelo valor da obra premiada, corresponde, porém, aos honestos intuitos que me levaram a publicá-la, e satisfaz-me, por vir favorecer a venda do meu recente livro «A Cidade dos Fantasmas».

Mentem a si e aos outros os escritores que aparentam desinteresse pela collocação das suas obras; se, porventura, é possível por de parte o interesse material duma edição, não é de acceitar, todavia, que quem escreve não sinta o desejo espiritual de ser lido. E por isso, pela legitima ambição de vender muito, que as Feiras do Livro registaram, este ano, o aparecimento dum grande numero de novidades literarias. Mais de cem volumes foram publicados na primavera, e esta excepcional produção livresca faz que se possa já considerar 1933 como o mais fértil de todos os anos literarios. E consolador o facto, no momento em que, pela acção nobilissima do «Diario de Noticias» se regista a abertura de novas escolas. Se, por estas, se combate a ignorancia dos alfabetos, é por uma maior e mais cuidada produção literaria que se pode debelar o... analfabetismo dos letrados.

A Feira do Porto, instalada na praça da Liberdade, esteve aberta desde 25 de maio a 8 de junho, tendo funcionado sob os auspícios duma comissão presidida pelo distinto jornalista Juliano Ribeiro e com o concurso da Associação dos Jornalistas. Além duma sessão solene de propaganda, no Ateneu, determinou: a 25 de maio, uma conferencia do dr. Aarão de Lacerda,

no Ateneu Commercial, sobre a «Acção do Livro»; e, a 4 de junho, uma palestra minha, radiofundida pela Invicta-Radio, sobre «O Elogio do Livro». Valeu, assim, como missão de propaganda do livro e divulgação cultural, a Feira do Porto.

A de Lisboa, realizada no Rossio, desde 30 de maio a 13 de junho, não teve padrinhos e não serviu senão para vender livros. Os livreiros espanhols, com uma concepção mais ampla do valor destes certames, estabelecem anualmente um premio pecuniario para o homem de letras que, no espaço mais curto, faça o melhor elogio do livro. Mas, entre nós, isso não tem sido preciso...

Vendem-se muito e bem, nas duas Feiras. Mas os comerciantes que vieram aos certames anteriores queixam-se de que ganharam menos este ano. Isso deve explicar-se pela circumstancia de terem apparecido nas duas Feiras quasi todos os livros. Ora a verdade é que é injusto conceder aos simples vendedores de livros as vantagens a que têm direito os editores. Como eram muitas as barracas, cada qual viu diminuidos os lucros com que contava.

A regalia de participar na Feira deve ser dada apenas aos livreiros-editores, não só porque são estes os mais directamente interessados na propaganda livresca, como porque são os que mais riscos correm na divulgação do livro e expansão da cultura. As Feiras, instaladas em pontos centrais, visam atrair as pessoas que habitualmente não visitam as livrarias, não é justo, pois, que estabeleçam concorrência com estes estabelecimentos. Assim, a percentagem estabelecida a favor do publico, durante o periodo em que elas se realizam, deve vigorar tambem nas livrarias, como em Madrid. E isso para não se dar o caso de, no mesmo dia, uma obra ter um preço na loja e um preço mais baixo na barraca da Feira.

Outro aspecto interessante da propaganda livresca, por ocasião das Feiras, consistirá, como em Madrid, em facultarem os editores aos alfarrabistas os exemplares deteriorados e os «monos», data que o publico mais pobre possa tambem comprar, acosta-

mando-se a lér. Em cada ano aqueles limparão, de tal arte, os seus estabelecimentos e criarão em muita gente o hábito salutar da leitura.

Não se compreende também que, sendo os meses de verão época morta para o comércio de livros, as Feiras não se desloquem para as praias e termas, onde ha sempre um publico ávido de lér, quanto mais não seja—para passar o tempo. É certo que seria difícil e caro andar com as barracas ás costas, de terra para terra. Mas parece que não custaria muito, e seria compensador, armar em livrarias dois camiões, um para a região do norte e outro para a do sul, que transportassem obras de todos os editores e delas fizessem directa e espectacular propaganda. Querem os livreiros reunir-se e aproveitar esta ideia?

Pois, como vos la dizendo, vendeu-se muito e bem, nas duas Feiras. Os velhos livros, de autores consagrados, foram os preferidos. O nosso publico é conservador, desconfia dos novos... No Porto, ha a assi-

nalar um exito, justificado, além do seu valor, pelo ambiente local da obra: — «A Inocencia de Urbino de Freitas», de Gomes Monteiro. Em Lisboa, Filho, Eça e Aquilino, com Ferreira de Castro e Julião Quintinha, foram os mais procurados. Dois livros suplantaram os outros na venda, e é curioso dar nota deles: — «Os Simples», de Junqueiro, e «Lisboa em Camisa», de Gervasio.

Não é possível registar tudo o que appareceu de interessante, e muito fol. Mas cabe dizer que marcaram logar de preferencia: no genero historico, «Do Rossio á Rotunda», de Paulo Freire; no genero de polemica, o panfleto do dr. Magnus Bergstrom contra o dr. Alfredo Pimenta; e, no genero de divulgação e ensino, a colleção «É capaz de responder?» que Albino Forjaz de Sampaio escreveu e ordenou, com o saber e o carinho que pôe em todos os seus trabalhos.

BELO REDONDO

Academia das Ciencias de Lisboa

Ação do Presidente sr. dr. Julio Dantas, em Madrid.—Meu um notavel trabalho do Prof. Egas Moniz communicado á Classe de Ciências.—Como o sr. commandante Quirino da Fonseca estudou a indumentaria medieval e como da sua competetissima communicação á Classe de Letras e da apresentação do vocabulario arcaico detrou brilhante e erudito comento do sr. dr. Julio Dantas, seguido de outros pelos srs. José de Figueiredo e Laranjo Coelho, e um novo aspecto das sessões academicas.—Outros trabalhos.—Confirmação do escritor e academico sr. Joaquim Leitão no alto cargo de Secretario Geral da Academia.

Como em todas as primeiras quintas-feiras do mês, no dia 1 de Julho, que saiu á quinta feira, reuniu a Academia das Ciências em sessão plenaria, presidiada pelo sr. dr. Julio Dantas e Secretariado pelo sr. Joaquim Leitão, Secretario Geral.

Os votos de congratulação unanime, pela acção dos srs. Professores e doutores Caserio da Maia e Ruy Ulrich, respectivamente o ministro dos Negocios Estrangeiros e Embaixador de Portugal em Londres, veio recordar ao país que na verdade os grandes vultos da vida publica á nação tem de os ir buscar á Academia das Ciências.

Outro traço notavel dessa assembleia geral da Academia foi a synthese que da sua embalsamada intellectual a Madrid fez aos seus confrades o sr. dr. Julio Dantas.

Referindo-se também a marcha dos trabalhos do Dicionario da Academia, o presidente, sr. dr. Julio Dantas, communicou á assembleia geral o resultado das conversas que, por occasião da sua ida a Madrid em serviço da Roteada das Nações, teve com os presidentes das Academias e com outras individualidades eminentes, acerca da possibilidade de uma cooperação mais efectiva o de um mais intimo convívio não só entre as academias pensadas e congeneres, mas entre as instituições academicas do bloco latino europeu.

Nó que respecta á Espanha, essas conversas e que assim se ilustra em

baixador de Portugal, emprestando-lhes a autoridade da sua elevada situação diplomatica, realizaram-se com o presidente da Academia Espanhola, senhor Menendez Pidal, com o presidente e secretario geral da Academia de Ciências Morais e Politicas, senhores Sanchez de Toca e conde de Lizarraga, e com o presidente em exercicio da Academia da historia, senhor Conde de Cedillo. Quanto á França e á Italia, o estreito contacto que manteve com os senhores Paul Valery, da Academia Francesa, e Severi e Crestano, da Real Academia Italiana, permite-lhe condicionar essa cooperação possível e util. Em todos encontrou a mesma convicção de que, para o desenvolvimento da cultura espirital no sentido academico, se impunha a aproximação dos mais importantes instrumentos de vimento este que deve iniciar-se por as Universidades e as Academias, moque a mesma cultura dispõe, que são grupos de nações da mesma familia ethnica e linguistica, um dos quaes é o grupo das nações luvilatinas. Referiu-se ainda o senhor dr. Julio Dantas ao interesse que á Academia Espanhola e, em especial, ao seu presidente, senhor Menendez Pidal, mereceu o

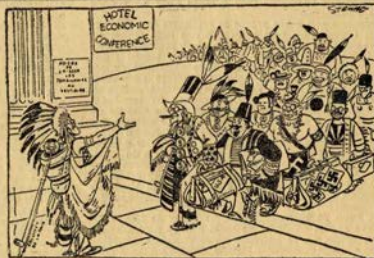
acordo orthografico luso-brasileiro, que este insigne academico considera um facto de alta significação, no duplo aspecto filologico e politico.

Horas antes desta sessão plenaria, realizava-se a sessão de Classe de Ciências, a que o insigne neurologista Professor Egas Moniz communicou o seu ultimo trabalho, em colaboração com os srs. drs. Arnaldo Pinto e Abel Alves. Trata-se da «Vitalidade dos raios X do tronco basilar e arterias cerebraes», cujo resumo publicamos neste numer.

Pertence á serie de trabalhos que abriu ao professor Egas Moniz as portas da Academia de Medicina Francesa e da consagração mundial, hrombrando com os sabios contemporaneos de maior nomeada.

Essa sessão fechou com a communicação do professor Sabino Coelho sobre «A dor em Ginecologia».

Na immediata sessão, a classe de Ciências ouviu a palavra de um dos mais autorizados e eruditos cultores da historia das Ciências—o sr. dr. Silva Carvalho. Falou o illustre historiographo cientista da «Historia das Fiezas Medicas em Portugal», fazendo-o com a reconhecida competencia, e o seu costumeado escripto em se documentar, tornando-o



A chegada dos delegados á conferencia economica mundial

(Daily Express, Londres)

como se vê pelo extracto que publicamos—um texto de interesse e valioso.

Nessa tarde de trabalhos da classe de Ciências, o sr. almirante Gago Coutinho levantou, com toda a sua autoridade um momento a respeito de: *Necessidade de aplicar os princípios da Náutica na História dos descobrimentos marítimos*.

E disse o porquê, na comunicação que damos extractada nas nossas paginas de hoje, e que valeram dos seus parcos os aplausos que coram sempre o eminente homem de ciência.

A classe de Letras teve as suas duas costumadas sessões, durante o mês: na segunda e quarta e quinta-feira.

Na primeira delas, a ordem do dia foi um torneio erudito, que o saber do sr. Quirino da Fonseca levantou com o trabalho apresentado sobre *Indumentaria Medieval portuguesa*. A costumada modestia do consagra o mestre da Arqueologia Naval restringiu a annunciação do seu trabalho com este sobre aviso—Notulas.

Mas o erudito e eminente presidente da Academia e da Classe ar. dr. Julio Dantas, no demorado—três quartos de hora—que fez à comunicação do sr. Quirino da Fonseca, reputou-o de tal valor que propõe a sua publicação nas *Memorias da Academia*, o que foi unanimemente decidido.

Declorando que desde muito novo se dedicava ao estudo da indumentaria arcaica o sr. dr. Julio Dantas confessou que o sr. Quirino da Fonseca conseguira apresentar dois vocabulos que ele desconhecia, embora houvessem escapado alguns outros, que apontou, e de outros os sensabones podessem proporcionar correição & acção encontrada pelo confunde.

Mas acentuou que as suas palavras não eram reparos mas homenagem ao

trabalho consciencioso e exaustivo apresentado e que affirmavam o sr. comandante Quirino da Fonseca, já acentuado: Arqueologo, mestre na Philologia e na Ethnografia. E, pondo ao dispor do illustre academico os seus verbetes—que devem ser preciosos, a calcular pela sua obra e ainda recentemente pelo seu folhetim no *Comercio do Porto—O Trajo na Obra de G. H. Vicente e Tencados, Sombrios e Berretes*, o sr. dr. Julio Dantas deu a palavra ao sr. dr. José de Figueiredo.

O illustre director do Museu de Arte Antiga, o eminente critico de Arte que a Portugal garantiu a gloria de uma Escola de Pintura portuguesa, hoje reconhecida por todas as competencias artisticas do mundo—, agradeceu ao sr. Quirino da Fonseca o subsidio, de incalculavel valor, que com o seu trabalho sobre o traço medieval português trouxera à iconografia artistica. Foi o maior louvor que a Arte podia prestar ao estudo, de muitos anos, do sr. Quirino da Fonseca.

Ocupou-se ainda do mesmo trabalho, o erudito e elegante poligrafo sr. dr. Laranjo Coelho, que pôe tambem à disposição do sr. Quirino da Fonseca os seus verbetes.

Este torneio erudito levou o sr. presidente a desejar que as comunicações fossem para futuro comentadas pelos senhores academicos, dando assim maior interesse, se possível fôr, à vida academica, e completando-se o estudo dos assuntos, com a colaboração aberta dos confrades que os queiram comentar.

E, ao que parece, aquella sessão da classe de Letras suggeriu um novo aspecto no trabalho academico, que será sobretudo interessante quando nas sessões se começar a estudar as palavras admitidas no *Dicionario da Academia*.

Tanto que o sr. dr. Laranjo Coelho

foi, no fim, convidado pela presidencia a levar a uma das proximas sessões os seus verbetes satascentistas.

Na segunda sessão, o reputado linhagista sr. Afonso de Dornellas apresentou um trabalho de maior oportunidade e do qual—como do produzido pelo sr. comandante Quirino da Fonseca—damos neste mesmo numero um largo trecho inédito.

Heraldis de soberania do Imperio Português de Além-mar versava a interessante comunicação, que foi illustrada pelas armas das provincias do nosso imperio ultramarino, conforme a competência e o patriotismo do sr. Afonso de Dornellas as architectou.

E uma obra, e obra notavel, essa que constituiu largo volume a caminho do prelo, e que ficará na bibliografia do autor como confirmação da sua mestrança.

Na vida da Academia das Ciências, o mês de junho deixou ainda um facto de assinalar: a confirmação, no *Diario do Governo*, do novo vice-secretario geral, o sr. prof. Pereira Forjas, tambem secretario da classe de Letras, e no mesmo numero official, de 15 de junho, a confirmação do escritor e academico de numero, dr. Joaquim Leitão, secretario da classe de Letras, no alto cargo de secretario geral da Academia das Ciências.

Aos homens de ciencia e homens de letras que têm occupado a cadeira de secretario geral da Academia, como Corra da Serra, José Bonifacio de Andrade e Silva, Latino Coelho, Pinheiro Chagas, Pina Vidal, Cristóvão Aires, Achilles Machado, succede agora um cultor de boas letras e apaixonado cultor da lingua patria—Joaquim Leitão—e que as suas qualidades de trabalho e de metodo junta as de espirito academico e devoção pela douta companhia.

Os que não sentem de crise mundial



Emfim, se não fossem os charutos não se sabia bem quando acabava o almoço.

Le Rize, Paris

Comemorações

No dia 1 passou o 43.º anniversario do suicidio de Camillo Castello Branco; no dia 2 passou o 3.º anniversario da morte de Bernardo de Passos, sendo comemorada, em S. Bras de Alportel, com uma sessão solene; no dia 3, o anniversario da morte de Antonio Patrio; no dia 6, o 1.º anniversario do nascimento de Gomes Leal.

O centenário do Brilo Aranha

Por iniciativa do Sindicato dos Profissionais da Imprensa realizou-se a comemoração do centenário de Brilo Aranha. Foram depositos ramos de Nôree no seu jazigo, falando o dr. José Ponte, o dr. Bento Carqueja e o dr. Beirão da Veiga e realizando-se uma sessão na sede do Sindicato, em que discursaram o dr. Arnellim Junior, dr. Bento Carqueja, dr. José Pontes e Paulo de Brito Aranha.

O premio Nobel

A Academia Brasileira de Letras propôs para o Premio Nobel de Literatura, Coelho Neto. Tambem o Perá propõe os sr. Ventura e Francisco Garcia Calderon.

Museu de Numismática

Foi criado o Museu Numismático na Casa da Moeda. E conservador o sr. dr. Pedro Batalha Reis. Tem uma secção de filatelia, moedas e medalhas vindas do Palácio da Ajuda, etc. Reune-mas de 10.000 moedas.

Concursos literários

Belo Redondo, com o seu livro «A cidade malhada», ganhou o concurso aberto pela Parceria Antonio Maria Pereira, em junho de 1929, e a que concorreram Mario Reis e Rogeria Beres.

Conferências

No Ateneu Commercial do Porto, D. Marta Mesquita da Camara, sobre Camões, poeta da iconia e da graça; no

di. 3, pela Invicta Radio, por Belo Redondo, sobre o Elogio de Lívio; no dia 2, pelo dr. João de Barros, sobre Giner dos Rios; no dia 10, a ultima lição de Estudos Camoensanos na Faculdade de Letras, pelo dr. José Maria Rodrigues, havendo tambem sobre Camões outras, sobrecoando as do dr. Hernani Cidade, no Porto; dr. Gomes dos Santos e Reis Santos, Xavier Fernandes, major Melo Vieira, coronel Ferreira de Sima, etc., em Lisboa. No dia 19, pelo dr. Faria de Vasconcelos, sobre Paleontologia; no dia 20, na Casa de Portugal, em Paris, pelo sr. Philippe Karr, e no dia 25, na Universidade Livre, pelo sr. Henriques Costa, sobre a *Philosophie de Bergson* e a *aprobreviãcia*.

Varias

Ferreira de Castro encetou em O Seculo a publicação de um folhetim com o titulo «Terra Fria». No dia 4 publicou o mesmo escritor um curioso artigo sobre o Barroco, onde se passa a accção do seu romance, com o titulo *A Andorra portugueza*. Tambem de Ferreira de Castro saiu a tradução alemã da *Sérvie, Die Konzepts Zapier*.

—Foi considerada de utilidade publica a *Historia maranhense* de Nuno Alarves, poeta de Zamare de Mendonça, filho.

—Em Madrid, foi assassinada por sua mãe a escritora dr.^a Hildegard Rodrigues.

Bibliografia

refrescando as almas, sacudindo os nervos, eliminando o caminho que todos temos de trilhar—para o futuro.

Livros como o de Raul Brandão fazem, porém, esquecer e duvidar. E nós temos de criar e alimentar uma certeza, nem que seja á custa de nós mesmos, do nosso sangue e da nossa vida.

Certam para nós e certa para os outros, que não nos equivoca e nas almas indomável e clara, como uma grande verdade, que nenhuma mentira adultera como uma figura gigantesca, que nenhuma traição subjuga.

Romances

ALEXEIO RIBEIRO — JOGO DE DAMAS.—302-I pg. Casa editora Nunes de Carvalho. 10.000 cz. Romance moderno em cenario portuguez. Análise e comocão. O autor escreveu já: *Ilusões* que passam, *Claustro de stamboul*, O *peccado da Mimí e Asas estiladas*, tendo-se estreado em 1928.

REEDIÇÕES — ANTONIO DE CAMPOS JUNIOR — GUERREIRO E MONGE.—2 vols. 558-3 pg. e 602-3pg. 23 e 18 gra. João Romano Torres, editor. 40 escudos. Este Antonio de Campos Junior, sistematicamente esquecido, é um dos grandes romancistas historicos da nossa terra. A sua obra prima é *Guerreiro e Monge* agora republicada, em 5.^a edição, uma edição elegante e clara quasi luxuosa. Bom livro este e magnificamente tratado.

TRADUÇÕES — GEORGE LODY — DRAMAS DA ESPIONAGEM. I.—A LEGIAO MALDITA. tradução livre de João Amaral Junior. 219-I pg. João Romano Torres. 12 escudos. Livro de espionagem e de amor, em que se ama, se sofre, se luta, se vence e se morre, escrito sem preocupações e empolgando o leitor.

Crítica—Biografia—Estudos
CARLOS PORTUGAL RIBEIRO
—ALEXANDRE HERCULANO. A sua vida e a sua obra (1810-1877). Vol. I. 255-3 pg.

Obra excelente que foi premiada em Setembro de 1932 com o premio Herculanico. E um trabalho notavel dividido em 4 volumes de que este é o primeiro. Ha muito que não apreciava entre nós um trabalho literario tão minucioso e tão solidamente alicerçado. «Alexandre Herculanico» de Portugal Ribeiro é modelo de monographia literaria e exemplo e

Memorias

RAUL BRANDÃO—III vol. de Memorias. Vais de Joo/si. 266-2 pg. Seara Nova, editor.

É um livro original onde ha muito talento e por vezes muita injusticia e muito erro. Mas um livro interessantissimo que se lê gozadamente e onde vive um mundo de gente conhecida. Edição elegantissima, sobria, correcta. Retrato de Raul Brandão na capa em claro escripto de Tzaparro.

O livro de Raul Brandão deu ensejo á dola artigos notaveis. Um o da Camara Reis, no *Diario Liberal* de 6, e outro o de M. E. (Mario Salgueiro) no mesmo jornal, de 20.

No primeiro diz-se:

«O autor de *El-Rei Junot* e de *Genes Freire* concebia a historia á maneira de Michelet, como uma resurreicão. Mas uma resurreicão realitada por vezes numa atmosfera alucinada e apaltonada. Desinteresse-o o exame «napestral dos documentos. Para o tempo presente, os seus nervos vibram com uma ressonancia estranha ao embate dos acontecimentos. Registra, dia a dia, o facto, o boato, a confidencia desinteressada ou interessada. Este processo de trabalho não assegura a exactidão impecavel, mas, melhor que qualquer outro, dá uma impressão de vida inquieta e murmurante ao quadro dumha época.»

No segundo:

«Quando vi o seu livro annunciado, fui M-to, num alvoroço. E fiquei triste, como disse, ao vêr tanta tristiza.»

O seu balço é á vida e á pagina enorme, colorida e negra, ferrentemente tomada pelo ralo de sol da sua repantica no futuro.

«Espero pelo dia em que a instrucção seja realmente gratuita e obrigatoria para todos.»

«Espero que a terra seja de quem a cultivar. E absurdo possuir a terra como quem tem papel para receber as juras.»

«Espero o dia em que o homem comprenda que o superfluo é um crime.»

«Mais justiça e mais pão para todos, em justas limites.»

Mas á dorçido e triste o seu livro. E eu fico a pensar na necessidade que nós temos duma literatura casada e forte, poderosa e criadora, com rajadas de audacia e impulso de energia.

seguir em homenagens duradouras á prestar aos nossos escritores.

Arts

JOSE DIAS SANCHES—Reliquias do Passado. 8-125-7 pg. Compreende 11 capitulos: *O Rossio do ontem*; *A tula do Silencio*; *O Mosteiro dos Jeronimos*; *O Alto da Ajuda*; *O Restelo Velho*; *Candelas*; *Figurinhas de Barro*; *Da vida e da obra do escritor Pedro Diniz*; *Vulcanos Nacionaes*; *João de Ruão*, o *meu mestre escultor e arquiteto do Seculo XVI e Chamadas alentejanas.*

É um livro curioso, interessante, cheio de amor pela arte e evocador de bellezas e encantos artisticos nacionaes.

Theatro

ARMANDO FERREIRA E ABREU E SOUSA—A's 3 passadas, teatro para amadores 190-2 pg. J. Rodrigues editor.

Edição original, graciosa e atraente. Belo teatro. Um prefacio engraçado. Talento, graça e tecnica. 13 peças, comédias, farsas, dramas, farsas, epicalos, dialogos, etc. Um livro ás 3 passadas equilibrado por mão de mestre.

BIBLIOGRAFIA—LIVROS FRANCESES

—Paul Neveu et Emile Daur — *Les Trésors des Bibliothèques de France*, Fasc. IV, 360 fra. (Van Ooest); *Kristicos — Bibliographie des Sciences sociales*, 170 fra.

BIBLIOGRAFIA—LIVROS FRANCESES — Eimach — *Dictionnaire complet Français-Hébreu*, 110 fra. (Lipschutz).

BIBLIOGRAFIA—LIVROS FRANCESES — G. Flaubert — *Correspondance. Index analytique* (9.^a serie), 40 fra. (Le Conard); *Alfred de Vigny — Correspondance*, 1.^a serie, 55 fra. (Le Conard); *Frank Harris — Ma Vie et mes amours*, 15 fra. (Nouv. Revue française); *Edmond Jaloux — La vie de Goethe*, 16 fra. (Pion); *Marie-Jeanne Durré — La Vieillesse de Chateaubriand* (1830-1843), 2 vols, 120 fra. (Le Divan); *Hélène Prevel — Flaubert d'après sa correspondance*, 50 fra. (Malfère); *François Mauriac — Le Romanicr et ses personnages*, 13,50 fra. (Corréa); *Michelet — Ma jeunesse*, 10 fra. (B. U. D. E. L.); *Da Boa — François Mauriac et le Probleme du Romanicr catholique*, 12 fra. (Corréa); *Marcel Proust — Correspondance generale*, Tom. IV, 15 fra. (G. L.); *Maurice Barrés — Mes Cahiers*, Tom. IV, 25 fra. (Pion).

VI-- Arte

Belas Arte — Teatro — Cinema — Música

Belas Artes

Academia Nacional de Belas-Artes

O Teatro Real da Opera

Reuniu-se a Academia Nacional de Belas Artes, com a assistência do sr. dr. José de Figueiredo, presidente; D. José Pessanha, secretario geral, e vogais srs. Matos Sequeira, Veloso Salgado, dr. Xavier da Costa, Raul Lino, Roque Gamalro, Guilherme Rebelo de Andrade e Sousa Lopes.

Depois do expediente, o sr. presidente chamou a atenção da Academia para o decreto que reforma os serviços do ministerio das Fimanças, propondo que a Academia manifestasse a sua satisfação pelo cuidado que mereceu no sr. presidente do Ministerio o interesse artistico que offerecem os Palacios Nacionais, sendo aprovada por unanimidade essa proposta; occupou-se depois a Academia da eleição de vogais correspondentes no estrangeiro e da representação que a Academia teve no centenário de Martim Sereno, tendo a Academia manifestado o seu reconhecimento ao vogal que all foi, o sr. dr. Xavier da Costa.

Na ordem do dia, o sr. presidente leu a sua comunicação sobre o antigo Teatro Real da Opera de Lisboa, tendo essa comunicação, que mereceu os maiores elogios dos vogais presentes, sido largamente commendada pelos vogais srs. Matos Sequeira e Xavier da Costa.

O sr. dr. José de Figueiredo leu, em seguida, e na ordem do dia, uma comunicação sobre o antigo Teatro Real da Opera de Lisboa, destruido em 1755 pelo grande terramoto.

No decurso do seu estudo da importante coleção de desenhos do Museu de Arte Antiga, em numero superior a 3.000, coleção que será exposta ao publico logo que o permita a proxima ampliação do Palacio das Janelas Verdes, examinou, mais uma vez, os que all existem, da autoria de João Carlos Bibiena, o architecto construtor daquele teatro. E, para completar esse exame, dada a importancia artistica dos desenhos, procurou vestígios da obra de Bibiena em Portugal, começando por averiguar o que a respeito dele existia na biblioteca da Academia Nacional de Belas Artes. Não podia ter sido mais frutuosa essa busca. Apurou, nela, com outros elementos inéditos para a biographia do artista, nada menos que alguns originaes de Bibiena, e, entre eles, precisamente, uma planta e um corte transversal do Teatro Real da Opera, e ainda um mapa com legendas, os quaes não só completam aquellas, como mostram o que era o conjunto do respectivo projecto.

Dispõe-se agora de elementos directos para a apreciação de um edificio que tão elogiado foi no seu tempo e do qual o eminente historiador de Lisboa antiga, sr. Matos Sequeira, escreveu ainda recentemente, no seu bello livro «Teatro de outros tempos, que não sabia existir dele documento iconografico fiel».

De passagem, o sr. dr. José de Figueiredo informa ter também encontrado o primitivo estudo (planta, corte e alçado) feito por Bibiena para a Igreja da Memória, a Erlém. E por ele vê-se, como era facil de presumir e se concluiu também do que sobre Bibiena escreveu Cirilo Volkmar Machado, que a Igreja foi modificada no decurso da construção e com pouca felicidade, como se verifica quando se compara este projecto de Bibiena com o edificio actual. Bibiena nada tem com o corpo superior da fachada principal, corpo que é a consequencia do côro alto que não apparece no projecto em questão, cuja planta e corte mostram as alterações que foram feitas no interior do edificio. Suprimiram-se, por exemplo, os seis alta-

res laterais do corpo de Igreja e modificou-se a situação do altar da capela-mor que, no projecto, era concebido em destacado, no topo da respectiva esca-daria, e está agora adossado a parede do fundo. E isto e posterior á cerimonia da inauguração do templo; pois, a respectiva medalha comemorativa condiz exactamente com o projecto de Bibiena, o que mesmo é dizer que as alterações feitas são posteriores á morte do architecto italiano, visto a fundação official da fabrica ser de 3 de setembro de 1760 e a morte de Bibiena, como pude averiguar, com o achado feliz da certidão do seu falecimento, datar de 20 de novembro desse ano.

Os desenhos que subsistem do projecto de Bibiena para o Teatro Real da Opera são a planta ao nível da sala e o corte longitudinal mostrando o esqueleto em cantaria do edificio, ou sejam os mencionados nos n.º 1 e 2 do mapa com as legendas, que se encontra também na coleccao. Faltam, assim, os n.º 3 e 4 a que se refere, também, esse mapa, e que são respectivamente a planta ao nível da platéia; o corte longitudinal mostrando o interior da sala com a sua decoração; o corte transversal mostrando a mesma decoração; e o corte transversal mostrando o proscenio ou boca de cena. Existirão ainda esses desenhos?

Com a falta dos três ultimos desenhos do projecto que nos davam a decoração interna do teatro, não dispomos de elementos que possam mostrar-nos com absoluta segurança o que foi a riqueza decorativa da sala do famoso teatro, embora não seja difficil evocá-la, lembrando-nos dos louvores que lhe foram feitos, sem esquecer nem o que nos dizem os outros desenhos de Bibiena nem o que subsiste das construções feitas pelo artista em Italia, antes de vir para Portugal. O que ficamos, porém, a saber de certo com os outros elementos do projecto, e isso já não é pouco, é o local que occupava o teatro, as suas proporções e todos os pormenores da sua estrutura. E não ficamos por aí. A conjugação desses dados desenhos, sobretudo o do corte com outro mapa inédito de que dispomos, cujo original se encontra no arquivo de Santa Luzia (caixa 311, antiga), mostra-nos ainda qual a distribuição dos lugares, completando e modificando em parte o que sobre o assunto publicou o nosso illustre consocio sr. Matos Sequeira, eminente historiador, no seu bello livro «Teatro de outros tempos».

O local que o sr. Matos Sequeira, com os elementos de que dispunha, pôde conjecturar para o Teatro Real da Opera não era bem o que este de facto occupava. Com a platéia do lado oriental do actual edificio do Arsenal e o palco do lado occidental, a fachada da Opera correspondia precisamente a toda a parte saliente da fachada desta construção, estendendo-se o resto do palco que aí não cabia para além desta no sentido occidental. Quanto ao comprimento do teatro, temos que reduzi-lo a metade do que lhe tem sido attribuido. Média, nesse sentido, 60 metros e não 120, tendo de altura 33.40. Mas não se julgue por isso que era pequeno. Tanto a sala como o palco, especialmente este ultimo, eram muito maiores do que a sala e o palco do actual S. Carlos.

Pelo que respeita aos camarotes, constituam eles, sem contar as frisas, quatro ordens e atingiam o numero total de 33, a que ha ainda a juntar a grande varanda ou tribuna real, no centro e fundo da sala, e dois camarotes, um da cada lado do proscenio e ligados com esta, occupando as respectivas divisórias da primeira e segunda ordem, e que eram «para Sua

Majestade ouvir mais de perto). Quanto á pecha registada pelo sr. Matos Sequeira, de não se ver bem de todos os lugares da platéia, explica-a o côrte longitudinal. A elevação do estrado era de facto muito pequena: apenas três degraus. Já me não parece tão justa a outra acusação de se ra platéia muito comprida; mas, ontem como hoje, é difícil contentar todos.

Por último, o sr. dr. José de Figueiredo pôs em relevo o valor de João Carlos Bibiena como artista, dizendo também a esse propósito que a família a que elle pertencia, e de que foi um dos últimos grandes representantes, teve um alto papel, não só na arte italiana dos séculos XVII e XVIII, mas ainda na arte mundial desse periodo.

Ora o lugar até agora dado a João Carlos Bibiena em tão nobre estirpe não é de maneira alguma equivoa a que o artista tem direito. Vindo da sua terra para Portugal em 1752, João Carlos Bibiena, quasi esquecido por isso de Bolonha, onde deixou contuda obra apreciavel, ainda não teve, em compensação, da nossa parte, a justiça que lhe era devida.

Os Bibienas em que além do fundador da dinastia, João Maria, o velho, ha, sobretudo, a destacar os filhos deste, Fernando e Francisco, este ultimo pai do autor da Opera de Lisboa, foram, talvez, dos mais nobres cultores do movimento de arte que serviram, e que encarna, melhor do que nenhum outro, o barroquismo italiano.

A arquitectura teatral, cuja verdadeira genesis começa na pintura do século XII e que, embora com outro aspecto, teve um tão originario cultor em pleno século XVI, no bolonhês Sebastiano Serlio, o autor do celebre «Cenario prospectivo tragico e comico», ninguém a cultivou melhor do que os Bibienas, dando, graças aos seu profundo saber e grande talento,

autentica estrutura á «irrealidade» a que essa arte essencialmente visava. E ninguém, melhor do que elles, souberam manejar todo o complicado e difficil maquinismo em que a «perspectiva de angulo» se antepunha á «perspectiva central», no fito de valorizar sobretudo, com a «mise-en-scène», o espectáculo que esta servia, reduzindo assim o accessorio, o que devia ser essencial, ou seja o proprio conteúdo da peça ou drama posta em cena. Sem cair em exagero, julgo poder mesmo dizer-se que essa arte, em que a musica voltava a ser grande papel, foi dessa forma, ha cerca de três séculos, a verdadeira precursora do ultra-moderno e actualissimo cinema-sonoro.

O sr. dr. José de Figueiredo prometeu ampliar o seu estudo no proximo numero do Boletim da Academia Nacional de Belas Artes, completando ainda a homenagem a Bibiena com uma exposição a realizar em novembro proximo, no Museu Nacional de Arte Antiga. Aí se verá, com o grande valor de João Carlos Bibiena, a influencia, que elle exerceu em Portugal, e que não se limitou apenas á época em que viveu entre nós, estendendo-se até ao fim do século XVIII e revelando-se em mais de um aspecto da nossa actividade artistica.

Foi lida depois pelo secretario geral uma comunicação do bibliotecario da Academia, sr. coronel Garcez Teixeira, relativa á custódia da Sé de Lisboa, em que, depois de se lembrar que quem modelou a respectiva «maquette» foi o celebre artista Machado de Castro, se apresentam documentos que provam que quem começou a lavar e cravar a peça foi Pedro da Silva, tendo o trabalho sido concluido por Tomaz Antonio Balduino, por motivo do falecimento daquele. Quem lapidou os diamantes e pedra de côr foi Antonio de Almeida Pereira.

Exposição

DE PINTURA—Na rua 1.ª de Dezembro, 101, 2.ª, realizou-se a exposição de José Contente, pintor, e Celestino Teóph, esculptor. Contente expôs 31 obras e 27 desenhos. Sobre José Contente publica *O Despertar*, de Coimbra, um artigo de E. D. (Ernesto Doat), do dia 7, a que o artista respondeu no dia 17. Também nos dias 7 e 10 o mesmo jornal publica as criticas ao IV Salão dos Estudantes, da mesma cidade.

DE ESCULTURA—Do esculptor, medallista e animalista João de Silva, em sua casa, na rua Nova de Santo Antonio, 73 (á Igreja de S. Mamede), foi montada exposição de grande e genuina arte, que foi muito visitada. O catalogo insere um

artigo do Prof. Rinaldo dos Santos. Publica das 14 ás 17, até 13 de Julho.

VARIAS—O Serviço de 14 insere um desenho inédito de Tagarró, Sé de Évora.

—Em Paris, terminou o Curso da Escola Superior de Belas Artes, o architecto Fernando de Sá.

Academia de Platão

A Academia das Ciencias de Atenas, na sua ultima reunião, communicou que, durante umas excavações, realizadas segundo a sua direcção, se descobriu a antiga academia de Platão, a 1.600 metros de Diphylon. Na base do pothico, existe uma inscrição, pela qual se vê tratar-se, efectivamente, da famosa academia.

CONFERENCIAS—Na Escola Pedro Nunes e Prof. Armando Lucena realizou

conferencias sobre *O Estilo românico*, sobre *Arte poética* e sobre *Os estylos no ensino liceal*. A série de conferencias do professor e artista Armando Lucena interessou vivamente todos os que pela arte se interessam.

MONUMENTOS—No dia 4 realtoou-se, em Tamar, a exposição da maquette do monumento a Galdino Pais, do esculptor Anjos Teixeira; no Porto a Câmara Municipal mandou collocar na Avenida Camillo um novo monumento, da autoria de Henrique Moreira, ao grande romancista; tambem no Jardim da Cordaria, hoje João Chagas, no Porto, foi collocado *O Pedreiro*, esculptura allegorica ao trabalho original do mesmo esculptor. No Rio de Janeiro, no dia 10, foi lançada a primeira pedra para um monumento a Camões.

Theatro, Cinema e Musica

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES—No teatro Politeama, no dia 1, espectáculo de missas concorrentes ao Concurso de Belesas. Cantiga nova, com discurso de Silva Tavares e numero variado por Aurora Avelos e Francisca. Rita Walden e Herminia Silva; por Aurora Abranches, *Peça de Substino Lopez*, trad. de Paulo Guimarães; no dia 15 festa de Naacimento Fernandes com *Tragedia do Silencio*, de sua autoria; no dia 16, em E. Carlos, Alfama, por Antonio Botto; no dia 18, no Politeama, festa de Carlos Leal com *O Jí*; no dia 25 estrada, no Nacional, da Companhia Argentina de Comedia Quatro com Fado para fi, de J. Gas Bez, seguindo-se em outras sessões *Requiem* nos, *Joe Quintana*, *La lina en el poco*, *De muy buena familia*.

La serpente, *Uma mulher desconhecida*, *El derecho de amar*, *La dama de las camelias*, *La melodia del jazz-band*, etc. Tambem no Varietades se entrou a companhia brasileira *Ty-tó-tó*, levando a 23 a revista *Snoude*, palavra doce.

Cinema

Passaram no S. Luiz, *Audência imperial*, *O testamento do dr. Mabuse*; no Tivoli, *O grande milagre*, *O club dos suicidas*, *Chando «o faké»*, *Continte curo*, *Noite da Excessão*; no Palácio, *A Imperatriz e eu*, *Diplomata para senhores*, *Enfermeiras de guerra*, *Vidas intimas*; Odéon, *Vidas intimas*, *Confissão de uma jovem*, *Martirio ditico*, *Noite de assento*, *Enfermeiras de guerra*; C. d'ous, *O nocto senapista*, *O Prejudicio diocrite*; Central, *Vidas nocturnas*, *O salooco caeleste*, *A Imperatriz e eu*,

Diplomata para senhores, *Olimpia*, *O selto deitico*.

Necrologio

No dia 11, faleceu o mestre Manuel Benjamin, com 83 anos. Foi um compositor notavel e uma figura de teatro de grande relevo, que deixou cançoes e foi muito querido.

No dia 5 faleceu Carlos Meneses, que foi secretario de muitas empresas teatraes, e no dia 16, em Lisboa, no Hospital de S. José, o velho bibliotecario do Politeama Severiano Pinheiro. A 29 faleceu, em New York, o actor comico Zaccaro Arbuckle, conhecido por Paddy.

Varias

Chegou a Lisboa, no dia 12, o embaixador allemão Siegfried Arno, que vem tomar parte no filme *Godó bravo*.

VII -- Vida Social

O homem e a mulher — Sport e educação física — A moda — Vida religiosa — O riso e a caricatura em Portugal e no estrangeiro

Sports e Educação Física

SOALHEIRAS E DESPORTES

Ricardo Jorge publicou no Diário de Notícias de 21, um artigo de não só grande interesse mas também de grande actualidade. O seu assunto, os crimes do dia, Nudismo, concursos de beleza, e turismo, deu ao mestre do estilo que é Ricardo Jorge, a razão de escrever excelente prosa daquella que se guarda depois de se ter lido com êxito. E porque fulguramos que provara aos nossos leitores, no cumprimento da nossa missão, o transcrevemos.

ração. Na larguíssima estrada, em que as horas se succedem mais lentas ainda que as tradicionais noites de Lamego, anda o pinnamento destravado aos trombois, joguete de tudo quanto lhe forja o subconsciente ou os olhos lhe fazem à flux de tanta estranha terra atravessada. Uma salsaada que, puxada à fiavel da escrita, daria machoadoras a pedir maças aos paginões infindos do Marcel Proust ou aos «romans flueves» à moda na romanceria parisiense. Anchió sono...

A partir de Genova, pela Riviera além, o olhar do higienista palra gratamente no rosario de sanatorios, hospícios e instalações de saude e cura de toda a ordem para padecentes e fragela de todas as idades e classes, brçados ao abrigo da amensidade do clima. Mostruário numeroso da sociotecnica resgatadora dos males físicos, testemunha a vasta comprehensão que tem o Estado mussoliniano do bem geral e da salvaguarda colectiva. Esta a mais excelsa grandeza do homem publico, pastor dos povos, essa a que levará mais longe o seu nome do que a monumental estação de Milão ha pouco inaugurada, onde flameja orgulhosa a marca do Duce, construção ciclopica admiranda, duma magnificencia esmagadora a emparelhar com os palacios e os templos faraonicos.

Recortes bordados na crista das colinas marginaes, quebradas forradas de verdura, manchas coroadas de casario listrés fulvos de areia a debruar as chanfraduras da costa em cujas pontas se engasta o cabuchão da safira mediterranea—assim desliza o diorama felicisico de Riviera e da «Côte d'Azur». Só a natureza continua prodiga, porque, quanto a concorrência, sente-se o vazio relativo: sempre por toda a parte a pavidá crise. Villegiantes em traje de uniforme, nada de melas, pernis e braços à mostra, camisas esgouladas sem mangas—jamás em preparo parelho; os pijamas variegados figuram uma intrudada à beiramar. Abolida sem cerimonia a indumentaria da decencia consagrada, aquella sem a qual ninguém que se prezasse se apresentaria outrora em publico.

Pela praia sobre a alcatifa fóda da areia e à ourela espumante da vaga, montões de corpos enroscados, que de longe se tomaria, em relance postico, por algum cardume das aguas marinhas da fabula all varado e abandonado pelo pastor Proteu. Mais precisadamente lambrem, salvo seja, pelo bofejar rosado dos concornos, magotes de leitões e cardos ruços a secarem da molha do chafurdreiro ao olho do sol. Dabaixo destas comparações arriscadas, vejáms-se os banhistas de mar e de sol, em pelota, tals quais saíram esculpidos da barriga da mão ou deformados

VIM de arrancada o verão passado

pe-lo Oriente-Expresso, des de Bucarest e a Marselha, saltando de congresso em congresso, onde tinha e falante por imposição de camaradagem e colaboração.

pelos azares da vida e da idade. Nudismo de 70 a 90 0/0—o integral a 100 0/0 reserva-se por ora para os campos cerrados da seita do colrato ao léu.

O' costumes velhos! Por um instante retrocedo, não direi quantos decenios atrás, à praia tripelra da Foz do Douro, onde menino me afocinham sufocado e choroso, na onda dos canelros, estirizados pelo Ramalho, ou á prak, alfacinha de Pedroloco, de cantada nos folhetins de Julio Cesar Machado. A banhista avançava tímida para o mar, envolta na escura baeta crepe que lhe afogava o pescoço e escondia o arthelo, fora do palminho de cara e das mãos, nem uma frincha de carne se flagava. Damas de mais tom rogavam pela areia vestidos retessados de cada. Se as roupagens depois da imersão queriam colar-se à pele a modelar redundancias como nas estatuas antigas chamadas de tunica molhada, a banhista sacudia-as castissimamente. Que de bócios de pudicicia.

Hoje impera a mitologia—Anfitrite e Neptuno, tritões e nereidas, emergem do «saio argenteo» em plastica limpa. Se ao menos vissemos as copias dum museu antigo! Talvez, ao abrir uma Sorbona uma lição sobre as belezas humanas na arte da Renascença, exclamava deploradamente: «Tenho o desgosto de dizer-lhes meus senhores, que nos vamos tornando cada vez mais feios.» Quanta razão não tinha. Contemplei já estes acoçados de carnes num e outro hemisferio, desde a «Côte d'Argent» à «d'Azur», de Ostend e Schweringue a Botafogo e Copacabana; confesso que o espectáculo não sorri, já não digo aos precetos austeros da moral sedica, mas á estetica e ao ser-appeal. Aquelles sujeitos, mal talhados, vartrudá, hincutos e cardosos, exibem como pífuda a sua fealdade socratica, ou mais ainda adamastoriana tal qual a caricaturou o epico. Muito do outro sexo, o belo, se se vesse ao espelho, não se descaimaria em publico e rizo. Acode-me a amostra, dividida em S. João de Luz, duma matrona entre varias, amafada de ádipos, a enfiar reguifas de pilhanças, figura viva dos puez Michelin, posta a escaudigar á unha a cascaria pruriginosa da sola dos pés. Por contraste no lado, diga-se em verdade, surdia um exemplar unico em toda a ninhada feminina da praia, esta sim, estatura de Scopos, ou antes de Pigmalião, porque era celestialmente animado a sua bela feltura. Estes espécimes impeciveis são raros como corvos brancos nestas exposições de veranelo. Cada qual é como Deus ou o diabo e as mazelas o fizeram ou desfizeram, mas guarde esses dotes corporais para a canoa domestica ou para quando ao deitar cate as pulgas da camisa.

Estou a ouvir murmurar—mas que tens tu analista impertinente, que maldizer duma pratica optima para a saude, abonada pela hygiene e pela medicina? Ora aí que bate o ponto. Quem na praia se estira de papo ou de lombo para o ar não o faz, registre-se desde já, por nenhum impulso de defesa fisiologica ou de remedio—está all como escravo simisco da moda: degradar-se de quem é, mormente a mulher, se o não fizesse. Esta quer que o sol a core, curta e tigre, como se sazes dum banho de chocolate ou de tinturas do lodo ou estivesse a defumar como o araque, abaxo o ditado—«dá-me branquica que te darei formusura». O ideal a conseguir é o pigmento da preta, da casca das castanhas á graxa das botas; mais uma negromania a juntar á dos sacões do jazz e da rumba. E que tormentos para já

chegar; se a pele se cresta, estala e inflama, coldre-me com ela a bestança-lá.

A luz do sol, como todas as coisas deste mundo tem bom e mau; esconde raios que chegam a lesivos e tóxicos. A exposição desregada e frequente sobreven, por vezes, perturbações e incomodos mais ou menos duradouros. A soalheira molesta quando inoderada e quando acerta sobre pessoas mais sensíveis e mais frágeis. Se ha animais que se embragam de sol como os lagartos, as ogas e as serpes, para outros elle é veneno mortal—acaba-se de mostrar experimentalmente que os roedores, ratos e coelhos, expostos á torreira do sol, morrem ao cabo de um quarto de hora. Quando mais não seja, recorde-se que o astro-vel é inimigo da beleza e da frescura; a cutis por demais assoalhada perde o tom, enghela e encorrea cedo, como succede nas mulheres do campo. Servas da moda, véde-vos neste espelho ustório.

Uma vez que estamos em maré leonoclastica vênha atrás do nudismo ou desportismo. Está lícito, sem perigo de maior, arremeter contra esta idolatria dos desportes, de que se fia o pomposamente intitulado—futuro da raça? Ai de quem não cré, a pés juntos, nestes mandamentos corporais. Está de ver que se supõe facilmente terem elles a sanção da biologia medica. Ora quantas não são as vozes discordantes abafadas pelo alarido triunfante da desportividade. Ainda agora leio observações e reflexões autorizadas contra a influencia daninha dos exercicios, que deformam as raparigas, criando-lhe um tipo masculiniforme, com espaldas quadradas, curteza de tronco, alongamento dos membros e estreiteza da bacia; e acrescentar, prejuizos serios nas funções proprias do sexo. As desgraças do «foot-ball» ou pedibolia, a urrazar físicos promettedores e a abrir a porta á tuberculose, são já notorios e mereceram justas recriminações. Os atletas não gozam de vida longa nem saudavel; a exuberancia da musculatura é uma sobrecarga para o sistema vascular. Pujantes de fór-

ça, são fraquissimos de resistencia perante as causas mórbidas.

Não se confundam todavia essas praticas mais ou menos obnoxias com a educação física, essa, util e saudavel quando devidamente applicada com gradação e prudencia, conforme indicações racionais.

Uma estatística americana, ha pouco divulgada, apura os resultados biometricos obtidos pelo calculo das táboas de mortalidade e de sobrevivencia sobre os dados etarios fornecidos pelo *curriculum vitae* de 58.000 individuos, que cursaram escolas superiores. Repartiram-nos em três grupos—o dos diplomados comuns, o dos premlados e o dos atletas. Quais os que duram menos? Justamente os atletas! Quais os que vivo mais cedo. Vém depois os diplomados; enfim no alto da escala da longevidade os laureados—os que se distinguiram pela sua intelligencia e applicação. Seria uma prova numerica, a ajuntar a outros indicados, das vantagens do trabalho intellectual, como protector mesmo da sanidade e da duração da vida.

E caso para traduzir livremente a divisa classica de *Mens sana in corpore sano* por: «mente sã fará o corpo sã». Dêem que fazer ao cerebro e verão quanto corpo e alma aproveitam; o exercicio espiritual desvia o homem das paixões e dos vícios, abroque-la-o contra as vicissitudes do mundo, torna-se um elemento formal de resistencia—e como tal, constitui um factor de saúde, mais que nunca alentador quando os anos entram a dobrar; alonga e revivifica o periodo da declinação fatal. Higienica sempre a cultura, da mocidade á velhice.

...Alguem por cima do ombro me sopra—que digo eu dos concursos geograficos da beleza feminina, callipedia internacional de grande aparato e reclamo. Direi, que salvo o apreço pela selveta formusura e até por amor mesmo do respeito que deve votar-se á mulher, essa exhibição de missas é, por todas as razões, uma triste e condenavel fantochada, inventada e explorada barnumesicamente.

RICARDO JORGE

O nudismo

Fêz direcção Geral de Segurança Publica foi fornecida á Imprensa a seguinte nota officiosa:

«A bém da moral e dos bons costumes torna-se publico que vão ser tomadas as necessarias providencias por forma a reprimir severamente as praticas de nudismo nas praias portuguezas, bem como a exhibição de trajes que, pela sua simplicidade ou transparencia ofendam a decencia e o pudor publico.

Sobre o assunto publicou o «Seculo» Ha 14 o seguinte artigo de fundo:

O nudismo

Fêz a direcção Geral da Segurança Publica publicar uma nota, annunciando que vai adoptar todas as providencias necessarias para reprimir o nudismo nas praias portuguezas e obrigar quem se frequente a apresentar-se vestido de modo que não afronte a moral publico. São conhecidas as opiniões desta jornal sobre este assunto que não é tão banal nem tão corriqueiro como á primeira vista poderá parecer. Por mais duma vez nos temos insurgido, com aquella independencia de opiniao, que é nosso velho timbre, contra a exhibição do nu integral nas estancias turísticas e até contra aquelle semi-nu, tantas vezes mais provocador e mais indecoroso que o decentissimo completo, praticado sem o menor respeito pelas que o não seguem e julgam que a humanidade ainda não regressou a um

primitivismo, que justifique tais exa-geras.

Não se julgue, porem, que pelo facto de condenarmos o nudismo exhibicionista, o culto ao sol e da luz, levado ao extremo, pretendemos fazer regressar a gente portugueza, sobretudo a gente nova, apaixonada pelo movimento e pelo ar livre, a epoca que, apesar do não irem muito distantes, nos pareça já prohibitoria. Nada disso! O século é, neste caso, como em tantos outros, não contra o uso, mas contra o abuso. E' contra o essencial, que a pratica do nudismo possa provocar; contra a afronta ao pudor, que da exhibição dos corpos, isentos de roupagens, possa provir. O nudismo cultivado sem restricções, é ainda intoleravel, porque restringe a liberdade dos frequentadores das praias, sujeitando-os que não deliram com os espectadores, que elle oferece, a uma especie de sequestro, que não passa dum castigo no seu respeito pela moral e pelas mulheres alheias. Mas, se somos contra o abuso escandaloso do nudismo e até contra o uso de indumentarias rudimentares, que tendão proteger a castidade e o pudor, eis compromettim-nos de que a propria ausencia total de vestuario, tambem somos contra um prohibicionismo que se attire no extremo oposto. A um excessivo intoleravel não pôde correspondere com outro, retrógrado e irracional, com as tendencias, as necessidades e os hábitos da vida moderna. Nem o nudismo do paraizo terrenal, nem que se elimine a propria folla de parre, nem os trajes sinistros

de ha trinta annos, com que rapazes e raparigas, os novos e os velhos, se defendiam dos olhares indecoros, no momento ciente em que se preparavam para afrontar as salmas ondas. Nenhum desses extremos nos agrada. Somos por meio contra um e outro.

Ja se ouço literal. O criterio a seguir deve estar no meio do termo. Forçar as raparigas e os rapazes do nosso tempo a regressar a um passado de que se libertaram liberar-se, obrigando-a a pararem-lhe, para o capitulo offeio do banho do mar e do banho da luz como se paravam-lhe os seus antepassados; condena-lhe a envugar-se calças de alfines, as batas de castorina, que iam até aos arbelhos, os bonnets de vendas e as camizolas de mangas a abocor ferrocemente nos pulsoes sem se soffrir a um falso poder conquistado da civilização, que não ha o direito de estrangular, embora haja o de se erigir, que desambem, em praticas incompatíveis com a virtude e com o respeito, que os humanos devem uns aos outros. Ha, pois, um abismo entre o nu a male e o nu a meno, que só o são criterio dumta autocracia, integradas nos tempos que correm, pode evitar, pondo em pratica rigora, que a ninguém irritem e a todos castigarem.

O nudismo não é fruto que tenha irracionalmente espontaneamente em Portugal. Pode ter sido importado. Pode, ter vindo doutros países. Frazimos, porem, que o habito moderno de expor os corpos aos raios do sol e ás brisas maritimas provem duma neces-

avidez organica que não ha maneira de lidar. O que e necessario é que cada um procure atende-la sem atentar contra o pudor alheio, sem provocar o escandallo sem afrontar aquelles que ainda possuem que para se ser forte e robusto, para se ter saude e alegria não é preciso curtir a pele ao sol de agosto ou submergê-la á soledade do mar e sal marinho. A liberdade de cada um deve ir só até onde principia a liberdade do vizinho. Levá-la mais longe é entrar pelo campo da provocação e da violencia, do qual raras vezes se sai ileso. No dia em que todos comprehendam estas verdades fundamentais, o nudismo regressará sem esforço á proporção de que nunca se devia ter afastado.

A materia que a Direcção Geral da

Seguranca Publica se propõe regular é das mais delicadas. Não pode ser redunda ás suas proporções naturais nem metida nos limites que lhe competem, por meio de medidas arbitrárias, que vão mais longe do que deviam ir. As novas gerações apresentam-se d'vidas d'uma maior resistencia fisica e revelam uma evidente tendencia para se desenvolver com mais pujança, sobretudo por praticarem os desportos com assiduidade e fazerem uma vida de ar livre, a que ha duas d'zias de annos só raras se entregavam. Não custaram, por um excesso de zelo, destruir o que tanto tem custado a alcançar. Solidão, não nos ataquemos da Europa civilizada. Combatamos o nudismo escandaloso, o nudismo exhibicionista, o nudismo que não res-

peita mulheres nem crianças e se estabeta onde lhe apetece, sem se importar com quem está nem com quem passa. Mas deixa-se a mocidade, decentemente vestida, mas vestida como a mocidade se veste em todas as praias do mundo, mergulhar no mar e no sol para vir a ser mais forte, para ter mais saude e poder resistir mais facilmente ás duras batalhas, que tiver de travar na vida.

De O Seculo de 14.

As Associações protestaram porque o publico se retraiu na compra de fates e uma explicação surgiu de que só o nudismo não era prohibido, e tudo ficou em bem. Resumo: Nudismo integral só no país dos homens nus. Nudismo estabillizado pela Costa do Sol, permitido.

MOVIMENTO DESPORTIVO

O movimento desportivo do mês de Junho, que segue nas notas abaixo, presentea-nos com um triunfo valioso dos cavalleiros portugueses na «Taça de Ouro» da Península, em Madrid, e ainda com a conquista não menos valiosa do «Grande Premio» de Lisboa.

As provas automobilisticas forneceram-nos a esplendida classificação de Vasco Saneiro no circuito de Montjuich, em Barcelona.

Está prestes a terminar o desporto do mês das multidões: o foot-ball.

Falta apenas o desporto decisivo, Belenenses-Sporting, aquelle que nos vai dizer o futuro campeão de Portugal.

De notavel, nesta competição, a victoria do Sporting sobre o F. C. do Porto, o grupo favorito do titulo de campeão.

Este ano o campeonato de Portugal fiouza na posse dos desportistas lisboetas.

Campeonato de Portugal de foot-ball — Continuou a disputar-se a competição maxima do foot-ball nacional. Os dois jogos da primeira mão dos quartos de final que estavam retrandados deram-nos os resultados seguintes: Sporting 2-Marinheiro 1; Salgueiros 2-Vitoria 1.

Os jogos da segunda mão forneceram-nos os seguintes vencedores: Benfica 4-Porto 2; Marítimo 1-Sporting 0; Belenenses 2-Barretrense 1; Vitoria 4-Salgueiros 2.

Nesta jornada ficaram empatados, o Belenenses e Barretrense e o Vitoria e o Salgueiros, pois obtiveram o mesmo goal average da primeira mão.

Em jogos de desempate, o Belenenses e o Vitoria venceram, respectivamente, o Barretrense e o Salgueiros, passando, portanto, para o terreno das meias-finaes.

A primeira mão das meias-finaes, em Lisboa, deu os seguintes resultados: Belenenses 4-Vitoria 1; Sporting 1-Porto 1.

Em jogos de segunda mão ficou apurado para a final o Belenenses, pois empatou com o Vitoria, em Setúbal, por 3-3. O Sporting empatou de novo com o Porto, na cidade Invicta, por 0-0.

No desporto de desempate realizado em Coimbra o Sporting venceu mercavelmente o F. C. do Porto, por 3-1, apu-

rando-se para a final juntamente com o Belenenses.

Ciclismo — Na corrida dos 80 quilometros da U. V. P. José Maria Nicolau do S. L. B., triumphou brillantemente, estabelecendo o novo record da prova: 1 h. 28 m. e 5 s.

Conseguiu a segunda classificação um principiante, Joaquim Aguiar, que foi a revelação da prova.

— Nos 100 quilometros classicos Ezequiel Lino, do S. C. P., depois duma prova emocionante, conseguiu pôr o record da prova em 3 h. e 31 m.

Nicolau e Prudente tiveram tanta queda a um quilometro da meta. Nicolau chegou em segundo lugar.

— O circuito de Palmela, promovido pelo Palmelense, foi ganho por Alfredo Trindade, do S. C. P., que levou o tempo seguinte 2 h. 54 m. e 20 s.

Nicolau e Ezequiel Lino classificaram-se em segundo e terceiro, respectivamente.

Motociclismo — Organizada pelo S. L. B. effectou-se a prova Lisboa-Paro-Lisboa, que forneceu a seguinte classificação: 1.º José de Sá Pinto, com 13 pontos; 2.º José Martins, com 17 pontos; 3.º Alvaro Queirão Ferreira, tendo triumphado na classificação por equipas, o Sport Lisboa e Beja.

Automobilismo — Realizou-se a II

Prova de Resistencia e Turismo da volta a Portugal em automovel que nos forneceu a seguinte classificação final:

Grupo A—1.º, Julio da Costa Trigo, com 66,61 pontos, Grupo B—1.º, Armando Stocker, com 66,54, Grupo C—1.º, João Gellweiler, com 67,41.

Em face dos resultados os três primeiros classificados foram os srz. João Gellweiler, em «Roux-Terraplane»; Armando Stocker, em «Triumph», e Augusto Campos, em «Triumph».

— O III Circulo de Vila Real forneceu a seguinte classificação: 1.º Vasco Saneiro, em «Alfa-Romeo»; 2.º Alfredo Marinho, em «Bugatti»; 3.º Artur Barbosa, em «Chrysler-Plymouth».

Leun-tenis — Terminou o campeonato de Portugal tendo-se apurado os seguintes campeões para 1932:

1.ª categoria — Singular-senhoras: D. Angelica Planter, Singular-homens: Domingos Avillez, Pareo-homens: Antonio Casanova e Rodrigo de Castro Pereira. Pareo-srizes: D. Maria Teresza Cunha e Antonio Pinto Coelho.

2.ª categoria — Singular-homens: Fernando de Oliveira e Castro, Pareo-homens: Eduardo Correia Pereira e Fernando Mendes de Almeida, Pareo-srizes: D. Joana Heredia e José Manuel Hoagete, «Juniors» — Singular-senhoras: Fernando de Oliveira e Castro.

— Continua a disputar-se, Interclubes, a Taça Pinto Basto.

Hípico — Effectuaram-se nas provas do XXII Concurso Hípico de Lisboa. Damos a seguir as classificações dos cavalleiros nas varias tapas e provas que se disputaram. A Tapa Omeiras, foi ganha por Bento da França, com Bonny; a prova de Caçá, pelo marquez do Fundão, com Capucho; a prova Elegancia, pela srz. Assarosa, por D. Vera Bliebernicht, que triumphou tambem na prova Anagnons montando o Jiloso; a prova Nacional, por Mena e Silva, no Kalife; na prova Habits Rougez triumphou Octavio da Silveira, montando o Valdeco; a prova Equipes foi ganha pelo conjunto do estado maior de cavalaria: José Beltrão, na Fossate; Ivens Ferraz, na Saquidie, e Bento da França, na Arlette; a prova Sociedade Hípica pela



Mariana: — Com o meu cavallo eu não irei tão depressa, mas o trajecto será mais seguro.

cavalheiro espanhol D. Manuel Silió, que montava *Vaguedad*; a prova *Serpentes* deu a seguinte classificação: 1.º ex-ecução, José Graça, no *Régulo*, e Moisés Matos, no *Góe*.

O Grande Premio, a prova mais importante do concurso, foi ganho pelo marquez do Punchal, montado no *Alfiro*. No último dia do Concurso disputaram-se as provas *Discípulos e Salfos por três* e a *Taça de Honra*.

Na prova *Discípulos* triunfou Pedro Garção, no *Olimpio*, e a *Salfos por três* foi ganha pelo grupo constituído por: D. Manuel Silió, no *Vaguedad*, Americo Gonçalves, no *Bébi*, e D. Fernando Artales, no *Formidabile*.

O cavaleiro espanhol, D. Diego Torres, triunfou na *Taça de Honra*, montado no *Formidabile*.

Hockey—O campeonato de Lisboa de Hockey em campo foi ganho pelo Internacional. O Benfica ficou campeão em reserva e segunda categoria.

—Começou o campeonato de Lisboa de hockey em patins, no rink de Benfica, com o Torneio Iniciação.

Egrima—O campeonato de espada de terceira categoria, forneceu a seguinte classificação:

1.º Alferes Machado da Silva, 7 vitórias e 1 derrota; 2.º Capitão Jorge Oom, 6 vitórias e 2 derrotas; 3.º Oliveira Reis, 5 vitórias e 3 derrotas; 4.º Alferes Alvaro Cunha, 4 vitórias, 4 derrotas e 18 toques recebidos; 5.º Vasco do Couto, 4 vitórias, 4 derrotas e 17 toques recebidos; 6.º Carlos Dias; 7.º Alferes Filomena Araujo; 8.º Alferes Figueiredo; 9.º Carlos Amaral Neto.

Os resultados do campeonato de segunda categoria foram os seguintes: 1. Arsenal Corderio, com 4 vitórias,

1 derrota e 7 toques recebidos; 2.º Dias de Sousa, com 3 vitórias, 2 derrotas e 7 toques recebidos; 3.º Fernando Martins, com 3 vitórias, 2 derrotas e 10 toques recebidos; 4.º Luiz Teixeira, com 2 vitórias, 3 derrotas e 11 toques recebidos; 5.º segundo tenente Pina Cabral, com 2 vitórias, 3 derrotas e 13 toques recebidos; 6.º Gabriel Napoleão, com 1 vitória, 4 derrotas e 14 toques recebidos.

Atletismo—Os campeonatos nacionais de juniores que se realizaram no Porto, no Estádio do Lima, forneceram os seguintes resultados:

80 metros: José Julio Duarte (Anadia), 9".

300 metros: Manuel Marau (Gaia), 39" 1/5.

1.500 metros: Francisco Carvalho (Vendelões), 2' 49" 4/5.

3.000 metros: Francisco Carvalho (Vendelões), 9' 29" 3/5.

83 barras: Monteiro Martins (Sport), 13" 1/5.

5x80: Académico F. C., 46" 4/5.

Altura: Tavares Junior (Acad.), 1º, 10".

Comprimento: Tavares Junior (Académico), 6º, 29".

Vara: Rogério Moraes (Gaia), 3º, 10".

Peso: Silva Fino (Benfica), 13º, 07".

Disco: Silva Fino (Benfica), 31º, 17".

Dardo: Merceno Veiga (Académico Coimbra), 40º, 92".

Handball—Terminou o campeonato de Lisboa, tendo ficado apurado campeão de primeira categoria, o Club Académico.

Continua a disputar-se o campeonato de Lisboa de water-polo.

—O Bom Sucesso passou à Divisão

de Honra da A. F. L., depois de ter derrotado o Sacavenense por 2-0.

—O Lusitano Gimnástico Club, de Erora, foi condecorado com as insígnias da Ordem de Cristo.

—Passou o 18.º aniversário do Sport Algés e Dafundo que em comemoração organizou interessantes provas de natação e water-polo na sua piscina em Algés.

—A Associação de Natação de Lisboa promoveu a sua festa anual com um valioso programa que se efectivou na piscina do Sport Algés e Dafundo.

—O Ateneu Comercial de Lisboa levou a efeito um «mas desportivo» com a realização de varias provas.

—O F. C. do Porto cortou as relações de amizade com o S. L. Benfica.

—O Club Nacional de Natação foi o vencedor da Taça Alvaro Costa, em ping-pong.

—Continuam a disputar-se as provas de vela para a Taça Alvaro Gaia.

Estráspeiro—Os portugueses ganharam, no concurso hípico de Madrid, a Taça de Ouro da Península. A nossa equipa era assim constituída: capitão Ivens Ferraz, no Marco Vireosif; marquez do Punchal, no Capucho; Mena e Silva, no Watsky, e Bueta Martins, na *Bealieu*.

—No circuito de automóvel de Montjuich, em Barcelona, o português Vasco Sameiro classificou-se em segundo lugar, guiando um Alfa-Romeo.

—O campeonato da Espanha, de foot-ball, foi ganho pelo Atletico de Bilbao, que venceu, em Barcelona, o Madrid F. C. por 2-1.

—A Volta à Catalunha, em bicicleta, foi ganha por Bouet, um rapaz de 19 anos.

—Começou a disputar-se a Volta à França, em bicicleta.

CULINARIA E GASTRONOMIA

A Sociedade Portuguesa de Gastronomia, não ha muito fundada tem por fim é «promover o estudo dos alimentos quanto à sua origem, produção, fabrico, apresentação e paladar para conseguir melhor-los, fazer ressaltar a cozinha nacional, melhorando-a elevando-a ao lugar que deve ter, defendendo a cozinha regional e os productos alimentares portugueses de primeira qualidade; promover exposições, concursos, semanas de culinaria e fazer publicações concernentes á gastronomia e ao turismo nacional; criar em cada região núcleos de emulação propósitos a elevar o nível da cozinha local e a manter as boas tradições culinarias; fazer propaganda e afirmar o valor dos bons productos nacionais, encorajando as suas boas qualidades e a sua apresentação condigna, quer para consumo do país, quer para exportação; apontar as fraudes alimentares e lutar contra a concorrência dos productos estrangeiros; colligir elementos para a Historia

da cozinha e da alimentação portuguesa nas suas características e nas suas influencias estrangeiras; promover e auxiliar a criação de escolas culinarias e de serviços caseiros; prestar homenagem aos escritores e homens de ciência que têm lutado por melhorar as condições de alimentação base da vida sã e duradoura, em resumo: A sociedade dá todo o seu concurso á boa cozinha e aos bons productos, procura melhorar o turismo tornando-o mais agradável, indicando onde se encontra o conforto e boa mesa nos hotéis, restaurantes e pensões, incitando e encorajando a conservação das tradições e costumes que mereçam respeitar-se». São 40 apenas os socios pelos Estatutos e o seu numero está preenchido pelos srs. drs. Borges de Sousa, Albino Forjaz de Sampaio, dr. Aleu Saldanha, Alvaro de Laercida, dr. Antonio Bustorff Silva, Antonio Maria de Oliveira Belo, dr. Antonio Soares Franco, Automovel Club de Portugal, dr. Aze-

vedo Neves, dr. Candido Sotto Mayor Junior, dr. Carlos de Melo, Carlos Nunes Teixeira, Carlos de Oliveira, dr. Cesar Mendes, Conde Penha Garcia, Diogo Joaquim de Matos, dr. Eduardo Burnay, dr. Eduardo Fernandes de Oliveira, Ermete Pires, dr. Ernesto Roma, Fausto de Figueiredo, Fortunato Abecassis, Francisco Meira, Guilherme Cardim, dr. Innocencio Camacho, Jaime Verde, dr. João Duarte Silva, João Sequeira Nunes, José Eugenio Duarte Teixeira, dr. José de Figueiredo, dr. José Maria Rangel de Sampaio, Professor Luiz Cincinnati da Costa, dr. Mario Pinheiro Chagas, dr. Ramada Curto, Raul Lino, dr. Roberto de Almeida, Salomão Seruya, Professor Tavares da Silva e Pedro Bordalo Pinheiro.

Já realizou três reuniões: a 1.ª almoço em casa do dr. Bustorff Silva, a 2.ª em Azeitão, a 3.ª jantar no Hotel Palacio do Estoril, e a 4.ª no dia 11 de junho, almoço a bordo da fragata «Afonso de Albuquerque»

A CARICATURA EM PORTUGAL



—Gostava de ter dinheiro para ir vêr
está fila, deve ser muito bonita!



—Porque estás a chorar, homem?! Pa-
rece que o barco é teu!

(Do Sempre Fixe)



Uma obra prima da consagração aos Santos

(Desenho de Stuart de Carvalhais)

LUA DE MEL



Primeiro mês



Segundo mês



Terceteiro mês

(De O Primeiro de Janeiro (Porto))

À CARICATURA NO ESTRANGEIRO

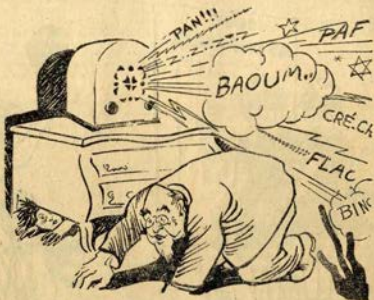
O imposto sobre os aparelhos da T. S. F.



No caminho de ferro

— Os seus bilhetes, se fazem favor!
— Um minuto apenas. O Tulo engu-
lhi-os.

(Do Paris-soir)



— Está furioso porque o declarei ao Fisco.

(Do Paris-midi)

A MODA



— Foi um homem que se suicidou, debaixo de um carro electrico. Ditem que os mirones... que bela caldeirada...

(Do Le Journal)

(De Le Journal, Paris)



— Vou cantar-vos uma canção em chinês, mas prestino-vos de que é um pouco fresca.

(Do New York)



A origem do camelo

(Historia sem palavras)

(De Le Rire, Paris)

EDIÇÕES DA "RENASCENÇA GRAFICA"



«Este livro foi escrito sobre o mar. No recolhimento da cabana de um navio de guerra, à pura sem que as embarcações dormiam sobre os turcos, ia traçando rapidamente as iniciais impressões num diário de viagem. Por vezes, nas tardes lentas do Egipto, da Tunísia ou da Fenícia Palestina, sentava-me à mesa de um escaifejta árabe e sentia invadir-me docemente o encanto do Islam. O meu caderno enchia-se então de apontamentos copiados do natural. Guardo com saudade e recordação de algumas notas de côr, de certos perfis hieraticos de mulheres egípcias, de duas ou três ruas melancolicas da velha Jerusalem. De toda a viagem, a impressão que ficou mais nitidamente gravada no meu espirito foi aquella que recebi em contacto com as populações submetidas do Islam, com os longos albornozes que desde seculos inclinam a fronte diante do «mirhab», ao sol poente. E quando regressava a bordo, depois destas rapidas peregrinações pelos lugares santos da Historia e da Religião, sonhava horas inteiras—diante do Mediterraneo azul—com os dias longinquos em que a gloria de Carthago florescia sobre a colina de Byrsa e o mar da Califia reflectia o sorriso doce de Jesus. No silencio da noite, quando ela transmittindo, febrilmente, ao papel os meus apontamentos, o relógio batia a uma hora da madrugada e ouvia-se na ponte, invariavelmente, a voz do official de quarto:

—Cabo de quarto! Cinzas!

Ainda tenho no ouvido a toada dessa voz—que era sempre a mesma. Ao lado do meu camarote, permitia uma espreitagem de roldana e dois marinheiros, com os olhos ainda cheios de sono, começavam lentamente a deltar as cinzas ao mar...

Recordações do tempo que se viveu, cinzas do passado—que ainda conservam muito chegado ao peito o calor da saudade.

(Do prefácio do autor)



PORTUGUESES
EM ROMA

SOPHISTO DE AVACU

«Este livro não é obra de um literato, é obra de um jornalista. A literatura caberia dentro destas crônicas ainda a literatura das viagens—a mais bela, por ser mais espontanea de todas—mas não houve tempo de a tentar.

Foi muito que o autor nelle tenha posto a sua sensibilidade, o certo é que pela natureza do acontecimento não ha nestas paginas intimismo ou sensação original, tudo é fotografia de factos, visto na sua exactidão exterior pela subjectiva dessempeçada e sincera do cronista.

Fé a Peregrinação sempre, a viver, a ouvir a palavra de Deus, a rezar, a sentir a majestade da Igreja, a posar no seu templo, na sua cidade, no seu portuense: abraçada à sua Fé, ao seu suor à terra patria, que ficou cá longe a três mil quilómetros de estrada de ferro e de mudança.

A Peregrinação portuguesa, a primeira no mês de maio, foi linda e foi altamente espiritual. Não apenas por ser uma afirmação de Fé, mas mais por ser uma afirmação de beleza.

Depois da embaixada de Tristão da Cunha, opulenta e deslumbrante, plena de efeitos politicos e reflectora de um grande poder temporal—não voltara à Roma dos Papas outra embaixada portuguesa.

Therevi setas crônicas na luz-luz do dia e da noite, muitas vezes afinado na mesa do meu quarto de hotel, ouvindo cá em baixo o tumulto da Roma de Vittorio Emmanuel, outras vezes nas mesas dos cafes, no convívio da belem livre e luxuriante, envolto na legítima poeira de ouro, tomado da sensação profunda da frescura que ali anda no ar e à superficie das coisas, ouvindo cantar as fontes pagãs do Renascimento e tocar os sinos místicos de frestadas igrejas.

(Do prefácio do autor)

O Diário de Lisboa (edição mensal)

procura elucidar o público de uma maneira sintética e completa de todos os factos, acontecimentos e ideias, inventos, modas, de tudo enfim o que acontece e vai pelo mundo. Procura preencher uma lacuna, como é uso dizer-se, procura ser útil e, para isso, se o público o ajudar, melhorará todos os números as suas secções. Colaboração especializada, advogados, professores, médicos, engenheiros, literatos, artistas, músicos, homens da finança e homens do comércio, homens do mar e da guerra, aviadores e industriais, todos enfim que representem um sector da vida moderna, todos serão buscados para darem o seu saber, iluminarem o seu sector com as luzes da sua experiencia e o saber de uma vida a ele devotado. Este numero é um ensaio. Bom? Procurará melhorar. Mau? Faremos o possivel por que seja bom.

O DIARIO DE LISBOA (edição mensal) dividir-se-á nas seguintes secções:

- I -- Ciências sociais e politicas. Direito.
- II -- Comercio, Industria, Tecnologia, Agricultura.
- III -- Ciências.
- IV -- Historia e Geografia.
- V -- Letras.
- VI -- Arte.
- VII -- Vida social.

O DIARIO DE LISBOA (edição mensal) receberá de bom grado informações e sugestões dos seus leitores, indicações de nomes para a sua expansão, etc.

Desenvolverá as suas secções, procurando evitar o desequilíbrio que é obvio os seus primeiros numeros hão de ter; procurará enfim servir de orgão orientador e informativo dos homens que desejam uma vida retrospectiva que mês a mês os ponha a par de tudo e lhes preencha as lacunas que o tempo, os afazeres, ou o dinheiro, a todos estabeleceu.

Toda a correspondencia e assuntos de redacção devem ter bem legivelmente a Redacção do DIARIO DE LISBOA (edição mensal).

Todos os assuntos de administração apenas á Administração do DIARIO DE LISBOA. Os preços de assinatura são:

Um ano (12 numeros) 25\$00

Um semestre (6 numeros) 15\$00

Numero avulso 2\$50

África Occidental, India, Macau e Timor Um ano 27\$00, um semestre 16\$00

África Oriental e Estrangeiro Um ano 26\$00, um semestre 16\$00

Publicidade:—O DIARIO DE LISBOA (edição mensal) feito para pessoas cultas, servindo um publico especial e durante 30 dias, alem da sua incorporação em collecções, é util a livrarias, collegios, papelerias, impressas, etc. Estabelecemos preço convencional e equitativo, no proposito de prestarmos ao publico que nos lê, com os nossos anuncios, uma honesta e segura fonte de informações. Dirigir á Administração do DIARIO DE LISBOA, Rua da Rosa, 57. Telefones 2 0271, 2 0272 e 2 0273.